CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

# ESCREVIVÊNCIAS E AGROECOLOGIA: (RE)EXISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO DE VIDA DE UMA MULHER PRETA NO COLETIVO ALAÍDE REIS DO MST/ PIRAÍ/ SUL FLUMINENSE-RJ

Maria Aparecida Vieira Albano Ferreira

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Orientador: Prof. Dr. Mário Luiz de Souza

Rio de Janeiro
Agosto/2022

**ESCREVIVÊNCIAS E AGROECOLOGIA: (RE)EXISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO DE VIDA DE UMA MULHER PRETA NO COLETIVO ALAÍDE REIS DO MST/ PIRAÍ/ SUL FLUMINENSE-RJ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título em Mestre em Relações Étnico-Raciais.

Maria Aparecida Vieira Albano Ferreira

Banca examinadora:

_____

Presidente, Prof. Dr. Mário Luiz de Souza (CEFET/RJ) (Orientador)

_____

Profa. Dra. Warley da Costa (UFRJ)

_____

Profa. Dra. Maria de Fátima Lima Santos (CEFET/RJ)

Suplentes:

_____

Prof. Dr. Dyego de Oliveira Arruda (CEFET/RJ)

_____

Prof. Dr. Flavio Anísio Andrade (UFRRJ)

Rio de Janeiro
Agosto/2022

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

F383 Ferreira, Maria Aparecida Vieira Albano
Escrevivências e agroecologia: (re)existência e transformação de vida de uma mulher preta no Coletivo Alaíde Reis do MST/ Piraí/ Sul Fluminense-RJ / Maria Aparecida Vieira Albano Ferreira – 2023.
108f. il. (algumas color.) + anexos , enc.

Dissertação (Mestrado). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2023.
Bibliografia : f. 103-108
Orientador: Mário Luiz de Souza

1. Relações étnicorraciais. 2. Mulheres na agricultura. 3. Produção familiar rural. 4. Coletivo Alaíde Reis (Pirai-RJ). I. Souza, Mário Luiz de (Orient.). II. Título.

CDD 305.8

Elaborada pelo bibliotecário Leandro Mota de Menezes – CRB/7 nº 5281

## DEDICATÓRIA

Às pretas da minha vida!

Às minhas tias maternas!

E à protagonista, Relma Aparecida, como luzeiro e ponte de travessia de mulheres pretas do MST-RJ e de muitas de nós!




Relma e Cida Albano em “Card” do convite à Turma Wakanda PPRER/CEFET-RJ (2019-2022) para a Defesa de Dissertação de Mestrado. Fotografia por Érica Mota, Produção de arte gráfica por Cristhiane Malungo.



Minha mãe Eureny (in memoriam). Acervo pessoal.



Minha mãe Eureny, meu pai João e meus avós maternos Mira Xavier e Ismail Vieira (in memoriam). Acervo pessoal.



Minha tia Esmar, a qual também chamávamos de tia Eunice, em dois momentos da vida (in memoriam). Acervo pessoal.



Minha tia Hiltes em dois momentos de vida, a que se fez rainha e nos deixou um legado de sabedoria (in memoriam). Acervo pessoal.



Minha tia Irene em dois momentos de vida. Acervo pessoal.



Relma Aparecida. Acervo pessoal de Relma Aparecida.

# AGRADECIMENTOS

Ao Espírito da vida divina que habita em mim mesclado ao meu espírito.

Aos meus irmãos Marcos Aurélio e Luiz Antônio, meus amigos de vida.

Aos meus camaradas da 32ª Turma de Formação de Monitores do Núcleo de Educação Popular–NEP 13 de Maio.

À Relma Aparecida Cândido Damasceno, protagonista desta pesquisa, mulher preta e da Coordenação Regional de Comercialização e Coordenação Política do Coletivo Alaíde Reis- MST-RJ como luzeiro e ponte de travessia de mulheres do MST-RJ e de muitas de nós.

À Érica Mota - Prof. de Estado licenciada e parceira do MST pela camaradagem no apoio aos deslocamentos e à participação nos trabalhos de campo desta pesquisa ao território do Assentamento Terra da Paz, Coletivo Alaíde Reis/MST-Sul Fluminense.

À Fátima Lima – Profa. da UFRJ e do PPRER-CEFET/RJ minha "ORI" querida que transpira amparo e "cura" ao nos abrir oportunidades de escritas científicas e pretas de nós. Fátima Lima que na convivência se transmutou em "barco" a nos acolher nas travessias da vida e para mim o foi nesse período de dores e traumas da minha existência em tempos de COVID-19, quando vivenciei na psiqué a violência de gênero na vida doméstica. Gratidão Fátima por nos cativar e incentivar nas nossas escritas científicas pretas no espaço institucional do PPRER. Gratidão por nos guiar pelos caminhos das "escrevivências" de Conceição Evaristo e de outras pretas a mim desvendados desde os seus cursos e nas contribuições na minha qualificação, determinantes para o processo de escrituração e defesa desta dissertação deste mestrado. Gratidão por tanta inspiração de vida, por confiar e ser suporte psicológico.

À Vanessa Schottz –Profa. da UFRJ e da UNIRIO. Foi componente da minha Banca de Qualificação de Dissertação de Mestrado – PPRER-RJ e facilitadora do II Módulo do Curso Livre CaipiraTech –SILO na temática Cadernetas Agroecológicas-CA, no qual tomei conhecimento desta ferramenta político-pedagógica(2020). Vanessa Schottz você é uma inspiração para mim. Gratidão pelas fontes indicadas e pelas suas contribuições.

À Warley da Costa – Profa. do PPGEH/UFRJ gratidão pelo cuidado carinhoso e por me enviar as suas observações, valiosas anotações e referências resultantes da sua participação nesta Banca Examinadora.

À Cristhiane Malungo – Mestra pelo PPRER–CEFET/RJ (2019-2021) por todas as pretas que estiveram e àquelas que ainda farão a mesma trilha. A esta irmã maravilhosa que soube inaugurar e imprimir uma escrita científica e preta como sua marca indelével no PPRER-RJ, sendo o meu suporte, caminho, luz e inspiração na finalização desta dissertação. E para além disso, gratidão pela produção da arte visual do *"Card"* do convite e dos slides de apresentação de defesa desta dissertação.

Á Danielle Chaves - Mestra pelo PPRER- CEFET/RJ (2019-2022), irmã maravilhosa gratidão por disponibilizar o seu coração generoso e pelo estender das suas mãos na minha direção.

À Larissa de Moraes - Mestra pelo PPRER PPRER- CEFET/RJ (2019-2022) pelo exercício do comprometimento e suporte mútuos na jornada do PPRER-RJ.

Ao Jorge Márcio do Nascimento - Mestre pelo PPRER –CEFET/RJ (2018-2020) irmão de Fé quem sustentou minha perseverança e encorajamento em todo o período de escrevivência da dissertação e até hoje, por todos os pretos que estiveram no PPRER e àqueles/àquelas que ainda virão.

Ao Dyego de Oliveira Arruda - Prof. do PPRER-CEFET/RJ minha gratidão por esse coração acolhedor, por sua disponibilidade comprometida no nosso acompanhamento, pela sua disponibilidade amorosa como alimento de suporte ao conhecimento nas aulas e na escrituração de artigos científicos.

À Cristina Giorgi - Profa. do PPRER-CEFET/RJ minha gratidão pelo acolhimento fraternal nas suas aulas e pelo comprometimento de sua amizade e carinho honestos de cada instante no período de caminhada no PPRER.

À Luisa A. Peixoto – Mestra pelo PPRER-CEFET/RJ minha gratidão pela disponibilidade e gentileza do apoio à formatação desta dissertação.

Ao Fábio Sampaio - Prof. do PPRER-CEFET/RJ gratidão pelo acolhimento nas suas aulas e pelo comprometimento de sempre, sobretudo em me apoiar a acessar a gravação da minha qualificação, sem a qual teria sido muito difícil concluir essa dissertação.

Ao Prof. Roberto Borges - Prof. do PPRER-CEFET/RJ pela coragem e pela “ousadia” de compor e capitanear a equipe de formulação, implantação e implementação do Curso de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais no CEFET/RJ. Gratidão, sobretudo, por ter me proporcionado na minha vida inteira a primeira experiência de me ver e estar reunida com mais de 300 (trezentos) corpos pretas/os de mulheres e de homens, graduadas/os e reunidos num mesmo espaço físico para a finalidade de participação em processos seletivos ao Mestrado do PPRER-CEFET/RJ em 2018 e 2019. Gratidão pela sua postura de “enfrentamento” à perplexidade de muitos diante do impacto da presença de tanta gente preta “(des)organizando” espaços públicos há muito institucionalizados à manutenção de privilégios da branquitude.

Ao Mário Souza – Prof. do PPRER-CEFET/RJ gratidão pelas suas aulas e cursos.

À Cinthya Mendonça da Direção da SILO – Arte e Latitude Rural como representação da organização da sociedade civil que formulou e disponibilizou o “Curso Livre CaipiraTech Lab (2020)”, do qual participamos Ednéia(Quatis/Coletivo Alaíde Reis/ MST-RJ), Relma Aparecida (Piraí/ Coletivo Alaide Reis/ MST-RJ) e eu como produtoras rurais sob os princípios da Agroecologia e às demais camaradas que lá estiveram.

Ao CEFET/RJ pela disponibilidade de bolsa de mestrado durante o curso, e

Ao Coletivo Alaíde Reis do MST-Sul Fluminense/RJ



# RESUMO


**Escrevivências e agroecologia: (re)existência e transformação de vida de uma mulher preta no coletivo alaíde reis do MST/ Piraí/Sul Fluminense – RJ**

Esta dissertação traz como objetivo expor as narrativas da trajetória de Relma Aparecida e apreender, a partir da lógica dialética, como uma mulher preta, de instrução educacional básica incompleta articulou o conceito de escrevivência à produção agroecológica e teceu as suas bases de (re)existência como fio condutor de processos coletivos de transformação de vida no Assentamento Terra da Paz/ Coletivo Alaíde Reis/ MST-RJ. Relma Aparecida é trabalhadora rural e protagonista desta pesquisa, um corpo de mulher preta que se utilizou da Escrevivência, uma formulação epistemo-conceitual de Conceição Evaristo articulada à Agroecologia como suporte e ponte para a (re)existência e transformação de vidas. De sua (re)existência se registrou em detalhes um recorte da sua "[...] geografia afetiva [...]" retratando o memorial e o deslocamento histórico desde o seu espaço de nascimento, espaços de vivências e de construção coletiva de sentimentos de pertenças até as suas atividades de trabalho na produção familiar rural no Movimento dos trabalhadores Sem Terra – MST/RJ. Esse deslocamento se inscreveu no seu corpo/psiqué e no espaço-tempo, desde os primeiros trabalhos na pré-adolescência como catadora de recicláveis e de "borra", nos trabalhos de doméstica na vida de jovem adulta (RJ) e nos serviços prestados como trabalhadora na colheita de café (MG), na fuga do companheiro pela violência física e psicológica de gênero, o que culminou no retorno ao (RJ) e no seu protagonismo no Coletivo Alaíde Reis-MST/Sul Fluminense-RJ. O percurso teórico-conceitual e metodológico aplicado neste trabalho tem caráter qualitativo/interpretativo e utilizou-se do método histórico dialético de Marx (2013), Marx e Engels (2010; 2007) conjugado ao conceito de Escrevivências de Conceição Evaristo (2003) para a construção de saberes emancipatórios, assim como técnicas de pesquisa de Roda de Conversas presenciais com a participação de 3(três) pessoas. O resultado da pesquisa se apresenta no encontro de si, da sua (re)existência e transformação de vida, o qual se revelou e vêm se realizando no seio da luta coletiva nos Acampamento/ Assentamento Terra da Paz como trabalhadora rural familiar de base agroecológica, Coordenadora do Setor de Comercialização e Coordenadora Política do Coletivo Alaíde Reis/ MST, Pirai/Sul Fluminense-RJ.



**Palavras-Chave**: Trabalho na produção familiar rural; Mulher preta; Escrevivência; Agroecologia; Coletivo Alaíde Reis MST.

# ABSTRACT

**Writings and agroecology: (re)existence and transformation of the life of a black woman in the collective Alaíde Reis of MST/ Piraí/Sul Fluminense – RJ**

This dissertation aims to expose the narratives of Relma Aparecida's trajectory and apprehend, from the dialectical logic, how a black woman, with incomplete basic educational instruction, articulated the concept of writing with agroecological production and wove her bases of (re)existence as a guiding thread of collective processes of life transformation in the Terra da Paz Settlement/ Coletivo Alaíde Reis/ MST-RJ. Relma Aparecida is a rural worker and the protagonist of this research, a body of a black woman who used Writing, an epistemo-conceptual formulation by Conceição Evaristo articulated with Agroecology as a support and bridge for the (re)existence and transformation of lives. From its (re)existence, a section of its "[...] affective geography [...]" was recorded in detail, portraying the memorial and the historical displacement from its birthplace, spaces for experiences and collective construction from feelings of belonging to their work activities in rural family production in the Landless Workers Movement – MST/RJ. This displacement was inscribed in her body/psyche and in space-time, from her first jobs in pre-adolescence as a collector of recyclables and "dregs", in the domestic work in her young adult life (RJ) and in the services provided as a worker in the coffee harvest (MG), in the escape of the companion by the physical and psychological violence of gender, which culminated in the return to (RJ) and in its protagonism in Coletivo Alaíde Reis-MST/Sul Fluminense-RJ. The theoretical-conceptual and methodological path applied in this work has a qualitative/interpretive character and used the dialectical historical method of Marx (2013), Marx and Engels (2010; 2007) combined with the concept of Writings by Conceição Evaristo (2003) for the construction of emancipatory knowledge, as well as face-to-face Conversation Wheel research techniques with the participation of 3 (three) people. The result of the research is presented in the encounter of oneself, of one's (re)existence and life transformation, which has been revealed and has been taking place within the collective struggle in the Terra da Paz Camp/Settlement as a rural family worker with an agroecological base, Coordinator of the Commercialization Sector and Political Coordinator of Coletivo Alaíde Reis/MST, Pirai/Sul Fluminense-RJ.



**Keywords**: Work in rural family production; Black women; writing; agroecology; Coletivo Alaíde Reis MST.

# LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1 – Jornada Universitária Jura 2022 .....34**

**Figuras 2 e 3 – Notas de doação de alimento.....76**

**Figuras 4 e 5 – Imagens dos cultivos no Sítio Bela Vista, Relma Aparecida e eu .....81**

**Figuras 6, 7, 8, 9, 10 e 11 – Relma Aparecida e eu; Relma Aparecida, Erica e eu; Relma Aparecida; Fonte de água na propriedade; Relma Aparecida e eu; Relma Aparecida e eu.....82**

**Figura 12 – Nhoque de Aipim Caseiro“.....88**

**Figura 13 – Nhoque de Aipim Caseiro.....88**

**Figuras 14 e 15 — Geleia de jabuticaba e bolo de aipim .....92**

**Figura 16 – Bolo de Banana Vegano.....92**

**Figura 17 – Banana .....93**

**Figura 18 – Fátima Lima/UFRJ/PPRER/CEFET-RJ .....101**

**Figura 19 – Carolina Maria de Jesus. .....101**

**Figura 20. Conceição Evaristo. (Foto: Aline Macedo) .....102**

# SUMÁRIO

**Introdução** ..... **16**

A motivação e o problema de pesquisa ..... 27

O Objetivo Geral ..... 27

Os objetivos Específicos ..... 27

**1 – O percurso teórico-conceitual e metodológico: o materialismo histórico-dialético em diálogo com o conceito de escrevivência** ..... **30**

**2 – A Agroecologia e os Movimentos Sociais Populares** ..... **35**

**3 – Escrever sobre as nossas vivências pretas** ..... **48**

3.1 – Escrevivências de dois corpos pretas ..... 48

3.1.1 – Escrevivências de mim ..... 49

3.1.2 – Escrevivências de Relma Aparecida ..... 55

3.1.3 Escrevivências Gastronômicas ..... 86

**Considerações finais** ..... **97**

**Referências** ..... **103**

**ANEXOS** ..... **109**

# Introdução

> “Diante da noite não acuse as trevas,
> aprenda a fazer lume”
> Autora/or desconhecido

Estávamos em setembro de 2020 e o sentimento era de perplexidade diante deste momento histórico marcado pela insegurança pessoal e pelas incertezas coletivas no enfrentamento da pandemia novo coronavírus - SARS-CoV-2 /COVID-19[1]. A perplexidade do momento histórico se traduziu em nota da Comissão Especial para a Ecologia Integral e Mineração, da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, intitulada **“**Ecologia Integral: um caminho de vida e de cura para um planeta doente” na qual destacamos:

> [...] Aconteceu o que parecia impossível, parar a maquinaria produtiva. Mas a pandemia não é um simples acidente de percurso na história socioambiental do nosso mundo globalizado. Ela é o resultado de um conjunto de opções feitas ao longo dos últimos anos, que vulnerabilizam os corpos humanos, com alimentos cada vez mais processados e dependentes do uso intensivo de agrotóxicos e pesticidas, conectadas a um modo de produção e consumo que desmata, polui e aquece o planeta, que também empobrece uma parte crescente da humanidade[...] (DUARTE; FERREIRA, 2020).

A primeira contaminação pelo novo coronavírus foi identificada no Brasil no final de fevereiro de 2020, mas a declaração de transmissão massiva só se tornou reconhecida oficialmente no país em março de 2020[2].

Não bastasse a exploração da força de trabalho de mulheres e homens determinada pelo modo de produção capitalista (MARX,1986; MARX; ENGELS, 2002), desde 2016 milhões de famílias da classe trabalhadora enfrentávamos a precarização

---

[1] **SARS-CoV-2:** vírus da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, ele ficou conhecido, no início da pandemia, como “novo coronavírus”.**Covid19:** doença que se manifesta em nós, seres humanos, após a infecção causada pelo vírus SARS-CoV-2.Fonte: https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19. Acessada em julho de 2022.

[2] Agência Brasil. https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano. Acesso 14 jul. 2022.

das condições de trabalho pelo desmonte de políticas públicas sociais (GRANEMANN; BORDOTELLO, 2022).

Tais determinações foram impostas pelo programa político-econômico e fiscal herdados do governo anterior e sobredeterminadas no governo Bolsonaro. Exemplos desses agravos passam pelo rebaixamento de direitos do trabalhador e do valor da força-de-trabalho conjugados aos desdobramentos da pandemia (GRANEMANN, 2021).

Em todo o território nacional os rebatimentos dessas ações atravessaram sobremaneira a "produção e a reprodução material da vida social" (MARX, 1986). De um lado, fomos atingidos pelo "negacionismo" da urgência de adoção de medidas de proteção sanitária e ambiental em razão de, conforme Tereza Campello (2022),[3] o "próprio Estado atuar como o agente desorganizador do combate à pandemia". De outro lado, fomos premidos pelas restrições de circulação impostas pelo distanciamento social como medida de prevenção ao contágio e disseminação viral.

Como consequência vimos aumentar o número de mulheres e homens que perderam "as condições de produção dos meios materiais para a satisfação das necessidades humanas". (MARX, 1986). Em outras palavras, as perdas de postos de trabalho formal e informal desvelaram condições extremas de vulnerabilidade socioeconômica de milhões de famílias dado o aumento significativo de trabalhadores/as entregues à própria sorte, isto é: ou trabalhadores/as sem trabalho ou com trabalhadores/as em condições sobrecarizadas, sem teto e com fome (insegurança alimentar e nutricional)[4].Com base nestas questões se pode inferir que a realidade de extrema vulnerabilidade socioeconômica, ambiental e de saúde coletiva na conjuntura atual se configurou como uma resultante da crise econômica e política, a qual antecedeu e se conjugou à crise sanitária da COVID-19 ainda a vigir.

Entretanto, mesmo em face deste cenário, o Estado nacional decretou em Portaria GM/MS No. 913, de 22 de abril de 2022 "[...]o encerramento da Emergência em

[3] Durante o primeiro governo Lula a economista integrou equipe que criou o Bolsa Família em 2003 e em 2011 coordenou a criação do Plano Brasil Sem Miséria no governo Dilma. Atualmente, ela coordena a Cátedra Josué de Castro- Universidade de São Paulo.

[4] Alguns aspectos relacionados à Insegurança Alimentar e Nutricional, segundo a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional – LOSAN , Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006, referem-se à LOSAN como a "realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis" (BRASIL, 2006).

Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (2019-nCoV)[...]", (BRASIL,2022).

Cabe reforçar ainda que tais ações e omissões do (des)governo do Estado nacional expuseram milhares de pessoas desde o Norte a Sul e de Leste a Oeste à atual situação de insegurança alimentar e nutricional, deslocando-as para a margem do sistema de proteção, seja pelo desmonte das políticas sociais bem como pela precariedade da cobertura do auxílio emergencial 2021 (CAMPELLO, 2022).

Em relação à soberania e à segurança alimentar e nutricional, a Carta Política do II Encontro Nacional de Agroecologia, realizado no Recife-PE em 2006 explicitou:

> [...]As experiências de agroecologia, ao incorporarem dimensões da estratégia de segurança e soberania alimentar, articulam um amplo leque de iniciativas: o resgate e a conservação de sementes e raças animais locais e a diversificação dos sistemas produtivos, com ações voltadas para a valorização do auto-consumo; o resgate de culturas alimentares; a valorização do alimento de qualidade; a educação alimentar; a melhoria da saúde, assim como ações que tratam o mercado a partir da ótica dos consumidores, contribuindo para a construção de um novo padrão de consumo que valoriza a sustentabilidade ambiental, social, cultural e econômica. As práticas de agricultura urbana também têm contribuído efetivamente para o enfrentamento da insegurança alimentar das populações pobres das cidades. A intensificação e disseminação dessas práticas devem ser estimuladas pelas políticas públicas. É necessário valorizar o papel histórico das mulheres na construção da agricultura e na garantia da segurança alimentar das famílias e das comunidades, desde a produção e manejo dos recursos naturais, a promoção da saúde, o beneficiamento e a comercialização de alimentos e como detentoras do patrimônio culinário do nosso país. Essa valorização deve traduzir-se em políticas de empoderamento e autonomia das mulheres, gerando renda, distribuindo terra e os meios necessários para a garantia da segurança alimentar[...]". (CARTA POLÍTICA DO II ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2006, p.10)

Como contraponto ao estado de pauperização/ indigência da população atingida pelo desmonte de políticas públicas sociais se destacaram a solidariedade e a mobilização de movimentos e organizações da sociedade civil como formas de garantir alívio da fome imediata de parcela importante da população. Dentre as iniciativas desta natureza muitos foram os exemplos e ampla a diversidade de histórias de atuação, todas com foco nas dimensões social, econômica, política e ambiental, sobremodo

neste contexto da COVID-19; a saber, a “Cozinha Solidária” da sociedade civil do Rio de Janeiro, da ONG Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida[5].

Outro exemplo notório foi o da “Marmita solidária” do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST[6]. Nesta oferta as refeições foram preparadas por voluntários, a partir de toneladas de alimentos produzidos e doados pelos Acampamentos e Assentamentos do MST pelo Brasil adentro dada a sua capilaridade.

Na mesma linha, a “Cozinha solidária” do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto - MTST se propôs a combater a fome em vários estados do país, com pelo menos uma oferta de refeição ao dia para as populações periféricas nesse período de crise econômica, política, social, sanitária e ambiental[7]. Interessante destacar o incentivo do MTST quanto à conjugação de esforços do cultivo de hortas urbanas comunitárias para a autoprodução e consumo de alimentos pelas próprias “Cozinhas Solidárias”[8].

Tanto para a “Ação da Cidadania” quanto para o MST e o MTST estas doações buscaram e buscam suprir a urgência de quem tem fome. De forma que as refeições são conjugam uma estratégia de alimentação balanceada, nutritiva e saborosa para o corpo físico, mas também simbolizam formas de abraço e acolhimento de pessoas em vulnerabilidade social, política e econômica em plena crise alimentar.

Para brevemente situar a amplitude da abrangência de insegurança alimentar e nutricional, a situação vem sendo registrada e analisada a partir dos dados do II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil – II VIGISAN[9], haja vista o apagão de registros oficiais de Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020)[10].

---

[5] A organização da Sociedade Civil – ONG Ação da Cidadania nasceu em 1993 por iniciativa do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. https://www.acaodacidadania.org.br/.acessada em julho de 2022.

[6] O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST assumiu a ocupação de terras como sua principal forma de luta, organizada por meio de Acampamentos e posterior conquista de Assentamentos. Os acampamentos atuam como forma inicial de organização política, com dinâmicas próprias em cada território, as quais se desenvolvem até se consolidarem em assentamentos, estes reconhecidos pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA.

[7] Brasil de Fato. https://www.brasildefato.com.br/2021/05/13/impacto-da-fome-acoes-de-solidariedade-tentam-amenizar-desigualdade-no-rj

[8] Cozinha Solidária do MTST. https://www.cozinhasolidaria.com/o-projeto

[9] Rede PENSSAN - Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional.

[10] “Constitui a principal fonte de referência para o conhecimento das condições de vida da população em todos os municípios do país e em seus recortes territoriais internos, tendo como unidade de coleta a pessoa residente, na data de referência, em domicílio do Território Nacional”.https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=o-que-é. Acessada em junho de 2022.

Em meio a este cenário de pandemia, as nossas interações interpessoais externas se tornaram intensamente virtuais. E, dentre os vários formatos, desde aulas online a lives em diversas e plataformas digitais, uma chamada pública para um curso sobre sistemas alimentares de base agroecológica me chamou a atenção. Tratava-se de uma oferta da SILO – ARTE E LATITUDE RURAL, uma organização da sociedade civil-ONG conduzida por uma equipe de mulheres, mulheres comprometidas com a igualdade de raça e gênero.

> A Silo – Arte e Latitude Rural tem como missão criar e difundir arte, ciência e tecnologia em áreas rurais e em unidades de conservação ambiental por meio de experiências transdisciplinares imersivas e práticas ligadas a processos regenerativos de sustentabilidade e transformação sociocultural (SILO, 2020).

A SILO é uma escola rural em construção e surgiu em 2017, a qual disponibiliza cursos livres e transdisciplinares e se encontra localizada na área de Proteção Ambiental da Serrinha do Alambari, na Serra da Mantiqueira numa tríplice fronteira entre os estados de Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, região Sudeste.

Dentre os diversos programas e Cursos Livres, a SILO - Arte e Latitude Rural formulou e ministrou o curso Caipiratech Lab (SILO, 2020) sobre abordagens em “Gestão, Finanças e Comunicação”. O curso se propôs a coletar e disponibilizar contribuições e interpelações no que se referiu à força de trabalho da mulher na geração de valor e renda no âmbito da agroecologia em áreas particulares de cultivos e também no âmbito da economia familiar em assentamentos rurais.

O Caipiratech Lab se propôs ainda a **“**colaborar com o fortalecimento dos sistemas agroalimentares regionais e suas expressões culturais por meio de mapeamento, cursos e desenvolvimento de tecnologia”. O período de inscrição foi de 07 a 14 de setembro, cuja programação se organizou em 3 (três) módulos, sendo os encontros entre 16h e 18h.

Cabe ressaltar que o conceito de sistemas agroalimentares sustentáveis (SAS) abrange desde o acesso e preparo da terra, à água e ao seu uso, acesso aos demais meios de produção (máquinas e equipamentos), às formas de processamento, abastecimento, comercialização, distribuição da produção. Além disso, envolve a escolha, o preparo e o consumo dos alimentos e, ainda, a geração e a destinação final adequadas de resíduos na medida em que a totalidade destes fatores tendem influenciar na promoção da conservação ambiental, na promoção da diversidade da produção da alimentação saudável e sustentável, relevantes para a saúde coletiva (COSTA *et al*., 2021).

Os módulos do curso Caipiratech Lab (2020) foram formulados de forma a que a cada um dos encontros contasse com uma/um facilitadora/or específico, com experiências de vida e trabalho vinculadas à temática. A totalidade do curso foi permeada por trocas de conhecimentos, ilustradas por slides, planilhas, gráficos, narrativas de histórias de vida e de práticas individuais/coletivas cotidianas.

Os processos ensino-aprendizagem transcorreram sob técnicas interativas entre as/os participantes e momentos de práticas e partilha de questões. Numa descrição sucinta, o primeiro módulo abrangeu o tema Gestão e se realizou de 21 a 23 de setembro de 2020.

O segundo módulo abrangeu a temática sobre Finanças, o qual se realizou de 28 a 30 de setembro de 2020. Nesse módulo destacamos o tema Cadernetas Agroecológicas[11] e fortalecimento das mulheres agricultoras - GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia do Rio de Janeiro – GT Mulheres/ANA com Renata Solto, Yasmim Villaseca e Vanessa Schottz[12].

Inicialmente, as narrativas e as reflexões sobre as trajetórias das participantes me motivaram a trazer as Cadernetas Agroecológicas como elemento síntese de investigação de pesquisa, a partir das experiências e perspectivas da mulher, mulher trabalhadora rural e portadora de força de trabalho consumida em atividades produtivas e reprodutivas na economia familiar[13] em assentamentos do MST-RJ.

As Cadernetas Agroecológicas são uma ferramenta político-pedagógica e feminista para a mensuração, valoração e visibilização da produção feminina, a qual conjuga “os tempos” das atividades tomados no nas atividades produtiva e reprodutiva familiar. Essas atividades cobrem desde os cuidados “do lar”, da produção para o

---

[11] O conceito político-pedagógico de Cadernetas Agroecológicas por sua vez, me foi apresentado pelo Caipiratech Lab-SILO a partir de temas relacionados a agroecologia, sistemas agroflorestais, bioarquitetura, geração de energia, entre outros temáticas associadas à sustentabilidade social e às questões climáticas e ambientais(setembro/2020).

[12] A Dra. Vanessa Schottz é Profa. da Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Segurança Alimentar e Nutricional – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. –É educadora popular, e integra os Grupos de Trabalho da Associação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA) e da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (GT Mulheres da AARJ e também Coordena o Projeto de Extensão “Comida e Patrimônio”. Boletim – Portal_Caipiratech Lab. E foi em razão da sua facilitação do tema Cadernetas Agroecológicas no Caipiratech Lab-SILO (2022); e mais, em razão do meu encantamento pelo percurso de vida de Vanessa Schottz[12] e suas experiências trabalho vinculadas à temática que a convidei a compor a Banca Examinadora de Qualificação de Dissertação de Mestrado – PPRER. Infelizmente, a Profa. Vanessa se viu impedida de permanecer na Banca Examinadora de Defesa de Dissertação de Mestrado-PPRER por afastamento das suas atividades profissionais por motivos de luto familiar e de saúde pessoal.

[13] Totalidade das atividades produtivas e reprodutivas numa unidade familiar em assentamentos rurais.

autoconsumo, trocas, doação e economia de mercado. Foi criada pelo Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) em parceria com o Movimento de Mulheres da Zona da Mata e Leste de Minas.

Os objetivos das Cadernetas Agroecológicas são os de servir como registro e mensuração da produção das mulheres do campo para demonstrar a totalidade do trabalho das mulheres de suas atividades nos assentamentos e no lar, demonstrando o valor da dupla jornada feminina para o conjunto da economia familiar nesses territórios (CARDOSO *et al.,* 2019).

Nesse assunto intuí que as Cadernetas Agroecológicas se tornariam um instrumento e suporte técnico fundamental para o acompanhamento/ monitoramento, sistematização e avaliação do desenvolvimento de atividades não apenas de gestão como também de outras atividades pertinentes aos sistemas agroalimentares como no caso da produção da agricultura familiar.

Contudo, ainda na minha qualificação de mestrado ficou patente que no Coletivo Alaíde Reis-MST/RJ, em razão de contingências internas e; sobretudo, da autonomia do Coletivo na condução de suas dinâmicas internas e processos políticos, o manejo das Cadernetas Agroecológicas como instrumento de sistematização da coleta de dados e informações sobre autoconsumo/trocas/doação e renda da produção de alimentos ainda não era uma realidade nos territórios dos assentamentos.

E o terceiro módulo abrangeu a temática Comunicação e se realizou nos dias 05 a 07 de outubro de 2020. O Curso Caipiratech Lab contou também com um encontro de abertura e outro de encerramento.

A relevância de trazer a SILO- Arte e Latitude Rural nesta pesquisa repousou nas características e princípios sociais, econômicos, ambientais e ecológicos que orientam as concepções e formulações técnicas e políticas que embasam as propostas desta ONG. Outro ponto de destaque foi o fato de a SILO ser coordenada por uma equipe de mulheres, mulheres comprometidas com a igualdade de raça e gênero. E, sobretudo, por que o critério de seleção no Curso Livre Caipiratech Lab se deu em razão de as participantes estarem envolvidas/os e terem interesse no fortalecimento dos sistemas agroalimentares de base agroecológica regionais.

De modo geral os sistemas agroalimentares familiares a que aqui nos referimos abrangem desde o acesso e o preparo da terra, bem como à àgua, os meios de produção e insumos como sementes/mudas, fertilizantes de base orgânica, processamento/beneficiamento, acondicionamento, escoamento e comercialização/

venda de alimentos. Incluem ainda as práticas/ as formas de cultivo produtivos, individuais e coletivos (BRASIL,2012).

E, de acordo com Paulo Petesersen em entrevista à IHU On-Line (2018):

> [...] Um dos principais objetivos da agroecologia é construir sistemas agroalimentares localizados, aproximando a produção do consumo. Isso só é possível quando os atores dos territórios se articulam em redes para retomar a autonomia sobre os processos de produção, transformação, comercialização e consumo", diz Paulo Petersen, coordenador executivo da AS-PTA [...] (PETERSEN, 2018).

Por sua vez, Steve Gliessman inscreve o conceito de agroecologia como:

> [...] o conceito de agroecologia não só como práticas agrícolas, mas também como a interação e conexão de todos os elementos que compõem um sistema alimentar. Podemos conceber a ideia de sistema alimentar como o fluxo que se estabelece entre quem precisa comer e quem gera os alimentos, envolvendo agentes desde a produção, o plantio, o cultivo e a colheita no campo, passando pelo processamento, industrialização ou beneficiamento, até a venda e o consumo desses produtos [...].(GLIESSMAN, 2016).

Ao todo éramos 15 pessoas de grupos, de organizações e unidades de referência/produção coletiva ou individual tivéramos participação no Caipiratech Lab (SILO, 2020). No encontro da abertura do curso livre Caipiratech Lab da SILO, primeiramente, ocorreram as apresentações pessoais da Coordenação da SILO e informes sobre o conteúdo do curso e acolhida ao corpo de participantes.

Na sequência, seguiram-se as apresentações individuais e espontâneas de cada um/uma das presentes, mas sobretudo me emocionei muito e a inspiração bateu forte quando da apresentação genuína de uma produtora familiar rural, mulher preta, da base do MST-RJ.

Ela se colocou assim: "[...] meu nome é Relma Aparecida, sou produtora rural familiar e liderança responsável pela área de comercialização do Coletivo Alaíde Reis/MST-RJ[...]". E seguiu caracterizando a sua base – "[...] o Coletivo abrange quatro Assentamentos que são o "Terra da Paz" e o "Roseli Nunes" localizados no território de Pirai-RJ; o "Terra Prometida" em Valença-RJ e o "Irma Dorothy" em Quatis-RJ. E finalizou sua apresentação dizendo "[...] mas eu não sei falar[...]" e "[...]eu tenho muita dificuldade de falar na frente das pessoas [...]".

Foi quando eu tive o sentimento de que tinha que conhecer esta mulher, conhecer mais de perto esta mulher preta, esta gigante de aparência franzina, mas que

na “janela do zoom”[14] podia ser percebida como “vaidosa” por conta do cabelo arrumado com uma opção estética - o adorno de uma peruca tradicional. Mas o que me importava era buscar a essência da história de vida deste corpo preto.

Nesse ponto me ocorreu uma reflexão espelhada em Jacqueline Neto, a de que nesta vida seguiu-se o fluir, o curso, um processo de (re)existência a partir da perspectiva da “[...] persistência em não nos acomodarmos em um lugar de subordinação, violência e esquecimento[...]”. E eu complementaria, em não nos acomodarmos num lugar de indiferença, antes “[... ] Ser ativa nos seus processos de vida e não apenas se contentar com a sobrevivência[...]” (NETO, 2021, p.16).

Ser ativa é ser protagonista, é ser sujeita, é ser portadora de agência na transformação da própria existência, daí o sentido de (re)existência. Ao me referir a Relma Aparecida, esta mulher preta, preta assim como eu, também me ancoro em Cristhiane Malungo, na sua afirmação de que:

> [...] ***Preta*** é uma categoria importante, nela se inscreve o reconhecimento e o pertencimento ao grupo. Significa identificar que aquela mulher conhece e compartilha histórias e experiências comuns e, independente do tempo que está no grupo, ela é convocada a se inserir e inserir outras naquela luta comum. [...] se chamar de ***preta*** faz mais sentido, é uma palavra mais forte que representa as mulheres pobres, faveladas, do morro, domésticas[...] (MALUNGO, 2021, p.15).

Ainda em referência à categoria “preta”, o IBGE (2022) pesquisa a cor ou raça da população brasileira com base na autodeclaração, segundo as opções: branca, preta, parda, indígena ou amarela. Os dados de Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios afirmam que 42,7% dos brasileiros se autodeclararam como brancos; 46,8% como pardos; 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas (PNAD, 2019). A partir destas estatísticas podemos inferir que 57,3% da população brasileira pode ser caracterizada como não branca.

A fala de apresentação de Relma Aparecida no “Caipiratech Lab” foi muito forte para mim e desde aqui se estabeleceram inúmeras inquietações, a partir inclusive das minhas próprias experiências pretéritas quando ainda morava em Rondônia, na Amazônia e trabalhava na organização política e assessoria técnica com os seringueiros.

[14] Aplicativo de reuniões “on line”.

Os seringueiros representam um segmento social das populações tradicionais da floresta[15] e nas experiências/vivências de abertura de mercado para os produtos dos seringueiros posso afirmar ser esta uma das atividades mais difíceis de serem empreendidas na cadeia de produção extrativista- florestal. O mesmo pode ser dito em relação à comercialização da produção rural familiar e à articulação política do Coletivo Alaíde Reis/MST-RJ com as instituições locais.

Tanto as atividades de comercialização da produção como quanto às de articulação política demandam desenvoltura na comunicação com pessoas e instituições, estratégias de negociação de preços, organização e coordenação internas da produção, logística para a recepção/expedição, conferência e armazenagem, além da viabilização de transporte dos alimentos produzidos até a entrega das cestas à clientela.

Sob estas percepções algumas das inquietações que me atravessaram[16] foram – como uma mulher, uma mulher preta que "se autodeclara como alguém que não sabe falar" se constituiu como uma liderança, liderança na coordenação da comercialização dos alimentos e uma liderança política no Coletivo Alaíde Reis- MST/RJ? Que trajetórias/ que experiências foram percorridas por Relma Aparecida na pavimentação do seu caminho de vivências até esta linha de chegada: produção e comercialização de alimentos de base agroecológica? Como a sua jornada de vida a impulsionam a prosseguir na busca de superação de sua própria existência como forma de agenciar (re)existência de vida para si e para o conjunto dos Assentados(as)/Acampados(as) do MST?

Parte do significado de "atravessamento" aqui se baseia no filósofo Carlos Nejar para quem "o homem só atravessa verdadeiramente a história se antes atravessar a si mesmo" (2014). A outra parte se assenta em Charles Taylor (IHU,2013) para quem "[...] o ser humano só se compreende através da sua história [...]" a partir de uma "[...] concepção de onde estamos e de onde partimos, e medir qual é a diferença entre os dois pontos [...]", o que confere unicidade ao significado com o qual o empregamos neste texto.

[15] Representadas pelo Conselho Nacional dos Seringueiros/Conselho Nacional das Populações Tradicionais-CNS e posteriormente, pelo Grupo de Trabalho Amazônico –GTA.
[16] Charles Taylor em conferência no IHU, em 2013. "Devemos-explorar-a-existencia-em-vez-de-tentar-controla-la". https://www.ihu.unisinos.br/620815-entrevista-com-charles-taylor. Acessada em agosto de 2022.

Para possibilitar a compreensão dos atravessamentos vivenciados por Relma Aparecida e discernir as distâncias percorridas entre os pontos de onde ela partiu e onde se encontra nessa vivência tomamos como perspectiva o método materialismo histórico dialético (MARX; ENGELS, 2007) em diálogo com o conceito de Escrevivência (EVARISTO, 2003; 2016; 2020) articulado às práticas agroecológicas.

Nessa direção, os elementos analíticos privilegiados nesta pesquisa nos remeteram ao modo de obtenção dos meios de vida necessários à existência e à reprodução do ser humano, significando o suprimento de necessidades básicas de alimentação/nutrição (comer, beber), proteção do corpo e reprodução da vida (vestiário e habitação), Marx e Engels (2007).

E com sorte, assim como Relma Aparecida, consigamos nos religar e revigorar nossa psiqué feminina para a consciência e superação do processo de “domesticação dos nossos instintos naturais” e assim, nas nossas jornadas individuais em busca de cada uma nós e de todas nós mulheres recuperemos o potencial coletivo e criativo da alma feminina (ESTÉS,1994).

**A motivação e o problema de pesquisa**

Este é o contexto em que busquei entender as questões que “suleiam” esta pesquisa, quais sejam: como Relma Aparecida se utilizou e se utiliza das experiências de sua trajetória de vida antes e depois de ingressar e para se manter na organicidade do MST-RJ? Qual é o papel da agroecologia para a sua auto sustentabilidade e fortalecimento dos princípios do MST –RJ no enfrentamento coletivo às desigualdades sociais no acesso à terra, à dignida de vida? E, por fim, é possível assumir que as escrevivências de Relma Aparecida articuladas às práticas Agroecológicas atuam/atuaram como chaves de (re)existência e transformação de vida desta mulher preta no MST-RJ.

**O Objetivo Geral**

Nesse sentido, este trabalho de pesquisa traz como objetivo geral expor as narrativas das trajetórias de vida de Relma Aparecida e apreender, a partir da lógica dialética, como uma mulher preta, de instrução educacional básica incompleta articulou o conceito de escrevivência à produção agroecológica e teceu a (re)existência como fio condutor de processos coletivos de transformação de vida no Assentamento Terra da Paz/ Coletivo Alaíde Reis/ MST-RJ.

**Os objetivos Específicos**

E os objetivos específicos foram os de i) conhecer os passos de vida da protagonista desta pesquisa antes do seu encontro com o MST-RJ; ii) entender como a lógica dialética conduziu as suas estratégias de enfrentamento e superação das violências de gênero/racismo como chaves de (re)existência; e iii) apreender como a articulação de Escrevivências e o acolhimento do MST-RJ associados às atividades de

produção agroecológica se inscreveram como determinações de transformação de vida de uma mulher preta no Assentamento Terra da Paz/Coletivo Alaíde Reis.

Mais do que um elemento ou um instrumento o conceito de escrevivência articulado aos princípios da produção agroecológica constituiu a base e a coluna que estruturou e mantem a postura política de Relma Aparecida nas suas decisões na condução de suas escolhas e dialeticamente explica o seu protagonismo na vida privada e nos coletivos do MST.

Para se alcançar os objetivos desta pesquisa e responder às questões postas, o trabalho de pesquisa se constitui de Introdução, três capítulos e considerações finais.

No desenvolvimento da pesquisa a introdução se contextualizou a recepção da pandemia do novo coronavírus - SARS-CoV-2 /COVID-19 e o momento histórico onde nos situamos e nos inserimos como sociedade no Brasil. Por um lado retratamos aqui a intensificação da precarização das condições de trabalho e de vida da população pelo rebaixamento de direitos do trabalhador e do valor da força-de-trabalho pelo desmonte de políticas públicas sociais. Tais desmontes determinados a partir de programas político-econômico e fiscal desde 2016. Esses programas governamentais conjugados às ações e omissões do atual (des)governo do Estado nacional na condução econômica, política e da crise sanitária resultaram em agravos de várias ordens. Mas, inegavelmente, deslocou parte significativa da população para a margem do sistema de proteção social e em consequência, para uma situação de insegurança alimentar e nutricional. De outro lado, a reação de mobilização da sociedade/ dos movimentos sociais populares, quais se materializaram sobretudo, pelos esforços da ONG Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e Pela Vida; do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST e do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto – MTST fortemente, no sentido de aliviar a fome desse grupo social nesse momento histórico crítico. Em síntese, este item contemplou a motivação e o problema de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos.

O Capítulo 1 tratou d'O percurso teórico-conceitual e metodológico que se ancorou no método do materialismo histórico dialético de Marx (2013), Marx e Engels (2010) em diálogo com o conceito de Escrevivência, uma formulação epistemo-conceitual de Conceição Evaristo (2003; 2016; 2020) e nos princípios da Agroecologia apreendidos em (GLIESSMAN, 2016), Emma Siliprandi (2009; 2017), (MST, 2000; 2007; 2014), II ENA (2006) para a construção de saberes/práticas coletivos e emancipatórios no MST-Sul Fluminense-RJ.

O Capítulo 2 traz a Agroecologia e os Movimentos Sociais Populares compreendendo o conhecimento histórico diversidade de sujeitos sociais, a luta social pelo resgate e o fortalecimento de formas ancestrais de produção de alimentos, envolvendo a produção camponesa, dos povos tradicionais da floresta (povos indígenas, seringueiros (as), castanheiros(as), ribeirinhos entre outros as trocas de saberes sobre as realidades e necessidades destes sujeitos sociais, sobretudo nas dimensões de saúde na sua integralidade e sustentabilidade ambiental.

O Capítulo 3 abrangeu o Escrever sobre as nossas vivências pretas, lastreado por 4 seções, a saber: Escrevivências de dois corpos pretas; Escrevivências de mim; Escrevivências de Relma Aparecida e Escrevivências gastronômicas.

E por último, as Considerações Finais constituíram-se como desfecho da pesquisa onde traço as minhas perspectivas analíticas (e expectativas) de resultados alcançados, no sentido de que as narrativas das trajetórias de vida de Relma Aparecida possam vir a se constituir em "forja" para muitas de nós, um caminho dialético de pensar a (re)existência e transformação de realidades de vidas. Nesta pesquisa (re)existência e transformação de vidas se conformaram do amálgama dos fundamentos do materialismo histórico-dialético de Marx e Engels (método de análise da realidade concreta de vida em sociedade) conjugada à Escrevivência, uma formulação epistemo-conceitual de Conceição Evaristo, a qual reflete e reforça que as "[...]experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta[...]" (EVARISTO, 2009, p.18).

# 1 – O percurso teórico-conceitual e metodológico: o materialismo histórico-dialético em diálogo com o conceito de escrevivência

As bases e os pressupostos teóricos-conceituais e metodológicos desta pesquisa se assentam no método materialismo histórico-dialético desenvolvido nos escritos de Marx (2013), de Marx e Engels (2007; 2010) e na interlocução com outros autores para o entendimento de como a sociedade do capital se organiza e funciona, bem como ocorrem as relações sociais na realidade concreta do modo de produção capitalista.

O método materialismo histórico-dialético é uma ferramenta de análise da realidade social formulada a partir da perspectiva da realidade social coletiva, cujos pressupostos abarcam "[...]os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por sua própria ação[...]" (MARX; ENGELS, 2007, p.86-87).

A perspectiva teórica do materialismo histórico-dialético remete ao modo de obtenção dos meios de vida necessários à existência/reprodução do ser humano, significando o suprimento de necessidades básicas, a partir do modo de produção dos bens materiais de acesso ao alimento (comer, beber), ao vestiário, à habitação, Marx e Engels (2007), Marx (1996) e de produção da saúde coletiva, Capistrano Filho (1986), Oddone *et al* (1977).

Significa dizer que no modo de produção capitalista as relações sociais de produção têm como suporte, de um lado, a propriedade capitalista sobre os meios de produção e; de outro, as/os trabalhadoras/es quem, via de regra, não são detentores da propriedade dos meios de produção, a não ser da sua força de trabalho.

É sob esta perspectiva que nesta pesquisa o método materialismo histórico-dialético dialoga com o conceito de escrevivência, uma ferramenta epistemo-metodológica desenvolvida por Conceição Evaristo (2003; 2016; 2020) sob a inscrição das vivências/experiências no território-corpo de mulher, um lugar de escrita de mulheres pretas. Destaque-se que nestas escritas pretas ainda que as vozes sejam singulares, revelam e reverberam sentimentos de cumplicidades e pluralidades pretas de muitas de nós.

O conceito de Escrevivência permeia toda a obra literária de Evaristo, mas nesta pesquisa tomamos como referenciais os seus escritos em Ponciá Vicêncio (2003), Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2016) e no Seminário *Escrevivência: a escrita de nós/Itaú Social* (2020).

Nesta investigação as "escrevivências" de Relma Aparecida estão fortemente associadas as suas experiências entre traumas e superação de dores das opressões de gênero, mas também de alegrias e de transformação de sua condição de vida. Suas experiências nos remetem desde o trabalho na infância como catadora de materiais recicláveis (RJ), como jovem trabalhadora doméstica (RJ), com o trabalho na colheita de café (MG) até o seu encontro com trabalho na produção familiar rural sob os princípios da Agroecologia e suas contribuições para o Coletivo Alaíde Reis – MST/RJ.

O modo de conceber a Agroecologia (resgates de saberes ancestrais de povos indígenas e populações negras escravizadas) tem base em Dias *et al*. (2021); Emma Siliprandi (2009; 2017), (MST, 2000; 2007;2014) e na Carta política II Encontro Nacional de Agroecologia-II ENA (2006).

O marco zero de elaboração do desenvolvimento desta pesquisa envolveu as nossas participações, as de Relma e a minha, no curso livre Caipiratech Lab (SILO, 2020). As narrativas das apresentações individuais e a escuta atenta das participantes me aproximaram de Relma Aparecida, a qual se tornou a protagonista desta pesquisa.

A proposta inicial era a de promover rodas de conversa no Assentamento Terra da Paz/Piraí-RJ, a partir da organização de reuniões com algumas produtoras familiares, escolhidas pelas próprias assentadas, para conhecer as suas percepções das opressões vida e acerca dos trabalhos por elas desenvolvidos neste território.

O Assentamento Terra da Paz se caracteriza como um dos quatro territórios que compõe o Coletivo Alaíde Reis/MST-RJ, o qual se localiza na região hidrográfica do Médio Paraíba do Sul, cidade de Piraí-RJ. Nesta área se situa a área de produção de "propriedade" da protagonista desta pesquisa. Território este onde, sobretudo, se fortaleceu o seu processo de se tornar sujeita, portadora de agência na transformação da sua própria existência articulada aos princípios da agricultura agroecológica familiar do MST-Sul Fluminense-RJ.

Contudo, nos últimos três meses de 2021, após a minha qualificação e preparo do desenvolvimento dos trabalhos de campo ainda estávamos sob as restrições sanitárias de circulação e de convívio social com vistas à prevenção de contágio e da

disseminação viral da COVID-19. E mesmo com três doses de vacinação e com todos os cuidados, em janeiro de 2022 testei positivo para COVID-19 sob a variante Ômicron.

Devido à exiguidade de tempo para a consecução das rodas de conversas como inicialmente previstas, seleção e escolha das participantes bem como atender aos protocolos de autorização da Regional/ da Estadual e do Coletivo Alaíde Reis - MST acatei, em parte, as sugestões da Banca de Qualificação de Mestrado.

A Banca de qualificação sugeriu, entre outras proposições, a redução do número de participantes da pesquisa e foco de desenvolvimento centrado nas escritas de minha experiência de vida. Mas, acerca de mim trouxe algumas referências maternas das pretas que me moldaram, dado que com elas convivi a vida inteira. Trouxe também um pouco da minha trajetória desde Volta Redonda-RJ, uma cidade industrial e berço da siderurgia no Brasil, passando pela Amazônia (Rondônia e Acre), com a participação em planos de desenvolvimento regionais de forma a assegurar a criação e implantação de Reservas Extrativistas para as populações de seringueiros(as), trabalhadores (as) tradicionais da floresta (RO), e no sentido de assegurar o desenvolvimento de pequenos produtores(as) rurais (RO e AC). Na sequência, uma experiência em Brasília-DF na prestação de consultorias técnicas de pequena duração ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD Brasil até o meu retorno ao RJ, o meu estado de origem.

A perspicácia e a pertinência das sugestões da Banca de Qualificação “se me fizeram lume” como a única possibilidade de consecução desta pesquisa. Contudo, não pude me furtar de trazer à centralidade as escrevivências de Relma Aparecida e o seu protagonismo nesta pesquisa. Primeiro, porque a sua jornada, a sua caminhada de mulher preta representa a jornada que muitas de nós temos trilhado ao longo de mais de 500 (quinhentos) anos de história da escravização no Brasil. Segundo, porque a experiência de vida de Relma Aparecida demonstra que podemos construir modos/formas de superação de condição de vida individual e coletiva. E terceiro, porque no momento desta escrituração eu me encontrava numa experiência traumática de violência doméstica de gênero, submetida a cargas de adoecimentos psíquicos e físicos exacerbados pelos tempos pandêmicos. Cabe registrar que estes adoecimentos da alma me imobilizaram sobremaneira e eu não tive condições cognitivas para me soerguer até aqui; e, então, as escrevivências de Relma Aparecida representou para mim a saída do poço das trevas!

E assim, ao “lume” das sugestões propostas eu assumi e tomei como fundamento desta pesquisa a conjunção do método de análise materialismo histórico

dialético com o conceito de Escrevivência, dado que esta é uma ferramenta epistemo-metodológica das vivências espaço-corpo, um lugar de escrita de “mulheres negras”, que neste caso se articulou à Agroecologia e nos conclama a todas e a todos à processos de curas e superação de traumas, à compreensão do feminismo preto e à descolonização das escritas científicas na academia.

De forma que, mesmo com todas as dificuldades de conciliação de agendas de trabalho de Relma Aparecida agregamos “o campo” presencial à sugestão da Banca de Qualificação (2021). O “campo” se deu a partir de 2 (duas) rodadas de conversas no Assentamento Terra da paz e envolveu 3 (três) pessoas, sendo estes antecedidos por 2(dois) encontros na cidade de Volta Redonda-RJ, todos em 2022.

Na produção de dados de campo no Assentamento Terra da Paz as rodas de conversa foram gravadas a partir de um dispositivo de celular Samsung A-20 e a transcrição das gravações foram feitas pela pesquisadora.

O primeiro encontro na cidade ocorreu no Sindicato Estadual de Professores da Educação do Sul Fluminense-Núcleo Volta Redonda-RJ/SEPE-RJ. Cabe registrar que o espaço do SEPE tem sido cedido como apoio logístico para as entregas de cestas agroecológicas à clientela do Coletivo Alaíde Reis.

O outro encontro “de campo” ocorreu nas dependências da Universidade Federal Fluminense-UFF, espaço onde se realizou a “Jornada Universitária-2022”, a qual contou com a participação do MST e, dentre as/os debatedoras(or), de Relma Aparecida conforme cartaz e programação abaixo:




Figura 1 – Jornada Universitária Jura 2022

Imagem cedida por Relma Aparecida

# 2 – A Agroecologia e os Movimentos Sociais Populares

O processo de produção de conhecimento sobre a Agroecologia – sua epistemologia é histórico e compreende o conhecimento de formas ancestrais de produção de alimentos e as trocas de saberes sobre as realidades e necessidades destes sujeitos sociais, sobretudo nas dimensões de saúde e sustentabilidade ambiental (SILIPRANDI, 2009; 2017).

A Agroecologia envolve uma diversidade de sujeitos sociais, espaços, concepções históricas, práticas e formas de luta, convergências e contradições; uma construção em disputa porque, intrísecamente, divergente das formas de produção camponesa, dos povos tradicionais da floresta, dos ribeirinhos, dos pequenos trabalhadores/as rurais (SILIPRANDI, 2009), (DIAS *et al*. 2021).

Os movimentos de camponeses, dos povos indígenas, dos povos quilombolas, das populações tradicionais entre outros sujeitos coletivos, reforçam a relação entre a Agroecologia e a luta pela Reforma Agrária Popular, pela demarcação das terras indígenas e pelo reconhecimento dos territórios quilombolas (SILIPRANDI, 2009; 2017), (DIAS *et al*., 2021).

Para o MST, em articulação com os outros movimentos populares, a dimensão política da Agroecologia é central, dada a premência do acesso às condições materiais de reprodução da vida social, o que implica em saúde integral e soberania alimentar e nutricional, a partir de matriz tecnológica de bases orgânicas, saudáveis e sustentáveis. É esse o sentido de Agroecologia para o MST, a viabilidade para o campesinato brasileiro, um outro modo de produzir a vida, de produzir a existência coletiva (MST, 2000; 2007; 2014).

Contudo a construção do conhecimento agroecológico se encontra também mediada por:

> [...] as instituições dedicadas à produção de conhecimentos relacionados ao manejo produtivo dos agroecossistemas permanecem fundamentalmente orientadas para o desenvolvimento e a disseminação dos pacotes tecnológicos do agronegócio. Além de estimular o padrão produtivo das monoculturas e a alta dependência técnica em relação à agroindústria, o sistema que orienta e organiza essas instituições desqualifica sabedorias locais e exerce forte influência na desestruturação das formas tradicionais de produção e disseminação de conhecimentos nas comunidades rurais. 15 II Encontro Nacional de Agroecologia carta política. As experiências em agroecologia, em curso nas diferentes regiões, realçam o ativo papel de trabalhadores e trabalhadoras do campo como possuidores e mantenedores de importante patrimônio cultural. Destacam também a importante função que eles têm na inovação agroecológica e na partilha de conhecimentos em suas comunidades e municípios. O maior domínio dos processos de produção e circulação de conhecimentos por parte das comunidades e famílias rurais tem se mostrado condição essencial para a elevação da auto-estima e a criação de capacidades autônomas de gestão de projetos coletivos locais por parte das organizações de trabalhadores e trabalhadoras do campo. Nesse sentido, o exercício do papel de agente produtor de conhecimentos gera empoderamento individual e coletivo. O reconhecimento do papel das mulheres e suas organizações como ativadoras de dinâmicas de inovação agroecológica se traduz também em seu reconhecimento social e político, favorecendo novas relações entre homens e mulheres no âmbito das famílias e das comunidades[...]". E, nesse sentido "[...] as diferentes estratégias das organizações para abordar a discussão de gênero devem ser valorizadas[...]. (CARTA POLÍTICA DO II ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2006, p.15-16).

As práticas dos movimentos sociais populares do campo, tais como a Via Campesina (2009), o MST (2006) e o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC, 2011), entre outros, vem ampliando o conceito de agroecologia e a concebem como parte da estratégia de luta pela soberania alimentar e pelo acesso dos trabalhadores à terra produtiva e às políticas públicas de manutenção do/a trabalhador/a no campo em contraposição ao Agronegócio (SILIPRANDI, 2009; 2017).

Nesse ponto, a Carta Política do II Encontro Nacional de Agroecologia é retomada para reafirmar que na visão dos movimentos sociais populares:

> [...]O agronegócio é baseado em um modelo técnico altamente dependente de mecanização e irrigação intensivas e do emprego massivo de insumos industriais, tais como agrotóxicos, sementes de empresas (inclusive transgênicas) e rações. Sua expansão no território brasileiro tem sido favorecida pela implantação de grandes obras de infra-estruturas tais como rodovias, hidrovias, barragens, projetos de mineração, dentre outras. Essas obras têm sido promovidas ou fortemente apoiadas pelos poderes públicos e resultam na expropriação de amplos setores das populações do campo que são penalizadas com a perda de seus direitos sobre os territórios e seus recursos (CARTA POLÍTICA DO II ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2006, p. 24).

Mas, cabe reforçar que em contraposição ao Agronegócio:

> A construção da agroecologia tem sido realizada pelos trabalhadores e trabalhadoras do campo e suas organizações à contracorrente das orientações do Estado dominadas pelos interesses do agronegócio. Apesar da instituição recente de políticas específicas favorecedoras do desenvolvimento da produção familiar agroecológica, a política macro-econômica, em geral, e as políticas agrícola e agrária, em particular, permanecem voltadas para a expansão do modelo do agronegócio exportador. (CARTA POLÍTICA DO II ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA, 2006, p. 24).

Em relação aos processos produtivos, Siliprandi reforça que “a terra, o território, a água, o crédito e a assistência técnica [...] a resolução de problemas de comercialização, de tributação, de pesquisa são partes integrantes da mesma estratégia de luta e importantes ao ajuste e fortalecimento de um conjunto de políticas públicas das “[...]diferentes formas de produção familiar agroecológica nos distintos contextos sócio-ambientais nos quais ela se desenvolve[...]” (SILIPRANDI, 2017, p. 282).

Estes movimentos destacam a importância da cooperação entre os povos do campo e da cidade no enfrentamento ao agronegócio e alternativa ao “sistema capitalista” de exploração dos/as trabalhadores/as e à depredação dos ecossistemas naturais. Estes movimentos têm em comum a busca da transformação da realidade das relações sociais cuja centralidade é a emancipação humana em contraposição à obtenção de lucro.

O documento de Declaração Final do II Encontro Continental de Formadores e Formadoras em Agroecologia, da Via Campesina (2011) traz expresso: “Defendemos a Reforma Agrária Popular Integral como parte da construção da Soberania Alimentar, da autonomia e autodeterminação dos povos”.

Reafirma ainda que o motor da maquinaria do “sistema capitalista” tem como suporte a ganância por lucro e, por consequência, as crises cíclicas do “capital” entre as quais as crises alimentar e climática. Para a Via Campesina (2011) o “capital” transforma tudo e todos em “mercadoria” e se encontra representado pelas empresas nacionais e transnacionais do agronegócio cujos interesses são respaldados pelo estado brasileiro.

A esse respeito, temos como síntese do II ENA (2006, p. 4-6) que:

> [...] O agronegócio é a expressão atual do modelo de desenvolvimento econômico que perpetua há cinco séculos a dominação das elites agrárias no meio rural brasileiro. Esse modelo se expressa nos desertos verdes das monoculturas de eucalipto, pinus, soja, cana-de-açúcar, algodão, nos sistemas de integração agroindustrial do fumo, de aves, suínos e, mais recentemente, de biocombustíveis. Ele se apresenta também nos perímetros irrigados do semiárido brasileiro, nos latifúndios de criação de gado e em várias outras atividades essencialmente orientadas para a exportação. O agronegócio é baseado em um modelo técnico altamente dependente de mecanização e irrigação intensivas e do emprego massivo de insumos industriais, tais como agrotóxicos, sementes de empresas (inclusive transgênicas) e rações. Sua expansão no território brasileiro tem sido favorecida pela implantação de grandes obras de infra-estrutura, tais como rodovias, hidrovias, barragens, projetos de mineração, dentre outras. Essas obras têm sido promovidas ou fortemente apoiadas pelos poderes públicos e resultam na expropriação de amplos setores das populações do campo que são penalizadas com a perda de seus direitos sobre os territórios e seus recursos. Contrariamente à imagem de modernidade e de eficiência técnica e econômica propalada pela grande mídia, o agronegócio está associado, na realidade, a uma criminosa cadeia de impactos negativos que se irradiam ao conjunto da sociedade brasileira. O que a experiência prática de populações rurais demonstra e estudos confirmam é que o modelo do agronegócio é o principal responsável pela concentração da terra, pela violência no campo, pelo êxodo rural, pelo desemprego urbano e está ainda associado à degradação sem precedentes do patrimônio ambiental: os recursos da biodiversidade, os solos e a água. Além de ser um instrumento de desagregação das culturas dos povos tradicionais, esse modelo é também o responsável pela insegurança alimentar e nutricional de famílias no campo e nas cidades e a pela perda da soberania alimentar do povo brasileiro. A se manter a atual hegemonia do modelo do agronegócio exportador, esses impactos negativos para a sociedade vão se multiplicar e se aprofundar.
>
> [...] O enfrentamento do modelo do agronegócio e o fortalecimento da produção familiar agroecológica significam, antes de tudo, um desafio no plano político. Isso porque a agroecologia surgiu e vem fazendo o seu caminho em um campo de disputa na sociedade, contrariando privilégios de uma elite econômica que se reproduzem com o apoio do Estado.
>
> [...] O que a experiência prática de populações rurais demonstra e estudos confirmam é que o modelo do agronegócio é o principal responsável pela concentração da terra, pela violência no campo, pelo êxodo rural, pelo desemprego urbano e está ainda associado à degradação sem precedentes do patrimônio ambiental: os recursos da biodiversidade, os solos e a água.

Ilustrações dessa realidade se expressam na centralização e apropriação de grandes extensões de terras em poucas mãos (latifúndio), em detrimento das populações do campo, tais como os indígenas, quilombolas entre outros, que defendem as práticas e o direito à produção de alimentos saudáveis, em qualidade e quantidade,

segundo a cultura e a necessidade destes povos. Nesse sentido, a Via Campesina defende a:

> [...]proposta da agricultura agroecológica, camponesa, indígena, comunitária que se apresenta como um pilar fundamental na construção da soberania alimentar. Esse modelo de agricultura produz alimentos saudáveis, baseado na diversificação de culturas, em novas relações entre homens, mulheres e natureza na eliminação do uso de agrotóxicos, transgênicos e dependência do capital[...]" "[...] busca pela compreensão do mundo, em sua relação com o tempo, com as energias criativas e formativas, e com a memória histórica (da agricultura, dos territórios, da humanidade) é complementada por uma interpretação materialista histórica e dialética da realidade, e em conjunto com isso, busca desenvolver o pensamento político ideológico para conseguir uma mudança estrutural na sociedade e, assim, a libertação e o bem viver de nossos povos. (VIA CAMPESINA, 2011)

Por sua vez, o MST é um movimento sócioterritorial que reúne em sua base diferentes categorias de trabalhadores/as do campo tais como meeiros, parceiros/as, minifundiários/as e trabalhadores/as assalariados chamados de sem-terra, todos e todas associados a uma história de luta política e social pelo acesso a terra como direito ao trabalho e ao modo camponês de produção da vida (FERNANDES, 2012).

O MST tem inserção organizativa em 24 estados e nas cinco regiões brasileiras e os assentados e assentadas acessam a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais, com a consciência que a conquista pela posse e reconhecimento da titularidade da terra é o primeiro passo para a realização da Reforma Agrária.

Não obstante a titularidade dos seus territórios pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária-INCRA, as famílias assentadas seguem organizadas no MST e na luta por infraestruturas coletivas, tais como acesso a estradas, saneamento básico, energia, educação, saúde e espaços de lazer comunitários[17].

A organicidade dos assentamentos e acampamentos do MST se constitui por instâncias local, regional, estadual e nacional, a partir de estruturas participativas e democráticas denominadas de núcleos/setores, nos quais as famílias discutem as demandas e prioridades de cada uma das áreas/territórios como processo de tomadas de decisão nas instâncias instituídas.

[17] https://mst.org.br/

Cabe destacar que instâncias nacionais de decisão do MST são orientadas a fomentar a participação de mulheres e de homens nas coordenações regionais/estaduais em igual número, bem como buscar garantir que nas assembleias dos acampamentos e assentamentos, os adultos e as/os jovens, os homens e as mulheres exerçam o direito à fala e ao voto.

Os Encontros Nacionais e Congressos Nacionais representam as mais altas instâncias de avaliação e de deliberação de decisões do MST, os quais ocorrem a cada dois anos e cinco anos, respectivamente[18].

Quanto ao Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), Lorenzoni *et al. (*2020) destacam que a formação do MMC se deu a partir dos anos iniciais da década de 1980, quando da intensificação da luta da classe trabalhadora contra o golpe civil-militar que logrou êxito em 1º de abril de 1964. Nesse sentido, Netto (2014) ressalta que o regime ditatorial derivado de tal golpe foi instrumentalizado sob as Força Armadas, pelo grande capital (transnacional) e pelo latifúndio para atender aos interesses do alto empresariado, banqueiros entre outros.

Netto (2014) destacou ainda que, dentre os objetivos do golpe, um deles foi o de imobilizar os protagonistas sociais da resistência quanto ao aprofundamento das relações de subalternização dos países periféricos (América Latina) aos países centrais (sobretudo, os Estados Unidos da América). O outro, o de combater quaisquer tendências alternativas ao capitalismo via socialismo (sindicatos, movimento sociais, partidos políticos etc).

Nesse campo, cabe destacar que as mulheres camponesas protagonizaram ativamente nas lutas pelo fim do golpe civil-militar com vistas à redemocratização do Brasil, no enfrentamento de violências da fome, contra as opressões e explorações que marcam as relações sociais em seus processos de vida.

Tal protagonismo transcorreu sob o suporte de “[...] A Teologia e da Filosofia da Libertação juntamente com a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire [...]” “[...] pensamento e teoria da emancipação [...] (LORENZONI *et al.* 2020, p.16)”, como pilares de sustentação e confluência da transformação da realidade dos trabalhadores e trabalhadoras na América Latina.

[18] https://mst.org.br/

E foi justamente no transcorrer da luta política que as trabalhadoras rurais se perceberam excluídas/invisibilizadas dos processos decisórios de produção nos espaços onde atuam nas suas comunidades/territórios. Perceberam também a sobrecarga de trabalho que lhes eram impostas, o que lhes acarretava triplas jornadas de trabalho; sobretudo, porque ainda que inconscientemente, reproduziam a lógica do domínio e da supremacia masculina no trabalho produtivo e no âmbito das decisões privadas (relações sociais no âmbito da família).

Lorenzoni *et al. (*2020) destacam que decorridos doze anos do primeiro encontro do MMC em 1986, o movimento das mulheres trabalhadoras rurais reafirma a luta política sob o caráter e a perspectiva de classe, de gênero e étnico-racial como interrelacionais.

Por sua vez, Fernandes (2012) destaca que um dos traços da cultura camponesa se expressa historicamente na divisão social do trabalho e segue a tradicional divisão sexual; o que, por conseguinte, implica em diferenciadas formas de violência gênero contra a mulher.

Neste contexto, a lógica das relações sociais hierarquizou a supremacia masculina à esfera produtiva; isto é, o reconhecimento de o homem como o único provedor nas esferas familiar e na representação público-política e restringiu as mulheres à esfera reprodutiva – esfera do privado, onde o pai, os filhos homens e, posteriormente o marido são tidos como a expressão viva da “autoridade”.

Via de regra, na esfera reprodutiva há uma naturalização do sobretrabalho da mulher. Dito de outra forma, não há o reconhecimento de uma sobrecarga de trabalho, o que significa dizer que determinados trabalhos estão circunscritos como trabalho feminino, desde a reprodução da vida (cuidados no âmbito privado domiciliar), mas que na experiência prática extrapola para atividades de produção da vida da economia familiar (FERNANDES, 2012; LORENZONI *et al.*, 2020).

De forma articulada as relações sociais de gênero e divisão sexual hierarquizou a força de trabalho dos corpos das mulheres como de menor valor do que a força de trabalho dos homens. Em outras palavras, em que pese a participação da mulher nas atividades produtivas em geral, tais atividades nem sempre foram justamente valoradas e muito menos remuneradas, até porque o trabalho da mulher é reconhecido como ajuda e não como trabalho.

Diante dessa percepção, de um lado, as mulheres camponesas assumem a necessidade de transformar a realidade das relações sociais de gênero/divisão sexual do trabalho e étnico-racial, relações estas que:

> [...] que oprimem e discriminam[...]" e que não reconhecem nem o trabalho produtivo nem o valor do trabalho reprodutivo como centrais do modo de vida camponês. De outro lado, reafirmam a necessidade de construção de ferramentas político-pedagógicas e conceituais como forma de "[...]transformar a sociedade, superar as relações capitalistas [...] e racistas[...]" (LORENZONI *et al.* 2020, p.17-18).

Histórica e culturalmente, as justificativas para a ausência de reconhecimento da efetividade da força de trabalho feminina são de que as provisões produzidas pelas mulheres se destinavam/destinam ao autoconsumo, trocas, ou ainda às doações. Cabe reforçar que, em geral, a avaliação do resultado do esforço do trabalho feminino na economia familiar, no âmbito privado, recai na categoria de não trabalho ou na de trabalho invisibilizado (negado/apagado) ou na ainda, sob a lógica da naturalização o discurso corrente é o de que é próprio da mulher este tipo labor.

Entretanto, temos tomado consciência sociopolítica, por meio de narrativas femininas dialogadas e em participações em cursos promovidos por instituições como CaipiraTech Lab-Silo[19], entre outras experiências, de que a naturalização desta lógica vem sendo reproduzida sob a ideologia da economia neoliberal.

A lógica do neoliberalismo desconsidera os efeitos do colonialismo/capitalismo nas análises das categorias de classe, raça e gênero nas dinâmicas da opressão social e da exploração da força de trabalho feminino, sobremaneira a dos corpos pretas.

Para a compreensão da produção e renda geradas na produção agroecológica/agricultura familiar importa abstrair o trabalho e a produção das mulheres dos elementos de renda que medem o valor da totalidade da produção**.** Cabe reforçar que a lógica da economia tradicional invisibilizou o trabalho das mulheres e excluiu a determinação que sustenta a segurança alimentar e nutricional das famílias, qual seja,

---

[19] CaipiraTechLab-Silo promove cursos, mutirões e realização de encontros sobre temas relacionados a agroecologia, sistemas agroflorestais, bioarquitetura, geração de energia, entre outros temas associados à sustentabilidade social e às questões ambientais. https://silo.org.br/caipiratechlab/

a produção do autoconsumo para a reprodução da força de trabalho, bem como a destinada à economia de mercado.

No mundo do trabalho a composição da base da força de trabalho da economia nacional se constitui, sobretudo, por maioria de corpos pretos/pretas. Da mesma forma se essencializou as relações sociais que reproduzem e materializam as desigualdades étnico-raciais, bem como suas clivagens socioeconômicas persistentes e perniciosas na economia familiar no campo, notadamente, sobre os corpos das mulheres pretas.

Na contramão da economia tradicional os fundamentos da economia feminista ressaltam a contribuição da mulher para além da produção econômica da renda, o trabalho doméstico e de cuidados que não produzem mercadorias, mas conjugam produção de autoconsumo e mercado, sobretudo fortalecem a autonomia da mulher na economia familiar no campo da agroecologia.

No caso das mulheres pretas, todo esse processo de se soma a opressão de raça, em termos de reconhecimento do seu trabalho, de seu papel social e de sua visão enquanto liderança e/ou em termos de terem direito de lutar por suas demandas. Em ambos os termos, a questão racial pode existir se materializando em mais problemas para a mulher preta, mesmo num território social que, em princípio, têm em suas bases relações sociais dispares daquelas dominantes nas formações sociais calcadas na sociabilidade capitalista.

Por isso, a nossa pesquisa sobre as escrevivências de Relma Aparecida, associada à agroecologia, ainda que uma experiência singular se propõe a, de um lado, demonstrar que existem possibilidades de transformação das realidades das nossas condições de vida, trabalho e de valorização da mulher preta nos coletivos do MST. Por outro lado, vale ressaltar que a organização para as lutas coletivas fortalece a construção de caminhos para a superação de problemas individuais.

Nesse ponto, comparecem aqui para dialogarem conosco Conceição Evaristo e Ângela Davis[20], mulheres, mulheres pretas, sendo que Davis se caracteriza ainda como marxista e ativista nas questões de direitos civis, militante nos movimentos negro e feminista nos Estados Unidos da América e no mundo. Davis esteve no Brasil para o

[20] Ícone da luta pelos direitos civis do feminismo negro, a filósofa e ativista, profa. de estudos feministas e escritora norte-americana esteve em conferências no Brasil para lançamento de seu livro “Uma autobiografia (Boitempo, 2019), onde registra suas escrevivências desde a infância à carreira como professora universitária. A conferência intitulou-se “A liberdade é uma luta constante”, com participação de Conceição Evaristo encerrou o Seminário Internacional “Democracia em Colapso?. https://blogdaboitempo.com.br/2019/08/20/e-oficial-angela-davis-vem-ao-brasil-em-outubro/.Acessada em junho de 2022.

lançamento da edição brasileira de *Angela Davis: Uma Autobiografia* (DAVIS, 2019), a partir das Conferências realizadas em São Paulo e Rio de Janeiro (ZIMBWE, 2019).

A Conferência “A liberdade é uma luta constante” encerrou o Seminário Internacional “Democracia em Colapso?” e cabe destacar que título da conferência “A liberdade é uma luta constante” é também uma referência bibliográfica de Davis (2018). Essa referência nos remete diretamente à célebre e profunda reflexão “[...]Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo" [...]”(ZIMBWE, 2019; EL PAIS, 2017[21]). .

Na mesma sintonia, Conceição Evaristo, comentarista na conferência no Rio de Janeiro (2019), ressalta que um dos inúmeros aspectos que a impressionam no conjunto da obra de Davis reside na insistente afirmação da importância da atuação política em coletivo e segue:

> [...] Mais do que nunca o discurso de Ângela tem que funcionar para nós como se fosse um mantra: a liberdade é uma luta constante. A história não é uma ação individual, a história só faz sentido quando ela tem um caráter coletivo. Eu só cheguei aqui porque eu faço parte de um coletivo, os meus primeiros leitores foram do movimento social negro. Se não fosse a organização coletiva eu não tenho dúvidas de que eu não estaria aqui [...]” (EVARISTO, 2019).

Nesse sentido a nossa luta coletiva deve confrontar todas as formas de opressão sobre as mulheres pretas, como no caso da opressão de classe, gênero e raça. Nessa direção Grada Kilomba vem nos alertar quanto ao viés da nossa compreensão e superação das realidades do “racismo” quando tomamos referenciais epistemológicos apenas e tão somente sobre as bases de confluência da colonialidade do ser, do saber e do poder, conforme fragmentos abaixo:

> [...] A produção de conhecimento, assim como a linguagem, como o vocabulário, está ancorada em uma história colonial[...]”, “[...] de homofobia, que exclui uma série de identidades e de corpos[...]”. Disciplinas como “[...] a filosofia, a psicologia, a etnologia, a antropologia, a pintura, o cinema, o teatro [...]” foram “[...] instrumentalizadas e criadas para produzir um discurso sobre o outro, para definir quem é o nós em relação ao outro[...]”. “[...] É quase impossível trabalhar com qualquer

[21] https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html

> disciplina ou falar numa linguagem, com um vocabulário que não esteja ancorado na história colonial, que é uma história de 600 anos[...]" que hierarquiza humanidades, entre os vários corpos humanos, tornando certos corpos os verdadeiros representantes da condição humana, enquanto outros são marginalizados e colocados numa plataforma sub-humana[...]". "[...]A produção de conhecimento está baseada numa relação de poder e de violência[...]" e precisamos [...] ter em conta que o acesso à produção de conhecimento foi negado à maior parte dos seres humanos. O seu conhecimento foi invalidado [...]". "[...]Portanto, a produção de conhecimento que nós conhecemos através dessas disciplinas é mínima em relação à humanidade. E muitas "[...]" vozes de corpos que não puderam fazer parte dela. "[...]" não só o conhecimento cria uma hierarquia entre a condição humana, como grande parte dos humanos não puderam fazer parte dessa produção de conhecimento[...]". Logo é relevante distinguir entre "[...] quais são as histórias que são contadas, como são contadas e contadas por quem[...] (KILOMBA, 2019).

Daí a importância da percepção do que há por detrás das definições e dos conceitos, das explicações que escolhermos tomar para o entendimento da realidade, ou não, dado que esta pode selecionar e revelar apenas a aparência e ocultar a essência do fenômeno em questão de interesse de determinado grupo social.

De forma que quando chegamos a perceber que a realidade não corresponde ao fato em si, que o "particular" é muitas vezes designado como "universal" – eis que estamos diante de uma experiência do significado de "ideologia". Este é o sentido crítico de ideologia nesta pesquisa (GUARESCHI, 1998), e com isso a crítica da ideologia racista.

Como opera a reprodução ideológica? Em Guareschi (1998) temos que a linguagem e a comunicação são veículos de excelência na transmissão dos significados, das representações e dos valores presentes em grupos sociais específicos (ideologia do grupo). Disso decorre a relevância de se conhecer as fontes das quais bebemos, no sentido na conformação das nossas cosmovisões, a partir de bases epistemologias decoloniais.

A ideologia se expressa a partir das mediações, de representações autoelaboradas de nós mesmas(os); isto é, as ideologias afetam a imagem de temos de nós mesmas mulheres e homens negros, sobre os homens e as mulheres e da sociedade e sobre tudo aquilo que pode ser atribuído algum juízo de valor. (justo x injusto, certo x errado etc). E qual é a relevância das implicações da ideologia racista na formação da estrutura socioeconômica brasileira fortemente hierarquizada e a quem interessa a internalização da subalternidade, esse caráter recorrente da violência do racismo "não ser do outro", o qual opera sistemicamente como elemento estruturante

das desigualdades no Brasil? Para a reflexão deste questionamento recorreremos a Ianni (2004), segundo o qual:

> [...] A raça, a racialização e o racismo são produzidos na dinâmica das relações sociais, compreendendo as suas implicações políticas, econômicas, culturais. É a dialética das relações sociais que promove a metamorfose da etnia em raça. A "raça" não é uma condição biológica como a etnia, mas uma condição social, psicossocial e cultural, criada, reiterada e desenvolvida na trama das relações sociais, envolvendo jogos de forças sociais e progressos de dominação e apropriação [...] (IANNI, 2004, p. 45)

Em Ianni (2004) a categoria racismo é uma ideologia vinculada a uma estrutura social e economicamente dominante num determinado tempo histórico. Opera com a divisão do humano em raças sob os aspectos estéticos, morais culturais e intelectuais ligados aos fenótipos como forma de atribuir-lhes representação social, dividindo em superiores e inferiores, com os brancos no primeiro caso e os não-brancos no segundo caso. Isso resulta numa forma racionalizar, classificar e hierarquizar os indivíduos, inserindo uma técnica política de exploração, expropriação e exclusão, que favorece as estruturas de poder do modo de produção capitalista:

> Racializar ou estigmatizar o "outro" e os "outros" é também politizar as relações cotidianas, recorrentes, em locais de trabalho, estudo e entretenimento; bloqueando relações, possibilidades de participação, inibindo aspirações, mutilando práxis humana, acentuando a alienação de uns e outros, indivíduos e coletividades. Sob todos os aspectos, a "raça" é sempre "racialização", trama de relações no contraponto e nas tensões "identidade", "alteridade", "diversidade", compreendendo integração e fragmentação, hierarquização e alienação. (IANNI, 2004, p. 45).

Antes de prosseguirmos cabe ressaltar que a dominação ideológica ocorre tanto a nível individual quanto ao nível da superestrutura da sociedade burguesa, representada pelas instituições jurídico-políticas, morais/religiosas, policiais, educacionais. De um lado, a dominação ideológica de ocorrência no plano sociológico é apreendida pela análise das relações existentes entre as classes sociais. De outro lado, a dominação ideológica de ocorrência no plano individual é apreendida pela análise das instituições que prescrevem os papéis e funções sociais de cada pessoa e condicionam as relações sociais com o racismo ocupando um papel de destaque nesse processo nas sociedades cujo racismo é um dos seus elementos estruturais. A esse

respeito Antonio Sérgio Alfredo Guimarães traz uma fala memorial na introdução da edição brasileira da referência “Entre o Mundo e Eu” (COATES, 2015):

> Teremos, entre nós, algo comparável no Brasil? Apesar da República que promete igualdade e entrega desigualdades, da Abolição que não aboliu as marcas corpóreas da inferiorização [...]” dos corpos marcados pela cor e pelas etnias indígenas?! (2015, p.11).

É relevante ressaltar que, sobretudo no Brasil, o colonialismo como suporte ao capitalismo se articulou sobre a negação da condição de ser humano dos povos indígenas e de homens e mulheres negros/as como justificativa da escravização e continua a estar presente na sociabilidade dos nossos dias.

Contudo, temos nos dado conta de que a escravização, ao longo das lutas antigas, desde os “quilombos” como territórios livres tem forjado também formas atuais de luta. E quais lutas? A luta pelo direito à vida, o direito à terra, o direito de trabalhar a terra sob os saberes tradicionais dos nossos ancestrais na produção de alimentos agroecológicos, a exemplo dos homens e das mulheres do MST: numa palavra, a luta de sermos ser humanos.

Esse é o sentido e a necessidade de compreendermos os dispositivos, as ideologias de “raça” e “racismo” como processos históricos de violência de gênero e exclusão do acesso e permanência de corpos de mulheres, sobretudo de corpos pretas na terra como forma de conquista da autonomia política das mulheres pretas.

E seguindo essa perspectiva dialética entramos nas escrevivências das nossas vivências pretas.

# 3 – Escrever sobre as nossas vivências pretas

Conceição Evaristo, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense-UFF/RJ, mulher, mulher preta, filha, trabalhadora desde criança, escritora sensibilíssima e centrada desde sempre sob a perspectiva da mulher preta, mãe, ser de uma humanidade apaixonada e apaixonante, uma gigante, irmã mais velha e referência de vida para muitas de nós.

O meu encontro com Evaristo se deu no PPRER-CEFET/RJ a partir dos cursos promovidos por Fátima Lima “minha ORI”. Encontrar Fátima Lima foi um encontro de “vida” de difícil tradução; e ao se “beber” de Evaristo se tem não apenas a sensação de uma inesgotável fonte de sabedoria e de sensibilidade a jorrar, mas também um luzeiro, um farol vivo a nos guiar na sua epistemologia conceitual, na qual funda as “escrevivências” de suas produções literárias, conforme ela mesma traduz:

> Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por ser esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (EVARISTO, 2009, p. 18).

E é com esse fundamento e nessa tradução que circunscrevemos as ”escrevivências” da realidade de vida de dois corpos pretas: as “escrevivências” de mim e as “escrevivências” de Relma Aparecida.

## 3.1 – Escrevivências de dois corpos pretas

As escrevivências de mim, na verdade tem um recorte curricular de alguma vivência profissional e acadêmica, e servem de base contextual e referencial do lugar

de onde eu falo[22], de como me permití construir uma trajetória de vida singular, mas comprometida com as experiências coletivas.

As escrevivências de Relma Aparecida se constituíram para mim, a partir do nosso encontro no Caipiratech Lab - Silo e foram sistematizadas a partir de 2(duas) visitas presenciais no Assentamento Terra da Paz/Piraí-RJ. E de dois encontros rápidos: um deles ocorreu no SEPE – Sindicato Estadual dos Profissionais em Educação – Núcleo de Volta Redonda-RJ.

O SEPE disponibiliza a sua sede aos responsáveis pela comercialização dos alimentos produzidos pelo Alaíde Redis para a entrega das cestas com alimentos da produção coletiva a uma clientela com registro em grupos de Whatsapp e sites específicos de aquisição de alimentos do Coletivo Alaíde Reis-MST. O outro encontro se deu nas dependências da Universidade Federal Fluminense-UFF/RJ numa participação de Relma Aparecida num evento para universitários aberto também ao público externo.

### 3.1.1 – Escrevivências de mim

Aqui registro um pouco da minha trajetória de trabalho, sobretudo das minhas vivências em Rondônia, Amazônia ocidental, no Centro-Oeste e depois o retorno ao Sudeste em Macaé-RJ e finalmente o retorno para casa, Volta Redonda-RJ.

Volta Redonda-RJ é o meu berço de nascimento e nele fui plantada no cuidado amoroso da minha mãe, querida companheira, linda, “parda”, do lar, minha referência de vida e do meu pai, preto, trabalhador cioso e dono de uma super “autoestima”, industriário de profissão - operário da Usina Getúlio Vargas, da Companhia Siderúrgica Nacional-CSN em Volta Redonda-RJ.

Cabe aqui registrar que o meu pai nunca teve o hábito da “bebida” e sempre nos incentivava e nos motivava, aos filhos/as, a estudar e nos ensinou sempre a buscar “construir e manter a autoestima em alta”, a partir “do saber” como “degraus” para a superação de obstáculos na sociedade em que vivemos.

Sou a primogênita de cinco “filhos” do casamento entre meu pai e minha mãe e da parte de pai tenho um irmão mais velho do que eu. Fui a primeira da família, na

[22] Conceição Evaristo “Conheça Conceição Evaristo e seu conceito de escrevivência” / O Lugar de onde eu falo, a partir de Antônio Sérgio Alfredo Guimaraes (2008).

quarta geração, a partir dos meus bisavós maternos e paternos (meu avô João Albano: 1878-1950 e minha avó Maria das Dores Albano: 1896-1966) dos quais vagamente ouvi dizer das suas histórias de vidas sofridas nos trabalhos duros na roça. Mas, tive muita proximidade com os meus avós, tias e primas do lado materno.

Bióloga de formação (1981) eu tinha um sonho, um projeto de vida, eu precisava construir uma saída para a minha autonomia, independência política e financeira. E este sonho de projeto não cabia somente para mim, eu havia de construir um propósito de "espelho-ponte"23 inicialmente, para que as mulheres da minha família pudessem também fazer a travessia, de forma que não tivessem que permanecer sob o jugo da opressão da violência de gênero.

E foi com esta motivação, a de não vivenciar no meu corpo as mesmas dores e sofrimentos que as mulheres da minha família tinham experimentado é que em 1983, de Volta Redonda-RJ migrei para o município de Ariquemes-Rondônia/RO onde atuei como professora de Estado de Rondônia nas disciplinas de química e biologia nos anos primeiros da minha chegada nestas terras.

A ideia básica era a de permanecer nestas terras distantes por cinco anos. Entretanto, não construímos a nossa história de acordo e unicamente com as nossas vontades. E por sentir que poderia contribuir para garantir a manutenção das populações extrativistas nos seus territórios de floresta permanecí em RO por 14 anos.

Minhas mais ricas experiências pretéritas de vida com coletivos de trabalho/movimentos sociais ocorreram no período de 1983-1997 como pesquisadora etnográfica junto às comunidades e grupamentos sociais de seringueiros e seringueiras, castanheiros e castanheiras nas áreas de florestas remanescentes em RO.

Entre 1985 -1990 migrei para Porto Velho onde atuei no Instituto Estadual de Florestas–IEF como pesquisadora numa série de levantamentos socioeconômicos de remanescentes de populações de extrativistas. Mauro Almeida (2001) as definiu como "remanescentes" de ciclos agudos de atividade de produção extrativista de borracha, mas que resultaram em estagnação econômica.

Ainda como funcionária de estado participei da criação de cinco associações de seringueiros e da Organização dos Seringueiros de Rondônia - OSR, expressão política máxima da representação do conjunto de seringueiros em RO. Também tomei parte

[23] Uma forma de espelhamento de si pelo exercício do autoconhecimento e pelo desenvolvimento de sentimentos de autoamor, de autocuidado derivados das subjetividades e autoestimas individuais.

nas ações de organização do primeiro encontro de seringueiros de Rondônia (1985) e em dois encontros de povos indígenas e seringueiros, numa articulação política para a aliança dos Povos da Floresta. Em 1986 tomei parte na assessoria de organização da delegação de seringueiros de Rondônia à participação do primeiro Encontro Nacional dos Seringueiros em Brasília-DF.

A partir de 1991, com a constituição do Instituto de Defesa de Identidade Amazônica – INDIA, uma organização não governamental – ONG, inaugurada na sede da Universidade Federal de Rondônia-UNIR em Porto Velho, no contexto da preparação da ECO 92 no Rio de Janeiro passei a atuar como pesquisadora e como educadora popular. A ONG era sediada em Porto Velho, mas atuava junto a movimentos sociais em todo o estado de Rondônia.

Como INDIA participei da criação da Associação dos seringueiros de Machadinho D'Oeste–ASM (1992) e com a criação do Conselho Nacional das Populações Tradicionais - CNPT (1993) vinculado ao Instituto Brasileiro de Meio Ambiente -IBAMA, junto ao Ministério do Meio Ambiente – MMA, ao qual fui designada para dele participar como representante de ONG's do estado de RO na composição da gestão tripartite do CNPT.

Entre 1993 e 1995, participei da equipe que realizou os estudos socioeconômicos, cartoriais, fundiários e de viabilidade jurídica de (30) trinta áreas extrativistas em Rondônia, numa experiência pioneira de financiamento do Banco Mundial ao Governo de RO a um conjunto de 3 (três) ONG´s locais[24] sob a representação do INDIA, o que garantiu a atualização de dados e informações técnicas à criação de Reservas Estaduais Extrativistas-RESEX. Em 1996, a partir da parceria institucional entre o INDIA e o Instituto de Terras e Colonização do Estado de Rondônia–ITERON participei técnica e politicamente da criação de 21 RESEX estaduais, inclusive da elaboração das minutas dos decretos estaduais que as criaram.

Minha contribuição no desenvolvimento destas pesquisas se deu desde os processos de localização, identificação e cadastramento do segmento social de seringueiros(as) em várias regiões geográficas do estado tendo em vista a criação destas unidades de conservação de uso direto e a elaboração de seus instrumentos de gestão em RO, na Amazônia Ocidental.

[24] PACA – Protecão Ambiental Cacoalense / Cacoal-RO e ECOPORÉ – Açao Ecológica Guaporé/ Guajará-Mirim-RO

As atividades de pesquisas socioeconômica e florestal etnográficas tiveram como objetivos a criação da Reserva Extrativista Federal Rio Ouro Preto em Guajará-Mirim (RO) e de todas as demais áreas de Reservas Estaduais Extrativistas - RESEX do Estado de RO. Estas ações asseguraram a conservação de mais de 1.500.000.00 (um milhão e meio de hectares de florestas primárias) para as populações tradicionais, oriundas do processo de migração nordestina, sob as promessas de reconhecimento do esforço da II Guerra Mundial – os soldados da borracha até à época descumpridas pelo estado nacional.

Para a criação das RESEX em RO todo o trabalho de suporte político de confrontação sociopolítica, cultural e técnica junto ao Estado brasileiro e ao Banco Mundial contou com o apoio do Conselho Nacional dos Seringueiros – CNS. À época o CNS estava sob a liderança direta do saudoso Chico Mendes, o qual juntamente com o coletivo de seringueiros de vários territórios da Amazônia e técnicos de várias disciplinas lutávamos por justiça social e reconhecimento pela oficialização da apropriação de territórios contínuos ou não de floresta destes grupamentos sociais em Rondônia.

Historicamente, o governo brasileiro o fomentou e buscou justificar a derrubada da floresta amazônica a partir da retórica do “vazio demográfico”, contudo este território sempre foi ocupado por povos indígenas originários e, *a posteriori,* por populações de seringueiros, ribeirinhos entre outros extrativistas. Daí, a luta destes coletivos por assegurar a regularização territorial de áreas florestais para a realização das condições materiais de trabalho e de vida para si e suas descendências, em pleno processo de migração e expansão da fronteira agrícola nos estados de RO e AC nas décadas de 1980-1990.

A geração de dados primários conjugados à de dados secundários da realidade local culminou na criação de Reservas Extrativistas, no período de 1985 a 1995, sob a participação ativa dos povos tradicionais da floresta na Amazônia. Os resultados alcançados foram o reconhecimento e a garantia de direitos desses segmentos sociais à manutenção da “floresta em pé” expressos pela construção coletiva, na implantação e implementação de políticas públicas para estes grupos sociais em RO e da visibilidade mundial das lutas políticas desse segmento social pela conservação ambiental na Amazônia Brasileira, a partir dos estados do AC e de RO.

Como pesquisadora autônoma participei de consultorias de curta duração em vários projetos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento–PNUD/ Brasil junto ao Plano Agroflorestal em Rondônia-PLANAFLORO. O PLANAFLORO se configurou como um plano de desenvolvimento regional concebido pelo estado

brasileiro e financiado pelo Banco Mundial –BIRD, cujo propósito principal era o de atuar nas áreas rurais como forma de minimizar a degradação ambiental. Suas características precípuas tratavam do "reordenamento dos modelos exploratórios, da consolidação do zoneamento socioeconômico e ecológico-ZSE e à melhoria da qualidade de vida dos ocupantes das áreas rurais" (GOVERNO DE RONDÔNIA, 1998. p.7)

Muitas contribuições ainda estão por serem aditadas, sobretudo acerca da emancipação feminina nas atividades extrativistas florestais. Mas a premência e a urgência de se se garantir territórios às famílias não nos permitiu condições de desenvolvimento de trabalhos com as mulheres seringueiras. Interessante registrar que durante as nossas visitas de campo às colocações (habitação tradicional da família seringueira) o espaço da mulher era circunscrito à cozinha e aos quintais, aos demais afazeres da reprodução da vida social.

As mulheres não tinham visibilidade e nem tomavam parte nas decisões nas unidades de produção nas colocações: nas estradas de seringas, nas vendas da "borracha" (o látex é extraído da árvore da espécie seringueira [*Hevea brasiliensis]*).

Mas há uma única experiência minha de trabalho com as mulheres seringueiras, um alento para mim, aonde eu emprego e entrego a minha voz para registro da narrativa de um documentário gravado em VHS-NTSC produzido por Alejandro Bedotti, intitulado: "[...] no início apenas o corpo, depois a grata companhia, por fim mãe, companheira, mulher e seringueira [...]", uma pesquisa de Maria Luzia Ferreira Santos, Porto Velho-RO, 1997.

Ainda em 1997 migrei para Brasília-DF e inicialmente atuei junto ao Grupo de Trabalho Amazônico – GTA. O GTA foi fundado em 1992, também no contexto da ECO 92-RJ e à época se encontrava estruturado em nove estados da Amazônia Legal e organizado em dezoito coletivos regionais congregando 602 entidades filiadas . A Rede GTA compõe-se de ONG's e movimentos sociais que representam seringueiros/as, castanheiros/as, quebradeiras de côco babaçú, pescadores artesanais, ribeirinhos, povos indígenas, agricultores familiares, quilombolas, mulheres, jovens, rádios comunitárias, organizações de assessoria técnica, de direitos humanos e de meio ambiente[25].

[25] www.reasul.org.br

Concluídos os trabalhos junto ao GTA permaneci residindo em Brasília-DF por 5 (cinco) anos e nesse tempo retomei as consultorias autônomas de curto prazo pelo PNUD/DF para o MMA e consultorias externas para o Ministério da Defesa-MD no âmbito da Agenda Ambiental do MD.

Em 2003 retornei ao sudeste para Macaé-RJ e para os estudos acadêmicos e assim ingressei no Mestrado em Engenharia Ambiental pelo CEFET-Campos/Macaé-RJ (2008-2011)[26]. Em 2011-2012 cursei uma especialização em Promoção de Espaços Saudáveis e Sustentáveis pelo Departamento de Saúde Ambiental –DSSA/ Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca-ENSP/Fundação Oswaldo Cruz-Fiocruz[27].

No contexto sociopolítico das décadas de 2000/2016 há notáveis registros de intervenções político-educacionais e uma das minhas experiências mais ricas nesta área e não menos desafiante foi a de tomar parte do corpo de monitores/as da primeira turma de Mestrado em Saúde Pública concebido e ministrado pela Escola Nacional Florestan Fernandes–ENFF/SP em articulação com a Escola Nacional de Saúde Pública-ENSP/FIOCRUZ-RJ (2014 a 2016).

A ENFF-SP é uma escola do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST e esta turma foi composta por mais de 80% de estudantes de famílias do MST oriundos de vários estados das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste do Brasil.

A experiência na monitoria (ENFF/FIOCRUZ) e o contato inicial com os princípios da produção agroecológica/ orgânica me impulsionaram a imergir para novas trocas e aprendizagens nesse campo. Entretanto, registro aqui que os meus primeiros contatos com o MST ocorreram ainda em RO. E, foi ainda em Ariquemes-RO entre 1983 e 1985 que conhecí uma das primeiras mulheres lideranças do MST, a Itelvina Masioli, hoje graduada em Pedagogia, da Coordenação Nacional do MST e desnecessário, mas importante, dizer da sua vasta experiência profissional na assessoria política de Movimentos Sociais do Campo.

Atualmente sou participante do grupo Sustentabilidade/Educação/Integração/Vivência e Agroecologia- SEIVA desde 2018 e

[26] Título da Dissertação mestrado CEFET-Macaé/Campos-RJ. Da Injustiça Ambiental Associada à Destinação Final de Resíduos Sólidos Urbanos- Do Vazadouro em Águas Maravilhosas ao Aterro Sanitário na BR-101

[27] Título do TCC(2011-2012) DA INJUSTIÇA AMBIENTAL NA DESTINAÇÃO FINAL DE RESÍDUOS URBANOS À INCLUSÃO DO CATADOR NA CADEIA PRODUTIVA DA RECICLAGEM NO TERRITÓRIO DE VOLTA REDONDA-RJ.

produtora rural pelo Sistema Participativo de Garantia – SPG com Certificação de Conformidade Orgânica[28] pela Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro–ABIO29 desde 2021. Também sou filiada à Articulação de Agroecologia do Médio Paraíba do Sul – AAMPS.

Por conta dessas experiências eu me declaro intrínsecamente comprometida com esta pesquisa de mestrado em relações étnicorraciais na medida em que eu sou mulher, um corpo preta processando uma experiência inovadora de trabalho e de vida - a de gestora de produção agroecológica/orgânica em uma área privada em Volta Redonda-RJ. E porque problematizar a associação do conceito de Escrevivência e Agroecologia como chave de (re)existência e transformação de vida de uma mulher preta num coletivo do MST-RJ nesta pesquisa de dissertação de Mestrado em Relações Étnicorraciais/CEFET-RJ? Quais as minhas vivências e referências[30]?Penso que as saídas a estas e a outras questões são forjadas dentro de nós e só podem ser colhidas e expressas, a partir das experiências e dinâmicas individuais e coletivas vivenciadas em cada um dos nossos corpos pretos.

### 3.1.2 – Escrevivências de Relma Aparecida

Em diálogo conosco Conceição Evaristo nos ensina que as nossas escritas contam muito das nossas próprias histórias. E a episteme-conceitual de Evaristo em "escrevivência" permeia toda a sua escrita literária, a qual é comprometida com a nossa condição de mulher preta em uma sociedade erguida sobre o racismo, em todas as suas formas e dimensões. Nessa perspectiva apreendemos que a vida se inscreve nas nossas vivências e as nossas escritas são estratégias individuais e coletivas de enfrentamento das várias formas de violência inflingidas contra as mulheres pretas, dentre estas a de gênero e a do racismo. Que possamos aprender de nós e neste caso, sobretudo de Relma Aparecida!

[28] https://abiorj.org/wp-content/uploads/documentos/caderno-spg-mai-16-abio.pdf
[29] A ABIO-RJ é vinculada ao Ministério de Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA como caminho alternativo de certificação orgânica de produção alimentar para comunidades de agricultoras(es) familiares.
[30] Conceição Evaristo "Conheça Conceição Evaristo e seu conceito de escrevivência" / O Lugar de onde eu falo, a partir de Antônio Sérgio Alfredo Guimaraes (2008).

Estamos em trabalho de campo, em trabalho de gestação das nossas escrevivências associadas à construção de um caminho, um modo de vida agroecológico. Fico refletindo como esta experiência tem me ajudado a emergir do fosso de tristeza e melancolia no qual eu estive mergulhada por este período da pandemia em razão da violência de gênero na minha própria vida doméstica.

Os tempos são de “final de maio de 2022” e estamos reunidas Relma Aparecida Cândido Damasceno e eu, com a presença de Érica Mota, parceira do MST e aprendiz de produtora rural para a gravação da rodada de conversa espontânea /não estruturada como parte do desenvolvimento da minha pesquisa de dissertação de Mestrado em relações Étnico-Rraciais no CEFET/RJ.

Dito isto, explico à Relma Aparecida e à Érica sobre o que é a pesquisa de dissertação, peço licença e pergunto se posso gravar a nossa conversa. Autorizada a gravação iniciamos a nossa primeira roda de conversa e enquanto a gente conversa eu vou produzindo a gravação. As falas aqui são transcrições da gravação das nossas conversas em campo, no Assentamento Terra da Paz/Pirai-RJ.

É importante destacar que os registros das falas de Relma Aparecida nesta dissertação não se conformam nem como uma estratégia subversiva da escrita nem dos Acordos Ortográficos que regem a nossa língua portuguesa. Antes, mantive os modos de expressar da protagonista desta pesquisa sempre que julguei não comprometer o entendimento do texto em pauta.

Nossa conversa se inicia resgatando momentos do nosso encontro no Caipiratech Lab-SILO e foi mesmo uma grande surpresa as apresentações, a presença de muitas mulheres, poucas mulheres negras e poucos homens, poucos homens negros e aí chegou a sua vez de Relma Aparecida se apresentar.

Para mim já foi maravilhoso, primeiro porque embora fôssemos em pequeno número, somos mulheres pretas e estávamos lá; segundo, porque eu também sou uma mulher preta e sempre me regozijo ao encontrar outras e outros pretos nestes espaços formativos (risos de Relma). E eu lhe pergunto Relma, vc se lembra da sua apresentação? E Relma Aparecida respondeu, eu não me recordo muito bem não, mas eu acho que me apresentei assim: meu nome é Relma e eu moro no Assentamento Terra da Paz –Piraí/RJ do MST. Relma vc pode falar um pouco sobre o Assentamento aonde você mora? E sigo, me lembro de que na sua apresentação você informou que o Assentamento era parte constituinte do Coletivo Alaíde Reis. Você pode explicar para gente esta constituição? Relma explicou: então, aqui na região Sul Fluminense, na

verdade, somos quatro Assentamentos – o Terra da Paz que é este aonde eu moro; o Roseli Nunes que é vizinho do Terra da Paz – Piraí/RJ, tem o de Quatis-RJ que é o Assentamento Irmã Dorothy e temos um Valença-RJ que é o Vida Nova/Terra Prometida. Mas os três assentamentos que estão assim mais articulados é o Terra da Paz, o Roseli Nunes e o Irmã Dorothy.

Eu sigo e então na sua apresentação você falou desta organização do MST. Nesse ponto eu questionei: e desde quando vocês estão nesta luta pelo acesso à terra?

E Relma explicou que ela vem de 18 (dezoito) anos na luta pela terra sob a orientação do MST. "Primeiro, a gente ficou 2(dois) anos em "acampamento" na BR-393 (Dutra) em barraquinhas com cobertura de "lonas "preta". "Depois de 2 (anos) do acampamento a gente ocupou esse território, essa fazenda, Fazenda Aimoré e aqui dentro também ficamos em acampamento em barracas durante um bom período também. Não me recordo o quanto, mas um bom período até que o INCRA veio, mas nesse tempo tivemos muitos processos de reintegração de posse. Muitas vezes tivemos que sair do acampamento né, mas os advogados do MST agiram rápido e não precisou de a gente sair da fazenda".

E, Relma prossegue: "passou mais um tempo e aí os advogados do INCRA estiveram aqui no "assentamento" fazendo os piquetes de demarcação de áreas, medição da quantidade de terras para cada família". "Na época foram cadastradas 34(trinta e quatro) famílias e ainda hoje são 34 (trinta e quatro) famílias assentadas e estas são detentoras do Título Provisório da Propriedade, mas não a Titulação Definitiva da Área. Mas a população do assentamento foi aumentando porque com o passar do tempo os filhos pequenos foram crescendo, mas permanece o quantitativo de 34(trinta e quatro) famílias assentadas".

Questionada sobre qual é a área de terra que tocou para cada uma/um dos que estão assentados com título provisório. Relma explicou, "aqui, o meu lote, "esse lote pelo qual sou responsável" a área mede 3 (três) alqueires, o que equivale a 27 (vinte e sete) hectares". "Mas os lotes não são todos do mesmo tamanho, tem lotes de áreas maior e menor, as áreas variam entre 27 (vinte e sete) a 35 (trinta e cinco) há". "Mas aí cada uma das áreas têm a reserva legal, a área de preservação que a gente não pode mexer né".

Eu questiono: as áreas de preservação são em bloco ou são em comum ou cada lote tem a sua em separado? Relma explica, "a maioria dos lotes tem essas áreas de preservação em separado; no meu lote é a mata lá em cima e a gente não pode mexer

nela". "A gente pode plantar ... essas coisas, mas não pode desmatar". E conclui, então, "todos têm os lotes tem de preservação"Bem Relma, eu gostaria de retomar com você a sua apresentação lá no Caipira Tech Lab. Na apresentação você começou dizendo que você era produtora rural familiar vinculada ao Movimento dos Sem Terra –MST como Coordenadora do Regional do Setor de Comercialização e Coordenadora Política do Coletivo Alaíde Reis-MST/Sul Fluminense-RJ, mas que "você não sabia falar" e "que você tinha muita insegurança de falar na frente das pessoas". Na sua fala esta questão me inquietou muito porque como é que uma pessoa que "se assume como alguém que não sabe falar" chega a ser a responsável pela Coordenação do Setor de Comercialização e Coordenadora Política do Coletivo Alaíde Reis- MST?

Ao que Relma explicou, "hoje eu já perdi um pouco dessa insegurança por que "é uma insegurança né" a gente coloca tanto na cabeça - algumas pessoas fazem a gente colocar na cabeça que "você não é capaz de" e "você acaba acreditando naquilo né?!" "Mas, assim, eu hoje já perdi um pouco dessa insegurança, mas eu tinha muita vergonha de me expressar na frente de multidões". "Ainda tenho um pouco, eu não vou falar que eu perdi a vergonha, estou falando muito assim é porque estamos sós entre nós agora".

E Relma prossegue: "mas é assim né, as coisas do dia-a-dia, como eu expliquei fazem com que as coisas sejam assim ...igual eu coloquei: na cabeça da gente, a gente se sente que não é capaz, que a gente não pode". "Mas, se a gente parar e pensar a gente pode sim, porque eu vivi muitas coisas da minha vida, da minha vida tempos atrás, onde os companheiros mesmos queriam me desacreditar, muitos querem fazer você acreditar que você não pode tomar decisões: e as falas são sempre recorrentes, mesmo quando eu estava com o meu primeiro companheiro: ele me perguntava: você vai por que? Vai fazer isso por que? Não, fica quieta aqui! Não tem porque você está indo para lá e para cá".

E Relma agora se dirige a mim: "Bem Cida, eu tenho que você tá já entendeu", "assim, tá me entendendo né?!". "Tá entendendo mais ou menos né?" E eu lhe aceno afirmando à Relma: fique tranquila, eu estou lhe entendendo bem. E Relma segue: "é assim, hoje sou Coordenadora do Coletivo, mas já fui Coordenadora do Núcleo". "É que tem essa também, eu antes era Coordenadora do Núcleo". E eu questiono à Relma: o que significa ser Coordenadora do Núcleo do Terra da Paz. E Relma explica: "o Terra da Paz tem um Núcleo de Famílias, o Roseli Nunes e o Irmã Dorothy cada um tem o seu Núcleo de Famílias e esses núcleos são coordenados por um homem e uma mulher". "Só que houve dificuldades para conseguir um companheiro no Terra da Paz

para coordenar junto, então nesse caso hoje são duas companheiras". "Hoje eu estou mais na Coordenação do Regional". "Hoje eu sou responsável para responder aos grupos que nós, enquanto Coletivo, temos na região". "Por exemplo, responder por ou alguma receita ou por falta de alguma produção na cesta".

Eu questiono à Relma: a receita de que você fala é referente à receita financeira? E Relma explica: "não, é receita de preparo de alguma alimentação". Eu sigo tentando entender e questiono: Por exemplo Relma como é que você prepara o "nhoque", como é que você faz o "nhoque"? E Relma explica: "tem pessoas que compram o "nhoque" mas não sabem fazer o preparo porque na embalagem não tem a receitinha, o modo de preparo". "Então tem algumas pessoas que ficam em dúvida, outras que conseguindo preparar nem perguntam". "No caso de dúvidas eu sou a responsável por esclarecer". "De mesmo modo, faltou alguma produção na cesta de um companheiro: a minha obrigação, a minha responsabilidade é a de chamar no "privado" aquele parceiro/a que solicitou o item alimentar e ver a melhor forma de repor a produção dele, ou em dinheiro ou se ele/ela pode deixar de crédito para ser compensado em outra compra". "Essa é a função da Coordenação de Comercialização do Coletivo Alaíde Reis e sou eu quem resolve estas questões". E Relma prossegue "exemplificando que, na "cesta da Erica" faltou um item, um molho de couve não foi para ela". Porque acontece muito na hora de montar as cestas com as famílias de produtores daqui de dentro, acontece de a entrega "vir a menos" e já ser tarde e não ter como repor o item". "Então eu tenho a obrigação de chamar a "Érica" no privado e ver a melhor forma de repor a ela". "O tempo todo, a gente orienta às famílias produtoras nessa direção: isto porque quando chega a lista você tem até o meio dia para verificar/conferir os itens solicitados de compra e venda e ver se algo está em falta". "Nesse ponto, por exemplo, eu chego para você e falo: Cida contei aqui só deu 5(cinco) molhos e você me pediu 06(seis) molhos". "Sendo o pedido de 06(seis) molhos e no caso da falta você tem como pedir para outro companheiro ou aqui dentro mesmo do assentamento ou em outra área para complementar o que faltou". "Eu venho tentando orientar as famílias quanto a isto, mas ainda não está nas cabeças deles, os companheiros deixam para verificar seus itens de "cesta" apenas na hora da entrega, às 16:30h, o que acarreta a falta de itens nas cestas e, em consequência, na entrega das cestas aos "clientes".

Relma, agora eu gostaria que você me dissesse há quanto tempo você tem o título provisório desta área? Ao que Relma explica "o título dessa área é de 2006 e estamos em 2022, então há 16 anos". E sigo: e esse título está em nome de quem e Relma explica "está no meu nome e no nome do "meu ex-companheiro". Eu pergunto: e de quem é a titularidade principal e Relma explica: "é minha".

Eu sigo e esclareço à Relma - a gente tem um princípio de vida né, porque que a gente se originou de alguma família e de algum lugar não é, tivemos uma vida no coletivo da família nuclear. Então queria que você me colocasse um pouco como é a sua família, seu pai e sua mãe, suas irmãs e seus irmãos. Você se lembra dos seus avós e sabe onde eles são de origem?

E Relma explica: “então, é assim, desde quando eu comecei a me entender, a minha família é uma família de mineiros de Tocantins- MG”. “Os meus avôs e as minha avós maternos e paternos são mineiros de MG (já falecidos)”. “Minha família é toda de mineiros, minha mãe e meu pai também o são”. “Eu sou mineira e somos em 08(oito) irmãos”. “Somos 03(três) irmãs e 05(cinco) irmãos e destes 02(dois) são cariocas e 02(dois) nascidos em Volta Redonda-RJ e os demais são de MG”. “Eu não me lembro bem da data certa, mas eu tinha 03(três) anos de vida quando migramos de Tocantins-MG para cá”.

E pergunto: e você nasceu quando, e Relma explica “eu sou de 22 de janeiro de 1974”. “Meu pai veio primeiro para trabalhar na Companhia Siderúrgica Nacional – CSN, época em muitos imigrantes de Minas vieram para Volta Redonda-RJ”. “Depois que ele se estabeleceu buscou o restante da família”. Não me lembro qual era a profissão do meu pai, o qual veio a óbito quando eu tinha 13(treze) anos de idade e hoje nós também somos 07(sete) irmãos em vida”.

E Relma prossegue: “atualmente moramos eu e uma das minhas irmãs no assentamento e ela também se tornou produtora rural familiar aqui em Piraí-RJ”. “Dois irmãos retornaram para MG, uma das minhas irmãs mora nas proximidades da casa da minha mãe e dois irmãos moram com a minha mãe em Volta Redonda-RJ”. “Um dos meus irmãos teve um problema de saúde e não buscou tratamento e veio a óbito há 03 (três) anos”

Agora Relma eu gostaria de saber como é que foi a sua vida antes de você vir para essa luta coletiva de acesso a terra e em busca por melhores condições de vida no MST. Quais foram as suas motivações para esta escolha? Você trabalhava fora de casa ou não? Interessante essa questão, essa coisa de trabalhar não é? O fato é de que a gente sempre tem que vender a nossa força de trabalho para a nossa manutenção de vida, não é?

E Relma explica: “sim eu trabalhava em Volta Redonda-RJ em casa de família como doméstica, tinha meu dinheiro e minha casa bem organizada no quintal da casa da minha mãe, mas era independente financeiramente”. “Mas aí eu conheci um rapaz e

a gente mulher é muito assim, a mulher é sempre mais dada do que os homens na relação homem-mulher". "A mulher é mais dedicada, ela gosta mais, ela se preocupa mais". "Pelo menos eu sou assim na relação, na verdade eu era assim, me comportava assim, porque agora eu não estou mais assim (risos)". "Então, a gente namorava e morava aqui em Volta Redonda-RJ até que ele "aprontou "aqui em Volta Redonda-RJ foi embora para Minas Gerais". "Aqui é onde entra a questão do gostar muito, de apostar na relação, de não conseguir viver longe da pessoa de quem você gosta". "E fui atrás dele e como eu disse eu tinha uma vida organizada, morava sozinha e tinha minha vida na casinha perto da minha mãe aqui em Volta Redonda-RJ".

E nesse ponto eu a questiono? E você tinha quantos anos nessa época, vc se lembra? "Ao que Relma explica: "acho que eu tinha uns 26 (vinte e seis) anos". "E aí o que aconteceu, informou Relma: me desfiz de todas as coisas materiais que eu tinha e fui atrás do "caboco". "Fui lá para as Minas Gerais, para um lugar que eu nunca tinha ouvido falar: Pinhotiba-MG". "Cheguei lá, era um arraial e eu nova no lugar". "Mas eu tinha que trabalhar para construir tudo de novo, para pagar o aluguel e outras despesas". "E aconteceu que em Pinhotiba não tinha oferta de serviços para mulher". "Os únicos serviços por lá eram os de roça, na capina e na colheita de café". "Como eu já estava acostumada a trabalhar eu não queria ficar dentro de casa". "Aí fui pedir serviço e eu me lembro de que na época, por eu ser uma pessoa de hábitos de cidade, eles me tratavam como carioca, de hábitos da vida urbana e não depositaram muita fé em mim". "Depois de muita persistência em buscar trabalho consegui o serviço, mas "o patrão" diminuiu o valor da minha diária, o meu salário". "Na época eu me lembro de que a diária era de RS10, (dez Reais) e o dono da roça de café me deu o trabalho de colheita, mas me falou que como eu não tinha experiência na roça iria me pagar RS 8, (oito Reais)". "Eu aceitei a proposta de trabalhar por esse valor mesmo". "E tudo bem, eu precisava e queria trabalhar". "E assim, semana seguinte e na próxima fui trabalhar na roça na colheita de café". "Ninguém queria trabalhar comigo". "O trabalho na colheita de café demandava que duas pessoas trabalhassem juntas e como eu era da cidade presumiram que gente da cidade não sabia trabalhar na roça". "Mas, a muito custo consegui uma companheira para trabalhar comigo na apanha de café". "Nós duas juntas, porque na apanha de café há que se trabalhar em duplas, uma pessoa de um lado e outra do outro lado, porque você tem que arrumar aquele saco como "saia" no pé de café"". "No primeiro dia minha filha "demos banho" trabalhei muito e colhemos café "prá caramba" e assim foi até o final de semana". "E veio a surpresa, ao invés de o dono da roça de café me pagar os RS 8, ele pagou RS10, e elogiou muito e muito o meu trabalho, o nosso trabalho". "E aí o "fato se espalhou" e já aí todo mundo queria trabalhar

comigo". "Isto porque eu "puxava o meu pano do meu lado" na saia do pé de café e dava a volta e ajudava a companheira "puxar do lado dela"". "E na hora de bater os grãos de café era rapidinho". "Continuamos nesse trabalho no dia-a-dia por algum tempo". "Um dia eu falei para a minha companheira de trabalho, assim: vamos trabalhar numa outra lavoura de café?" "Isto porque ali na região tinha muita plantação de café"! "E muita gente trabalhava "por produção" e não por diária". "O trabalho pago "por produção" dava muito mais, era melhor remunerado, bem mais do que RS 10/dia". "Eu chamei a companheira para trabalhar produção e ela respondeu, sim "vamo embora" e assim fizemos e "deitamo o cabelo""! "Tanto que quando era meio-dia assim, a gente já tinha ganhado dois dias, em comparação com o ganho do trabalho anterior". "Um exemplo, ao meio-dia você já tinha ganho dois dias, de tão bom que foi o nosso trabalho e a nossa produção". "O tempo foi passando e eu fui construindo as minhas coisas lá, comprando as coisas de casa, assim sabe "?

Eu questionei à Relma: e o seu companheiro? Relma explicou que "o companheiro trabalhava na cidade e só ia para a roça no fim de semana". "O tempo foi passando e o relacionamento já não ia muito bom mais, né "! "Não foi ficando muito bom "! "E aí começou acontecer os maus tratos, os abusos dele contra mim, vamos colocar assim". "Eu não gosto nem de relembrar essa época (nesse ponto os olhos de Relma e os meus ficam marejados de lágrimas)"! Nesse ponto eu faço um movimento de parar a nossa conversa, mas Relma logo reage e prossegue a narrativa. "E aí tá, a partir dessa época ele começou a "pegar" o meu dinheiro para beber (bebida alcoólica)".

A esta altura da conversa eu peço desculpas à Relma, peço licença para, embora eu reconheça que este seja um momento de dor, de trauma, eu gostaria de lhe dizer Relma que este é um momento muito importante para nós mulheres pretas, porque agora você está aqui nesse lugar maravilhoso, na sua casa, com seu "sobrinho-filho" e feliz, significa que você seguiu em frente! E eu prossigo, eu fico pensando que refletir sobre isso é muito importante para nomearmos o nosso sentimento. E quando o fazemos, esse processo nos ajuda a todas a entender e a superar a nossa dor e seguir em frente. E prossigo, na verdade Relma nem eu mesma sabia disso direito, estou aprendendo das suas narrativas, mas uma coisa é certa, penso que é a partir desses episódios que a gente tira forças para reagir às situações de vida.

E mais, quando você fala de abusos eu me lembro da minha experiência pessoal em relação a minha mãe, minha adorada mãe! Se você me permite compartilhar, quando você fala de abuso me faz lembrar a dor da minha mãe. Minha mãe foi abusada pelo marido, o meu pai, desde as núpcias até quando a gente, os filhos/as estávamos

com uma certa idade já na pré-adolescência, eu acho. Eu penso que refletir sobre essa dor, sobre esse trauma pode oportunizar a que nós outras mulheres pretas trabalhemos as nossas “psique” para a cura interior! E trabalhar na identificação das causas e efeitos das nossas dores e traumas, nas suas nominações, falar a respeito faz com que a gente tente ou a não entrar ou a não permanecer nas mesmas experiências, e sobretudo, nos faz saber que se uma de nós conseguiu sair dessa situação, outras de nós também podemos superar experiências semelhantes.

E, na sequência dessa minha fala Relma parece convencida de há nelas realidade e apõe a sua anuência na forma : ”...uhum...uhum”. Justifico o meu estímulo a continuidade de sua narrativa sobre este assunto e, acrescento que, ainda que você não entre em minúncias eu gostaria de que você se colocasse a esse respeito, se você concordar, tá certo?

E Relma se põe a prosseguir a explicação: “quando eu falo de abusos eu incluo o abuso sexual também sabe” ? De ter que ter relação com uma pessoa embriagada, sim eu era obrigada a ter relação sexual com uma pessoa embriagada porque se eu não permitisse poderia me acontecer “coisas piores” como muitas vezes acontecia de ele me bater mesmo, de me agredir... de me bater mesmo”! “Eu tenho uma marca na perna de uma facada que ele me deu, porque eu tentei pular e alcançar a rua, mas ele estava sentado na porta com a faca na mão, batendo na porta”. E ele me dizia e repetia, daqui você não sai, daqui você não sai ...até que eu fui (choro audível...)”.

Nesse ponto nos abraçamos e ficamos quietinhas por um momento...segundos depois Relma reagiu e prosseguiu: “mas eu superei isso sabe”! “E aí, assim, o tempo foi passando e ele pegava meu dinheiro para se drogar” (e aqui a fala de Relma ainda é trêmula). “E aí começava também a querer me drogar na bebida, querer não, ele chegou a me drogar na bebida”. “Eu gostava muito de uma cervejinha, ainda gosto de tomar cerveja”. “Aí, ele me chamava para sair, eu lembro assim: que eu me arrumava e ficava esperando ele trazer uma cerveja pra gente... aí eu fazia alguma coisa para comer...e tomar aquela cerveja ali junto com ele”.

E Relma complementa: “mas me lembro de outras vezes de que eu estava arrumada... e eu amanhecia com a mesma roupa com a qual eu me arrumei para sair na noite anterior”. E, quando eu acordava eu percebia que eu estava com aquela mesma roupa, eu pensava “poxa” eu não saí”! E, esse desrespeito crescia e crescia a ponto de que eu “cassava” o meu dinheiro onde o tinha guardado e não tinha mais o dinheiro, não tinha meu dinheiro entendeu! Então eu estava assim, numa situação onde ele me drogava na bebida”. Ele “catava” o meu dinheiro e saía para a farra e eu não podia falar

nada". "E eu assim, sem poder falar nada". "Toda sexta-feira eu tinha pagamento e ele pegava o meu dinheiro na cara dura mesmo". E Relma prossegue: "aí eu comecei, eu comecei a pensar, eu comecei a me lembrar da minha mãe porque a minha mãe sofreu com o meu pai, ela sofreu tipo assim, sofreu muito com meu pai por causa da bebida, essas coisas".

"Aí eu comecei a botar minha mãe no meu pensamento". "Poxa, a minha mãe passou tantas coisas com meu pai que eu vivenciei e passei a me perguntar: será que eu vou querer isso para mim também?". "E aí eu fui começando a juntar forças né, aí já comecei a não "trazer" mais o meu dinheiro para casa, o meu pagamento de toda sexta-feira". "Eu pensei, eu vou conversar com o meu "ex-patrão" para eu não pegar mais o dinheiro na sexta-feira e comecei a juntar o dinheiro lá no meu serviço". "E teve um certo dia que eu falei: hoje chega"! "Foi num domingo; não, num sábado"! "Ele saiu sábado e não voltou para dentro de casa e no domingo de manhã eu me levantei e olhei assim, apreciei a casa toda, uma gracinha, muito bonitinha, tudo assim o que eu tinha construído de novo né, mas eu falei chega, eu não quero mais essa vida para mim"! "E assim eu fiz, saí e não olhei para trás". "Deixei tudo"! "Sabe, aquilo tudo o que você conseguiu construir durante 6(seis) anos de trabalho, deixar assim"? "Sim"! "Deixei tudo, só vim com a roupa do corpo, retornei para Volta Redonda com a roupa do meu corpo e meu documento e nunca mais eu voltei "aquele lugar"". "Vim para a casa da minha mãe". "Lá em MG eu era sozinha, sozinha, não tinha irmãos, não tinha mãe, não tinha ninguém perto de mim". "Naquela época ainda era época dos orelhões, você se lembra?"

Relma me perguntava, mas ao mesmo tempo me explicava - você ligava de uma cidade para a outra e quando alguém atendia você pedia: por favor, você pode chamar "fulano" para mim e naquela época muitas das vezes eu queria falar com a minha mãe, as pessoas atendiam mas ninguém a chamava". "Eu me sentia muito só entende, ninguém chamava ninguém para mim para eu conversar; então, eu sofri muito, eu sofria muito sozinha dentro de casa em MG". "Nos sábados e domingos eu sofria mais, me sentia muito sozinha. Chorava, ficava assustada, até que eu tive força e, graças a Deus, eu consegui sair de lá". "E retornei para Volta Redonda e arrumei emprego, o mesmo de antes de eu ir para Minas, sim porque eu já tinha os meus emprego aqui". "Eu sou uma pessoa que aonde eu passo eu deixo coisas boas, então a hora em que eu retornei para Volta Redonda-RJ e que eu liguei para primeira patroa ela não pensou duas vezes, pode vir". "E me disse: nossa Relma, que bom que você reapareceu (risos) e aícomecei a trabalhar de novo".

“Minha mãe conseguiu instalar um telefone fixo residencial na casa dela eu falei para minha mãe e para todos de casa, e todos já sabiam: se “ele” ligar me procurando ninguém sabe de mim, ninguém me viu e assim foi”. “O tempo foi passando, passando, até que um belo dia eu mesma atendi o telefone e quem era”? “Era o dito cujo”. “Ele me ameaçou dizendo que “eu vou te matar sua p**** e estou indo aí”.

E Relma prossegue: “nesse momento me deu um “estalo””. “Eu sabia que ele teria mesmo coragem de tirar minha vida, entendeu”? “E como eu disse me deu um “estalo”: “Opa” eu pensei comigo, você se lembra de quando você passou por um “lugarzinho assim” na BR-393 onde você viu um monte de barraquinhos com lonas pretas”?

“Então, eu disse a mim mesma, volta e vai lá e fui - era um Acampamento, que depois se consolidou no Assentamento Terra da Paz”. “Fui e cheguei lá num dia à tarde”. “Chamei minha ex-cunhada e ela foi lá comigo”. “Eu cheguei lá e fui recebida pela “direção do Acampamento”.

E eu questiono à Relma, a sua ex-cunhada morava no Acampamento? E Relma explica, “minha ex-cunhada morava dentro da casa da minha mãe”. “Ela foi de companhia comigo”. “Lá eu fui muito bem recebida pela direção do Acampamento, mas eu não sabia que se tratava de um Acampamento do MST, para mim era um lugar dos “Sem Teto” acampar”. “Aí veio uma pessoa para conversar comigo e eles me explicaram como é que funcionava”.

Nesse momento questionei à Relma: como é que foi esse contato inicial, como é que você chegou ao acampamento, foi na “cara dura”?, “na cara de pau” ? E Relma explica: “sim foi na “cara dura”, com vergonha porque eu não conhecia ninguém”. “Pedí para falar com o responsável”. “Eles me disseram não, não tem responsável, mas do que se trata”? “E eu informei; ah é que eu quero vir acampar aqui e quero saber como é que se faz para acampar aqui com vocês”? “Então, veio uma pessoa conversar comigo”. “Por questões de segurança, nunca se lhe apontam quem é o responsável, mas depois de muito diálogo eu consegui falar com o responsável e aí ele falou para mim que eu podia acampar, mas antes me explicou os procedimentos”.

“Ele me explicou que a pessoa teria que ficar no acampamento e acrescentou que a pessoa não poderia sair do Acampamento”. “Tipo assim, você pode até fazer um “biquinho” para aquisição das suas necessidades mais imediatas, mas você tem que permanecer no acampamento para que você possa garantir o acesso a terra, então você tem que ter compromisso”. “E assim eu fiz, mas conversei com ele e informei: eu tenho

um serviço e não posso sair agora, tenho que trabalhar mais três meses para ter direitos sociais, mas a minha cunhada vai ficar aqui para mim durante o dia". "Ele me explicou que a prioridade de acesso a terra era para quem realmente permanecesse no acampamento". "Ainda me explicou que muitos iam, faziam as barracas, mas só deixavam a barraca lá". "E a pessoa mesmo estava ausente". "Eu conversei com eles, aceitei as regras e segui os critérios". "E assim eu fiz, eu saía, trabalhava, mas retornava para o acampamento para dormir e ficava no Acampamento também aos finais de semana". "Saía mas eu dormia". "E assim foi até vencer o meu prazo no serviço que ia fazer 1(um) ano e depois disso eu passei a ficar permanentemente no Acampamento mesmo". "A minha patroa me pagou "os direitos" e é minha amiga até hoje". "Se eu tiver alguma necessidade, se precisar de algo eu posso recorrer a ela que ela tá de braços abertos para me receber". "A primeira vez que fui ao Acampamento foi num sábado e na segunda-feira eu voltei levando a lona porque o MST não tinha para doar para gente, você tinha que comprar". "A gente tinha que comprar lona e arame para poder montar barraca e eu tive muitos companheiros lá na época que me ajudaram né a montar a barraca porque eu não tinha nenhuma experiência de fazer uma barraca". "Hoje eu tenho, mas na época eu não tinha experiência de fazer uma barraca". Os companheiros me ajudaram a fazer a barraca, a me organizar para poder ficar lá no assentamento e aí depois que eu saí mesmo do trabalho e comecei conviver mais com as pessoas do Acampamento".

"E, sim, eu comecei a ter alguns problemas com algumas mulheres lá do assentamento né, porque eu era solteira e estava lá sozinha". "O medo delas era "mulher solteira, sozinha, vai pegar meu namorado, o meu marido, meu companheiro", essas coisas né". "Mas aí eu fui tirando aquela impressão, comecei conversar com algumas né , algumas das quais até hoje somos bem amigas" . "Expliquei que eu não estava ali à procura de homem, que na verdade eu estava querendo me livrar de um, e que eu não queria mais problemas para minha cabeça". "Comecei a fazer amizade no Acampamento". "Mas tive um problema sério, porque nossa, aquela mulher "a loira", o apelido dela era "loira"". "Ela era a "garanhona" do assentamento, namorava todos os homens solteiros do Acampamento". "E eu nova no acampamento e solteira, ela achou que ia ter que disputar comigo, mas nem tanto". "Pouco tempo depois nós viramos amiga, nos fins de semana saíamos ali por perto para beber juntas e tranquilo, acabou isso né". "Com o tempo já começaram a me dar responsabilidade no Assentamento, eu comecei a coordenar a cozinha coletiva né, o significava que eu tinha que me coordenar com as pessoas para as tarefas coletivas". "Tinha que "tirar" as pessoas que iam preparar o café da manhã, o almoço e fazer a janta". "Eu, fiquei responsável por isso,

eu “tirava” as pessoas, éramos três pessoas e mais eu para essas tarefas”. “Eu ia nos três horários, praticamente nos quatro horários, eu ia no café da manhã, no almoço, no café da tarde e ia na janta”. “Cada horário era com pessoas diferentes nas tarefas, mas eu ia em todos”.

Indaguei de Relma: retomando um pouco a questão de ser solteira e estar sozinha no acampamento: e os homens lhe paqueravam? “Sim”. “Mas eu justificava o meu afastamento dizendo assim mesmo, que eu não tava ali procurando homem não, não estou aqui por objetivo de encontrar homem aqui”. “Para dizer a verdade hoje eu estou, falando mesmo a verdade, hoje estou aqui escondida de um, né”. “Aí eu conseguia afastar alguns, mas outros eram bem persistentes”. “O meu segundo ex-marido, que tem nome junto comigo nesse lote aqui foi um dos persistentes”. “E aí eu contava que se eu me envolvesse com algum homem o meu primeiro ex-marido me encontraria e ia fazer covardia comigo e ia fazer covardia com quem estivesse comigo também”. “Aí eles pulavam fora, mas o meu segundo ex-marido, quando eu contei a minha história de vida com o meu primeiro ex-marido do passado, ele falou: se ele é homem eu também sou e essa atitude já me deu uma quebrada, né”. “Pensei comigo, achei alguém que vai me defender, né”. “Aí no assentamento eu comecei a namorar o meu ex-marido e vivemos bem por um tempo, só que hoje é assim, nós não estamos mais juntos por alguns momentos que ele queria fazer igual os momentos do meu passado”. “Mas eu não aceitei não, eu não acertei nada, o quê”? “Abuso de novo”? “Assim, bebedeira, achar que eu tinha obrigação de fazer sexo com ele em estado de embriaguez”. “Ele queria repetir aquelas coisas todas, mas eu não aceitei isso mais”. “E não aceito não”. “Então hoje a gente é separado”! “Moramos na mesma área, ele na casa dele e eu na minha, no mesmo terreno, conversamos como gente civilizada, mas se beber não tem diálogo”. “A gente conversa, eu lavo a roupa dele, e se ele não conseguiu fazer a alimentação dele e eu já fiz a minha na frente eu dou a alimentação dele, mas o meu diálogo com ele é sem a bebida”. “É isso, é como amigo”.

Questionada quanto a outra parceria, hoje você tem algum parceiro? E Relma explica:” eu tenho um namorado”. E o seu namorado não se importa com essa situação, a de o seu ex-parceiro compartilhar o mesmo território com você? E Relma explica:” sim, ele se importa, bem que eu queria trazer ele aqui, mas não posso”. “Existe uma situação de fato e eu penso que seria uma falta de respeito trazer o meu namorado aqui em casa”. E Relma prossegue: “o que estragou a relação foi a bebida, mas eu respeito o meu ex-companheiro por ele ser uma pessoa muito boa, ele é uma pessoa muito boa, muito boa mesmo”. “Só que ele fez as escolhas dele, eu falei a ele: você vai ter que

escolher ou eu ou a bebida e ele escolheu a bebida, entendeu “! “Então eu estou tocando a minha vida não como eu queria, mas eu estou tocando a minha vida”.

“No passado, quando eu estava vivenciando dificuldades no primeiro relacionamento com o primeiro “ex-marido” eu me lembrava de que a minha mãe sofria dificuldades e essas lembranças de sofrimentos, de dores psíquicas foram um ponto chave importante para abrir outras portas”. “Sim, minha mãe foi e continua sendo uma referência forte para mim porque ela conseguiu tirar da própria história de vida dela né, uma forma de caminhar para mudar, para transformar a sua situação de vida”.

“As referências de histórias de vida de minha mãe somadas as minhas próprias experiências são uma referência muito forte né e servem para me dizer: eu não vou repetir a história da minha mãe e então virar a chave”. E nesse ponto eu dialogo com Relma e em voz alta faço a consideração de que parecem ser imensas as dificuldades para se usar essa chave de vida a primeira vez, mas uma vez realizada uma primeira vez temos sim a possibilidade de virar de novo, e de novo, até porque a chave já foi virada uma vez. Daí o aprendizado a partir da experiência vivenciada pela própria pessoa, mas também nas referências em outras pessoas. E então infiro: assim a gente vai construindo forças para as mudanças.

E Relma retoma a sua fala, as suas narrativas – “é como eu falei para vocês: pelo meu modo ser, por eu ser uma pessoa que me dedico muito, eu gosto mais do outro do que gostam de mim”. “É assim (...eu vou chorar de novo...)”. “Eu tenho para mim que eu sou uma pessoa muito boa e por eu ser muito dedicada eu sofri muito”. “Eu não sei falar não, mas eu tenho que aprender a falar não!”

“Meus irmãos mesmo, eu vejo como eles se aproveitam de mim por eu não saber falar não para eles”! “A minha única renda minha é resultado do que eu faço aqui na plantação”. “Eu não tenho Auxílio Brasil, eu perdí o Auxílio Brasil. “A minha única renda fixa é o que eu faço aqui no Sítio”. “Eu passo os meus “apertos””. “Hoje tenho “Facebook” e “Whatsapp” e o preço da “internet” é um absurdo, no valor de RS 239,”. “Mas eu não posso ficar sem ela porque é minha ferramenta de trabalho e assim eu tenho que me virar pagar ela no final de cada mês”. “Hoje eu tenho uma “luz fixa” e o custo da energia fica em torno de entre RS 200, e RS 250, e eu tenho que me virar para pagar”. “Mas meus irmãos acham que eu ganho dinheiro fácil”. “Eu já falei para eles eu não ganho dinheiro de forma fácil, eu tenho que trabalhar e se vocês querem dinheiro vão lá para roça para me ajudar”?

E mais uma vez interpelo a Relma o porquê que de eles acharem que o seu dinheiro é de ganho fácil? “E Relma explica: “porque eles me pedem dinheiro, eles acham que eu tenho dinheiro, já que eu estou trabalhando na roça e produzo o meu ganho”. “Sabe, eles acham que eu tenho, que eu sou “rica”, mas eles não veem as dificuldades que eu tenho aqui entendeu”?

E Relma prossegue: “para dar um exemplo disso, só agora que o meu ex-companheiro aqui do Assentamento voltou a me ajudar”. “Eu estava fazendo tudo sozinha, eu não estava nem conseguindo fazer as coisas nem ter produção para eu colocar na lista das cestas”. “Porque sozinha você toca né, mas tem “serviços brutos” que a gente tem que fazer e a gente não consegue fazer”. “Por isso a força de um homem é necessária”. “Hoje o meu ex-marido voltou a me ajudar”. “Então, por conta dessa ajuda dele eu já estou tendo produção para colocar na lista, porque é dai que tiro da minha renda entendeu “! “Os meus irmãos acham que eu sou obrigada fazer um Pix de RS15 ou de RS20, aí sabe eu assim, eu agora eu estou começando a acordar para isso”. “Antes eu fazia o Pix que eles me pediam”. “Eu agora estou assim; ôpa, pera aí, vem vocês aqui para a roça para me trabalhar”. Vocês têm que trabalhar, se na cidade não tem trabalho é só falar comigo porque eu preciso de ajuda aqui”. Mais uma vez eu intervenho. Pera aí Relma, deixa eu entender, eles pedem dinheiro a você porque eles estão sem trabalho. E Relma explica: “Sim, mas eles estão sem trabalho também porque querem né”! “Vou colocar assim”. “Quando eu Relma estava na cidade e não tinha serviço para mim eu ia catar, catava latinha, catava “pet”, catava papelão, mas sempre levava alguma coisa para dentro de casa”. “Então porque que eles não fazem isso”? “Então você não tem uma mão-de-obra de pedreiro, de servente e se não, então vai catar latinha, é vergonha catar latinha”?

Relma prossegue: “eu me lembro de que quando meu irmão estava preso, o meu irmão caçula, ele ficou 5 (cinco) anos preso e a gente se virando para sustentar ele lá dentro”. “Eu ia para as festas catar latinha para mandar dinheiro para ele, entendeu”? “Então, assim, eu falei para ele ontem, opa, pera aí, você já saiu da cadeia, você não está mais preso”. “Acorda ó, vai trabalhar meu filho, vai trabalhar”! “Vai correr atrás, ele me pede dinheiro e acha que eu tenho que me virar para dar dinheiro a ele”. “Mas eu já botei um basta nisso”. “Eu até já peguei dinheiro emprestado para poder dar a ele”. “Mas chega, não tem mais”.

E, de novo eu interpelo a Relma: mas como foi que você “botou um basta nisso”? Quando foi que você virou a chave nessa questão? E Relma explica: o basta da questão

foi porque quando eu chamo a eles para virem para roça me ajudar “eles não podem vir” e eu ainda tenho que continuar a dar dinheiro”? Por isso que eu botei o basta!

Agora foi a Érica quem interveio: “então está muito claro para você que o dinheiro vem do trabalho? E Relma explica: “sim, o dinheiro vem do trabalho e se você trabalha vê o dinheiro chegando nas suas mãos e vê o dinheiro saindo no pagamento das suas contas! Eu acho que é isso né, o dinheiro tem custo, por isso dar dinheiro a ele sem ele trabalhar desvaloriza a você mesma não é?!” E Relma prossegue: “se a gente tiver muito dinheiro e a outra pessoa precisar a gente doa, empresta, mas agora eu vejo que “os meus irmão” têm saúde e não estão mais impedidos nem incapacitados de trabalhar”. “Agora estou fazendo essa conexão, acho que eu estou conseguindo, o coração dói um pouquinho, o coração aperta né mas, eu tenho que manter firme porque eu sou muito boazinha”. “Eu penso que para eu ser acolhida pelas pessoas eu tenho que agradar, eu tenho que servir”.

Neste ponto eu questiono a Relma: e você quer agradar porque, para ser aceita? E Relma explica: “sim, também”. E eu insisto: ser boazinha para poder ganhar um carinho? E Relma explica: “sim, também” e prossegue: eu sinto falta disso”. E Relma busca na memória: “eu fiz essa conversa com alguém “!? “Com quem, não me lembro, mas o fato é que eu não me sinto uma pessoa amada, não me sinto (choro de Relma ...!) não me sinto amada pelas pessoas”. “A maioria das pessoas que “se aproxima de mim”, se aproxima por interesse”.

E eu insisto e questiono: Mas como assim interesse Relma? E ela explica: “sim, interesse Cida”!” Eu vejo isso”. “É mais da parte da minha família”.” A minha família vinha muito para cá aos finais de semana”! “Eu bancava a gasolina, eu bancava o churrasco, eu bancava a cervejada, eu bancava tudo”. “Aí eu parei!?” “Vem alguém mais para cá”? “Não, não vem !”

“Olha a gente tem um grupo de Família”. “Todos os dias a gente saúda o “bom dia” eu e o meu irmão mais velho”. “Todo os dias”. “Quando se vê uma mensagem diferente, pode saber que lá no privado tem alguma coisa do tipo: ah eu queria tanto ir aí na sua casa, mas eu não tenho condições”. “Eu digo, então não venha, eu falo assim mesmo”. “Ah mas você não pode, sim, não posso”. “Eu tenho contas a pagar, por favor não venham”. “Eu estou assim agora”. “Eu estou aos poucos aprendendo a me amar, se ninguém me ama, eu estou falando em termos de família, eu me amo e tenho ter clareza disso na minha cabeça e digo a mim própria: Relma ame a si própria - você se ama, você é bonita “e eu acrescento: Sim, Relma você é bonita, é poderosa, é guerreira, é maravilhosa!

Relma nos explica: “nos fins de semana você podia vir aqui em casa e era uma festaiada”! “Então eu agora estou colocando limites para mim: uma cerca imaginária bonita no meu entorno e me digo, até aqui eu posso, ali não mais em termos de permissividade”. “E aí com essa cerca imaginária eu me preservo”.

Relma você pode falar um pouco sobre a sua sociabilidade aqui no Assentamento, por exemplo você já sofreu racismo aqui no Terra da Paz? E Relma explica: “Eu estou tentando puxar aqui na memóri”’. “Teve um fato, assim, eu não sei bem se foi racismo”. “Eu já estava aqui acampada, na época ainda era Acampamento e um dos coordenadores falou que não era para dar “muita asa para aquela neguinha porque se não ela vai dar trabalho””. “Foi bem assim”. “Eu passei, escutei e também não procurei saber qual era o sentido daquela fala”. “Eu não procurei saber o sentido de “que não era me dar muita asa porque eu ia dar muito trabalho””. “Não procurei aprofundar o sentido”.

E eu interpelei a Relma: mas essa fala lhe incomodou? Ao que ela me explicou: “nem um pouco”. “Pelo contrário, mesmo sem buscar saber qual era o sentido eu procurei fazer o meu melhor”. “Entendeu?”. “Nessa época eu fazia parte da direção do Acampamento e a direção toma as decisões maiores para levar para a coordenação regional”. E eu insisti: então significa dizer que nesse tempo você não sentiu dificuldades no Acampamento pelo fato de ser preta. Ao que Relma explicou: “não, não sentí, à exceção desse único momento”. “Sabe Cida, o MST ele apóia muito às mulheres, né”! “Apóia as mulheres para que elas busquem ser independentes”. “E eu aprendí muito também, assim, saindo por aí, aprendí que eu posso ser independente política e economicamente com o apoio do coletivo”. “Então, até hoje eu não sentí racismo no Assentamento, mas tomei essa fala como sinal de alerta para melhorar o meu desempenho ao máximo”. E Érica complementou: ninguém está lhe dando nada. E a leitura por Relma foi: “Relma melhore o seu desempenho porque na medida em que você melhorar o seu desempenho você será percebida como aquela que faz”. “É é isso “!

Relma, já que estamos nesse assunto fala para a gente qual é a sua percepção de racismo, de preconceito na sua vida antes do MST? Como por exemplo, na adolescência e mesmo como mulher no convívio com o marido lá na roça. E por falar em “marido” ele era preto, o ex-marido do passado? E Relma explica: “o que eu percebí em relação ao “preconceito” é o fato de, por exemplo, eu querer aprender natação e ser tolhida nessa minha vontade”! “Quando eu colocava essa demanda, a fala dele era sempre assim: mas você quer aprender natação porque, para que”? “Não precisa”. “O

seu lugar não é para natação". "Isto foi lá atrás, aconteceu isso aí". "Isso aconteceu quando eu morava em Patos de Minas-MG". "Eu deixei de fazer muita coisa por causa de ex-marido". "Muita coisa, deixei de crescer por causa de "ex"".

Relma se coloca: "nos Acampamentos/Assentamentos e mesmo na composição da Coordenação dos Núcleos, Estadual e Regional do MST é mais de gente de pele clara buscando fortalecer os Coletivos". "A gente convive numa direção do estadual e do regional onde a maioria das pessoas tem pele clara". "Mas, para o MST não tem diferença de cor nem nada".

E Érica complementou: a gente sabe e tem acompanhado o MST que o movimento tem feito muitos debates sobre a questão de gênero, sobre a questão da mulher e tanto é que parece que na atualidade tem mais mulheres na direção/coordenação e também algum debate sobre a questão do Racismo, e também da questão LGBTQIA+, o que você diz a respeito?

E Relma explica "que não participou de debates sobre racismo ainda, mas pensa que estas questões, que esses debates são importantes porque são realidades na sociedade e são importantes também porque fortalecem o MST na sua organicidade".

E Relma prosseguiu: "E por falar em organicidade nós temos a Coordenação Nacional, a Regional, a Estadual, os Coletivos e os Núcleos". "As propostas são discutidas do Nacional até os Núcleos e as demandas/os debates e as propostas também podem partir do sentido das bases até chegarem ao nacional". "Cada composição dessa, sobretudo, as bases precisam amadurecer nos seus processos de luta mas, nem todas conseguem ou estão no mesmo nível de maturidade política". "Como eu já disse, o MST oportuniza muitos cursos a todas e a todos no RJ, no ES, em SP e fora destes estados". "Eu quero sair para muitos cursos, quero me preparar para crescer como militante para além do Terra da Paz". "Eu estou nessa linha, quero poder sentar numa roda de conversa e debater sobre assuntos como o racismo, os agrotóxicos etc com segurança". "Hoje eu ainda não estou preparada, estou até com medo de quarta-feira, dia 22/06/22, mas mesmo assim vou participar da roda de debate na UFF/RJ em Volta Redonda-RJ". "Meu nome está lá no cartaz (ver Fotografia 14)". "Eu fui indicada para participar da Roda de Debate pelo Coletivo Alaíde Reis-RJ". "Os nossos coletivos incentivam e apoiam muito a gente a participar dos debates". "Eu ainda voltei lá no grupo de Whatsapp e perguntei: vocês têm certeza, como é que eu vou chegar e participar dessa Roda de Conversa"? E Relma complementa: "mas eu tenho que tirar isso da minha cabeça, esse sentimento de insegurança!"

E eu questiono a Relma: tirar o que da sua cabeça Relma, me explica? E ela se colocou: tirar esse sentimento de que eu não sou capaz". "Mas ao mesmo tempo Relma reafirma para si mesma: eu sou capaz "! E eu reforço a sua fala: Sim, claro que é, Relma você é poderosa!

E nesse ponto, Érica faz uma intervenção: eu penso que uma coisa que ajuda é isso - é você pensar, refletir a sua própria história de vida, de superação, porque a sua história tende a ser o seu fio condutor, sua direção e sentido.

E eu Cida, por minha vez, aproveitei esse gancho para ouvir diretamente de Relma em relação a nossa confluência no Caipitatech Lab: como é que uma pessoa, que assume "que não sabe falar" e hoje é a representante, a responsável pela Coordenação do Setor de Comercialização e Coordenadora Política do Coletivo Alaíde Reis? E eu acrescento: pela minha experiência nesse assunto, a comercialização da produção é um dos maiores "gargalos" da cadeia produtiva! E como é que pode isso, como é que a negociação se realiza nos procedimentos de comercialização da produção do MST tendo Relma à frente deles? Como é que Relma se comunica com os representantes das administrações públicas do estado, do município? Mas como vc mesma diz: "ter medo de quê?" E Relma explica: Olha Cida, eu faço parte da Regional do Setor de Produção e sou Coordenadora política do Coletivo e estou em processo aprendizagem nestas atividades, mas assim, eu ainda não atuo sozinha". "Gosto e tenho segurança de atuar em equipe, porque aí se alguém começa, se algum companheiro/a abre a fala eu vou me colocando, me encaixando e tenho boa desenvoltura a partir de "duplas", mas sozinha ainda não". "Por exemplo, se alguém "puxa" um assunto eu vou pegando o fio da meada e vou me colocando, complementando as falas, as informações e dou conta do meu trabalho entendeu, mas eu tenho que fazer ainda "muita formação" para melhorar meu desempenho".

"E aqui eu faço uma intervenção: é isso mesmo Relma, mas não podemos nos esquecer de que são as experiências do dia-a-dia e a cooperação e trocas entre os companheiros e as companheiras que nos ensinam a seguir. E o maravilhoso disso Relma é que os seus camaradas confiam em você, por isso lhe indicam para as composições na organicidade do MST e para os debates, ou seja, o que for quanto à representação do MST junto às instituições. Mas penso que antes mesmo de as pessoas confiarem em você, você precisa confiar em si mesma, até porque já lhe disseram "não" várias vezes. E nesse caso, você retrucou a isso e disse a si mesma, "não" e não! Mas, sim eu posso sim e foi tanto que chegou até aqui! E esse tem sido o seu caminho, orgânico, de reafirmação desde o princípio no acampamento, na sua

consolidação em Assentamento e agora na implementação articulada deste corpo em movimento – o MST.

Agora Relma, vamos retomar o assunto sobre a sua irmã, uma das suas irmãs que hoje vive numa casa, aqui no seu lote, nesse Assentamento, pode ser? Como assim, como ela se organizou, como ela está colocada aqui, qual é o lugar dela neste espaço. Relma explica: “a minha irmã vem de um relacionamento que não deu certo também”. “Ela morava em Pinheiral-RJ, perto da família do ex-marido dela, ela trabalhava fora de casa e enquanto eram casados brigavam muito também e a razão das brigas constantes era a bebida”. “Eu não estou responsabilizando a bebida”. “Mas ela queria sair desse relacionamento, mas não queria voltar para dentro da casa da minha mãe e eu já morava aqui”. “Um dia eu fui à casa dela e peguei até uma briga feia dos dois, com agressão física que eu tive que entrar no meio”. “E ele me avançou e eu disse a ela, olha eu não tenho muito a lhe oferecer não, mas se você quiser ir lá para a roça eu deixo você fazer uma casinha lá”. Ao que a irmã de Relma respondeu, “mas eu não tenho condições”! E Relma disse à irmã, vamos que a gente há de dar jeito”! “E reforçou, vamos que a gente dá um jeito “! “Até que ela veio com a cara e a coragem também e o “pedacinho de terra” que ela ocupa é ali na frente, depois até lhes mostro”. “E pronto, ela, os filhos dela, o meu ex-marido e eu: construímos dois cômodos de estuque, de barro, compramos umas telhas de segunda mão”. “Ela se separou e veio morar aqui”. “O tempo foi passando, passando, passando e ela “arrumou” um companheiro daqui de dentro”. “E esse companheiro dela é daqui de dentro tem pai e mãe que tem sítio aqui”. “Hoje ela vive como produtora rural familiar, mas ela planta junto com o marido dela no sítio dos pais do marido”. “Ela se casou com ele e hoje ela é evangélica”. “Aí sim, a mãe do marido dela é muito racista e já chamou a minha irmã de “nega” e já chamou a filha dela de “neguinha””. “Eu já falei que ela pode abrir um “B.O” que hoje tem a gente tem uma Lei que nos assegura, mas ela não quis fazer”. “Mas aí eles dividiram as terras lá, eles plantam de um lado e a mãe dele planta do outro”. “E foi assim que ela veio para cá e hoje ela já mora aqui há mais de 5(cinco) anos e ela é Coordenadora do Núcleo do Alaíde Reis no meu lugar né”. “Eu não sou mais Coordenadora de Núcleo e ela hoje é”! “E foi vendo eu fazer e também porque tinha uma necessidade, o MST precisava preencher um espaço, ela aceitou e está tocando”. “E está aí trabalhando e já tem 2(dois) filhos que não moram mais aqui com ela, o filho mais velho de 20(vinte)anos mora em Volta Redonda e o de 16 (dezesseis) anos mora em Pinheiral-RJ com o pai porque estuda no Colégio Agrícola, no IFF Pinheiral”. “E a menina de 13 (treze) anos mora com ela aqui no Assentamento”.

E eu me dirijo à Relma: então, quer dizer que na verdade você acolheu a sua irmã e ela achou aqui um caminho para ela". "E Relma explica: "sim, hoje ela vive da roça, trabalha muito, não era aquela pessoa acostumada com a roça e hoje olha aí". "Hoje ela me dá um "banho", vou botar assim que ela me dá um banho, ela me dá um banho" ! "A rotina dela começa de manhã muito cedo porque ela cuida de um senhor idoso que mora com eles, ela levanta de manhã e dá a alimentação do idoso, depois vai para roça no Sítio, retorna e serve o almoço do idoso e depois volta para a roça de novo". "E hoje ela está participando de um Congresso em Piraí-RJ, um congresso da Igreja".

Uma questão interessante, Relma me fale sobre as Cadernetas Agroecológicas, o que elas representam para você? Cida," eu vou ser sincera com você"! "Eu sei que as Cadernetas Agroecológicas são muito importantes, mas se eu lhe falar que eu nunca as coloquei em prática, você acreditaria nisso"?. Ao que eu lhe respondo, mas é claro que acredito sim. Mas Relma, qual é a importância das cadernetas?" E Relma explica: "eu tenho que ela seja importante para a gente saber explicar a nossa renda de produtora, mas o fato é o de que eu não me adaptei por falta até mesmo de tempo, da correria da produção e ter que anotar na Caderneta Agroecológica, né"?. "Mas eu tenho as "NOTAS", eu uso as "NOTAS"". "Para algum controle eu tenho as notas de venda, notas de doação, as notas de produção".






Figuras 2 e 3 – Notas de doação de alimento

Fonte: Relma Aparecida

“Nessas notas eu registro a minha produção, o tanto que é vendida e o quanto é doada, doação”. “Eu tenho ali nas notas tudo anotado, depois eu lhe mostro”. “Mas, assim, realmente eu me perdi com tanta coisa acontecendo eu até queria mesmo ter colocado a Caderneta em prática, ter anotado ali quantos pés de alface, quantos pés de couve, quanto molhos de cebolinha”. “Mas, pela correria mesmo eu não consegui. E eu pergunto a Relma se ela já conhecia a Caderneta antes do Caipiratech Lab ?E Relma me explica “que embora não tenha tido conhecimento das Cadernetas, ela tem ciência do quanto é produzido na sua roça dela e acrescenta : como nós ainda não temos a documentação definitiva de posse da terra não podemos emitir Nota Fiscal do produtor” .

“O documento que temos é um documento provisório, é um documento de “usos e frutos” e está vencido não só o meu, mas de todos os produtores do Terra da Paz”. “E sem esse documento os assentados, nós as/os assentados não conseguimos acessar o talão de notas do produtor para a emissão de Notas Fiscais do Produtor”. “Nós do MST, o conjunto das famílias mais as lideranças estamos juntos fazendo essa luta de regularização né, de pressionar o INCRA, mas não conseguimos ainda vencer essa situação”.

Mudando um pouco o assunto, você já ouviu falar de escrevivência Relma? A Escrevivência trata do ato de nós escrevermos as nossas vivências e quando eu falo de escrever eu também me refiro ao ato de refletir sobre as nossas experiências. Como estamos fazendo aqui e agora. Eu penso que na verdade você vem exercitando essa prática na sua vida, na medida em que “você pára e pensa e diz a você mesma que não quer para si as mesmas dores e traumas vivenciados pela sua mãe”. “Escrevivência” é um conceito da escritora Conceição Evaristo, uma mulher preta, guerreira, lutadora, vitoriosa, sofrida, mas vencedora nas suas lidas de vida.

A Conceição Evaristo, essa maravilhosa, nos ensina que escrever a nossa vivência, a escrevivência, se aplica sobretudo às mulheres pretas como nós! E na medida em que eu vou dialogando com você eu vou entendendo mais e mais esse conceito e internalizando a realidade e a importância dele para as nossas vidas, para as transformações que queremos e precisamos realizar em nós. E para você não ficar com água na boca eu vou lhe presentear com um livro da Conceição Evaristo, essa

gigante, o Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2016). Mas se prepare para chorar, se prepare para crescer, você vai ver que as escrevivências nessas experiências transpassam as nossas vidas, perpassam as nossas existências, eu me vejo ali. E agora, depois de conhecer Conceição Evaristo, eu entendo como a minha tia Hiltes se fêz rainha na minha família materna, na família dos "Vieiras". Até onde eu sei, ela não sofreu abuso sexual, mas sofreu diferenciação, discriminação no seio da nossa gente, mas da mesma forma como você se referiu a sua irmã Relma, a minha tia Hiltes nos legou um "reino de sabedoria". E "poxa" Relma, quanta semelhança entre vocês, entre você e a minha tia, mulheres, mulheres pretas, elegantes, corajosas, acolhedoras, mães amorosas mesmo dos muitos filhos não biológicos. Mulheres livres e construtoras de "gingas" ao encontro do equilíbrio nas convivências entre múltiplas situações, mulheres ricas, femininas e belas! Mas fique tranquila Relma porque embora encontremos dor e sofrimento nas escrevivências de Evaristo, a sua escrita não nos tira forças da caminhada, pelo contrário, nos incentiva a prosseguir! Essa tem sido a minha percepção sobre esse conceito tão caro à Conceição Evaristo e agora se constituindo em nós como um valor inestimável! E no meu caso, não apenas o conceito, mas constatação da pessoa linda que você é Relma.

E quer saber Relma, quanto mais de ti me aproximo, vejo que aonde quer que você se faça presente, você ocupa os espaços e se faz transbordar deles, porque "derrama" não apenas da sua vida e nessas "parecenças" vocês são choronas, mas também sorridentes. E nesse ponto Érica complementa: mas este, certamente, é um choro de elaboração né!

Quando você Relma compartilha me traz muito mais as suas esrevivências do que você, de fato, vivenciou, experimentou, o que não foi o caso das Cadernetas Agroecológicas. Mas que maravilha, você tem as "notas" para você saber quanto você "doa" e você "doa" para quem?

Mas antes de você explicar isto para a gente Relma, com a sua licença abro aqui um outro parêntese para "marcar" a maravilhosa Fátima Lima que aliás foi quem, nos seus cursos no PPRER31 não só me apresentou escritoras potentes, mas inscreveu Conceição Evaristo na minha pele como a única "tatuagem" de que sou portadora.

Então, Relma, explique para a gente como ocorre o processo de doação? "Sim, a gente do Coletivo Alaíde Reis-RJ doa para a "Marmita Solidária", a gente doa para outra organização que, por sua vez, doa para as Favelas do Rio de Janeiro, a gente doa

[31] Mestrado em Relações Étnico-Raciais/PPRER.CEFET/RJ.

para a 'Ocupação Dom Waldyr Calheiros em Volta Redonda-RJ por indicação do SEPE-RJ, e ainda a gente doa para um espaço de tratamento com pessoas com AIDS/HIV".

"Outro espaço no RJ é A Coleta/Rua Solidária". E eu exclamo: mas que maravilha não é Relma esse sentimento de solidariedade e todo esse processo de "doação de toneladas de alimentos" a nível nacional, sobretudo em tempos de COVID-19. Eu me lembro de que Fátima Lima, que é parte integrante da Banca de Defesa desta dissertação foi enfática ao se referir "que as ações coletivas do MST mexem profundamente com a "ordem do capital" e com a "ordem da terra". E em complemento a esta fala eu diria que aprofunda a consolidação do Movimento dos Trabalhadores/as Sem Terra no Brasil e na América Latina.

Uma outra questão Relma, quando você começou a produzir o seu dinheiro, a sua renda, você se sentiu mais segura para dizer para alguém: você vai ter que escolher! "Sim, eu me senti mais segura"! "Porque Cida, me confidenciou Relma, eu sempre fui independente financeiramente". "Eu dependo muito da força de trabalho de homens para me auxiliar a fazer os serviços pesados, mas na questão financeira desde os meus 10(dez) anos é que eu "sou virona". "Desde os 10(dez anos) que eu me acostumei a trabalhar". Sim Relma e que tipo de serviço/trabalho você fazia aos 10(dez) anos"? "Eu catava latinha, catava "pet", catava papelão, catava "borra"[32] da CSN".

Ao fazer referência à catação de materiais recicláveis Relma me trouxe à memória uma fala de Conceição Evaristo com relação à Carolina de Jesus, uma fala de Carolina associada à fome física. Mas nessa fala, na minha interpretação, na forma de ver e sentir se mesclam e se co-fundem as realidades de muitas mulheres pretas como nos desvelou Evaristo: a fala de Carolina de Jesus "[...] não fala apenas de uma fome física[...]", mas de "[...] uma fome que todos nós sentimos, que é a fome de compreensão da vida, que, no caso dela, passava pela experiência da solidão[...]"[33].

"Você se lembra da catação de "borra"", Relma me indagou? Claro que me lembro, eu também quando eu era criança eu "catei borra", uma espécie de escória/resíduos inservíveis resultante do minério utilizado na produção do aço pela CSN. À época esse material/escória de minério de ferro era depositado nas ruas em

[32] Um tipo de escória do processo de produção de ferro gusa, aços e ligas de aço- alto forno. Atualmente essa escória é utilizada na produção de cimento. https://www.google.com/search?q=a+esc%C3%B3ria+do+processamento+do+ferro-gusa+%C3%A9+utilizada+de+que+forma&oq=esc%C3%B3ria+do+ferro+gusa&aqs=chrome.2.69i57j0i22i30l2.24476j1j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8 . Acesso em julho em 2022.
[33] Idem nota de rodapé nº 51.

frente à minha casa para servir de calçamento. Mas havia uma demanda dos “ferros-velhos” por eles e aí quando a minha mãe deixava nós catávamos as “borras” e vendíamos e ganhávamos uns trocados. (risos...)”.

Relma se lembrou de que “saía de manhã para fazer ‘mutirão’ não sei se vocês também faziam assim”. “Eu saía para longe de casa, levava minha marmitinha de comida”. “As vezes na marmitinha tinha somente um mingau de fubá”. “Mas eu sempre fui fácil de fazer amizade e por isso eu comia coisas gostosas no “mutirão da borra””. “Eu voltava para casa à tarde toda “cinza” toda cheia de pó da “borra”, mas sempre trazia meu trocadinho na mão e dizia: toma mãe”.

E eu indaguei à Relma: e como foi que surgiu a ideia de “eu vou catar borra”, você seguiu esse exemplo de alguém”? “Ah Cida, deixa eu lhe falar, eu acho que era vontade mesmo de ter um dinheirinho né”!” Mas Teve uma outra época da minha vida, entre os 12(doze)/ 13(treze)anos que minhas coleguinhas “era tudo bem arrumadinha””. “Mas eu ia para escola, como você deve se lembrar também, com uma mochilinha de saco de arroz”. “Você se lembra dessa época”? Não, Relma eu não me lembro! E Relma me explica: “eram sacos de arroz e também sacos de açúcar descartados que usávamos para fazer as mochilinhas para a gente ir para a escola”. “E por conta disso, de também querer andar arrumadinha é que eu dizia, eu vou trabalhar para eu poder ter também”. “Então, assim, isso é meu desde pequena”. “Meus irmãos falam que era para eu para ter nascido homem porque eu tenho uma disposição que eles não têm”.

“Já morando fora eu chegava na casa da minha mãe e encontrava o quintal cheio de mato, eu emprestava uma enxada e saía capinando e deixava tudo limpinho”. “E aí os meus irmãos falavam mesmo que eu era para ter nascido homem, e diziam ainda, eu não tenho essa disposição que você tem”. “Então, desde pequena eu com 12(doze) anos eu não ia para a escola, mas ia trabalhar para arrumar um troquinho para levar para dentro de casa”.

Sim Relma, por falar em escola, até que ano você estudou? “Cida, eu tenho o 5º(quinto) ano incompleto”. “Eu não consegui finalizar o 5º (quinto)”. “Eu sempre tento retomar os estudos, mas não consigo voltar a estudar”. “Mas eu ainda quero voltar”. “Vamos ver se em 2023 eu consigo voltar para escola”.

Hummmm, digo eu, sim, talvez seja uma questão de planejar, da mesma forma que vocês fazem em relação ao planejamento do que será plantado na roça, não é? “Sim eu agora estou começando a planejar o meu dia”.

Certo Relma e como é que você está realizando o seu planejamento? “Tudo começou assim, eu estou dando uma de esquecida para algumas tarefas (risos)”. Bem, significa que você sabe que as tarefas existem, faz uma listagem e depois prioriza. É isso? “Sim, é isso”. “É igual assim, já comentei: sábado e domingo eu não abro o meu celular”. Porque se eu abrir eu terei que responder de 24 a 48 mensagens em vários grupos de trabalho do Coletivo no whatsapp”. “Então opa, eu não estava tendo mais fim de semana”. “Eu estou sentindo uma necessidade muito grande de me organizar”. “Estou tentando me organizar, porque eu preciso ter tempo para me dedicar a minha horta”. “Vivo daquela horta”. “E hoje o prioritário para mim é trabalhar o sítio, eu dependo do sítio para viver, porque é dele que resulta a única renda que eu tenho”. “É daí que eu tiro o pagamento da internet, da energia e o pagamento/a aquisição das coisas que o sítio não produz”. “Eu dependo de 2(dois) ou 3(três (três) dias na semana para eu trabalhar na minha roça, no meu lugar para eu ter o meu ganho”.

E sim Relma, e o que você produz aqui no seu sítio? “Então, eu produzo acelga, alface, couve, cebolinha, aipim”. “Hoje eu tenho um planejamento de ter como “carro chefe” ou principais cultivos: a acelga, o aipo, e o espinafre”. “O MST incentiva a construção da autonomia política e econômica da mulher e “faz muita formação” para os Coletivos para produção de alimento de verdade, quer dizer comida saudável, sem agrotóxico que causa muitas doenças”. “Então, o que produzo aqui no meu sítio é tudo sem agrotóxico né, porque eu e muitos companheiros/as aqui no Coletivo produzimos sob os princípios da agroecologia”.

“A agroecologia para mim é luta, luta coletiva, é princípio de vida, de saúde”. “Então, como eu estava dizendo, no meu planejamento eu vou priorizar esses 3(três) cultivos”. “Preciso focar nesses três cultivos para não faltar nem na minha lista e nem na composição das cestas”. Minha prioridade hoje é a de trabalhar o meu sítio para eu poder ter a minha renda”.

Relma como se realiza o investimento aqui no sítio, a partir dessa renda que você aufere? “O meu investimento tem sido na aquisição de mudas”. “Eu estava planejando juntar um dinheiro até o final deste ano, mas agora no momento eu não estou conseguindo”. “Mas eu faço investimentos sim, na compra de mudas, de mangueira para irrigação porque eu não estou aqui no sítio as nossas ferramentas de trabalho somem, somem algumas coisas”. “Então sempre tenho que fazer a reposição de algumas coisas né “!

Imagens dos cultivos no Sítio Bela Vista



Figuras 4 e 5 – Imagens dos cultivos no Sítio Bela Vista, Relma Aparecida e eu

Fonte: Érica Mota



Figuras 6, 7, 8, 9, 10 e 11 – Relma Aparecida e eu; Relma Aparecida, Erica e eu; Relma Aparecida; Fonte de água na propriedade; Relma Aparecida e eu; Relma Aparecida e eu

Fonte: Érica Mota

Relma, eu quero muito lhe agradecer por você ter cedido o seu tempo, a sua manhã inteira para colaborar comigo nesta nossa empreita. Eu vou transcrever essa narrativa e vou pedir a você que a leia e autorize por escrito ou não a publicação da sua narrativa. Isto é se você quer que o seu nome e os fatos narrados aqui apareçam ou não. E Relma explicita: “o meu nome, as imagens e tudo que eu falei aqui pode aparecer”.

E para finalizar essa parte vamos falar da sua condição de mãe do Richard. E Relma explicou: “Sim, o Richard hoje tem 10 anos e ele mora comigo já há oito anos né”! “Ele veio morar comigo aos 2 (dois) anos por livre e espontânea vontade”. “E eu falo o que Richard é de Deus porque eu não posso ter filhos”. “Eu chorava muito quando as minhas irmãs, minhas primas engravidavam”. “Daí elas todas escondiam a gravidez de mim porque elas sabiam da minha vontade louca de ser mãe.” “Fiz tratamento, essas coisas todas e nada”. “Um dia eu falei o quê (?) se não é para ter é porque Deus não quer porque se fosse da vontade de Deus já teria tido “filhos” há muito tempo, porque a que a minha família inteira é de “parideiras”, né”. “Daí parei com a idéia fixa de engravidar”.

“Um belo fim de semana a minha irmã de Volta Redonda-RJ veio me visitar, ela tem 47 (quarenta e sete) anos e tem 3(três) filhos”. “O Richard nessa época era pequenininho, de 1(um) ano e pouco de idade”. “Passaram o fim de semana aqui e foram embora”. “O tempo foi passando, passando, passando e aconteceu de o Richard adoecer lá em Volta Redonda-RJ e começou a chorar, a chorar e a pedir eu quero a minha tia, quero a minha tia”. “Nisso ele já tinha 2 (anos) de idade até que eu apareci lá num final de semana e ele me abraçou e não me largou mais”. “Eu falei para a minha irmã: eu vou levar o Richard para ficar um fim de semana lá em casa e depois ele volta”. “Mas nunca mais o menino voltou, nunca mais”. “Mora comigo há 8(oito) anos e no início me chamava de mãe, mas eu não deixei”. “Ele foi crescendo e fui explicando: olha eu sou sua tia, sou irmã da sua mãe e você é meu sobrinho”. “E ele me perguntou, então você pode ser minha “tia-mãe””? “Eu respondi: posso “! E “ele” pode ser meu pai”? “Sim, se você quiser pode sim”. “Para o Richard o importante era a referência de pai porque ele não tem lembranças do pai biológico”. “Só que é assim, se você perguntar a ele hoje, Richard qual é o nome da sua mãe”? “Ele vai lhe responder: eu tenho duas mães”! A minha mãe “X” e a minha mãe Relma”. “E pai: eu tenho um pai que é meu tio “Y””. “De vez em quando ele me pede, óh tia me deixa ir à casa da minha mãe, mãe dele, que é minha irmã de sangue”. “Eu arrumo ele e sigo para Volta Redonda-RJ ou na sexta-feira de tardezinha ou então no sábado de manhã”. “Ele passa o fim de semana lá e retorna na segunda-feira”. “Quando é férias, como a gente ficou aí um bom tempo sem escola,

eu perguntei a ele se ele queria passar um fim de semana lá com a mãe dele”? “Você quer ficar lá uns dias com a sua mãe já que você não tá estudando”? “Ah tia quero sim”. “Mas fica bem por 2(dois) dias, depois ele diz: mãe pede para a tia vir me buscar porque eu não quero mais ficar aqui”. “É desse jeito, então eu digo que o Richard na minha vida é de Deus”. “Foi Deus quem mandou o Richard para mim para aquietar o meu coração”. Relma se ilumina e se expressa entusiasmada: “e o mais legal dessa história é que quando o Richard chegou aqui em casa parecia que ele tinha saído de dentro de mim, menina”! “Verdade, muito interessante”!

Peço licença à Relma para uma consideração nesse sentido. Tempos atrás, em uma conversa com a Érica acerca de filhos ela me disse o seguinte: “o meu último “namorido” tem 2 (dois) filhos”. “Um deles com a companheira e o outro seria enteado, mas ele o considera como filho”. A Érica é professora de alfabetização de crianças (numa condição de licenciada das atividades por motivos de saúde emocional, sobretudo nesse período pandêmico), é “tia” nas série iniciais e aí eu refletia com ela a ela: e então Érica, essa talvez seja a sua oportunidade de ser mãe por conta das condições hormonais e ela me disse de forma muito categórica – “Cida, sabe de uma coisa e ilustra com os braços a encenação “do barrigão gravídico” e me disse “eu não preciso parir” para me sentir mãe porque com cada criança de quem eu me aproximo e me relaciono como professora eu desenvolvo uma ligação muito forte na qual me sinto mãe, tenho um sentimento de responsabilidade muito grande em relação às crianças”.

Esta declaração de amor pelo outro ser humano me deixou muito emocionada e me lembrou a antropóloga **Eleanor Leacock**[34] considerada a mais importante antropóloga marxista norte americana nos seus estudos, pesquisas e vivências entre povos indígenas do Canadá, Estados Unidos e da América Latina. Das suas vivências Leacock nos ensina, entre muitas outras coisas, que para os homens dos povos indígenas não importava saber “quem era o pai” de uma criança. Daí a liberdade dos intercursos sexuais nesses territórios. O que importava mesmo era a criança, importava que cada uma das crianças da tribo recebesse amor, cuidados e atenção de todas as pessoas daquele coletivo.

Mas bem, retomando a fala de Relma, ela concordou com essas afirmativas e complementou. “Sim, é isso mesmo, é incrível”. E muito “orgulhosa” continua a sua narrativa: “olha desde que ele chegou aqui em casa que ele dorme no quarto dele, eu

[34] “MITOS DA DOMINAÇÃO MASCULINA: Uma Coletânea de Artigos Sobre As Mulheres Numa Perspectiva Transcultural” de Eleanor Burke Leacock (1922-1987), tradução de Susana Jimenez (2020) pelo Instituto Lukács-IL.

ensinei a ele desde pequenininho". "Menina, bastava o menino ressonar mais forte um pouquinho que eu saía correndo, é um sentimento "tremendo", uma coisa "incrível" não tem explicação não". E Érica e eu exclamamos: que lindo Relma! Maravilhoso!. "E Relma continuou: "ele é uma criança super educada, não me responde, é muito carinhoso; mas assim, ele tem dificuldade na escola". "Hoje que tem 10 anos e ele não sabe ler, o Richard não conhece números". "Ele tem um celular porque sabe como é, é aquele negócio, ah o meu coleguinha tem né e porque eu não posso ter". "Mas ele tem hora (disciplina) para "mexer" no celular dele". "E hoje eu "brigo" na escola porque desde que eu identifiquei "a dificuldade do Richard" que eu tenho ido a escola e nos postos de saúde pedir encaminhamento e os encaminhamentos somem na escola". "E a escola não dá um "laudo" pedindo para ele ser encaminhado". "Sabe, nesse ponto eu escuto muito a discriminação, eu escuto: mas o que que você é dele"? "Eu respondo, eu sou tia e ele mora comigo há 8(oito) anos". "Sim, mas você não tem um documento legal de "guarda" dele"".

E nesse ponto da conversa Érica orientou à Relma: Mas você pode providenciar um documento de "maternidade sócio-afetiva. "Sim, eu vou providenciar, mas a mãe dele me passa a "guarda", na hora em que eu quiser a mãe dele me passa a "guarda". "Eu quero ver se resolvo esta situação agora nas férias do Richard, porque eu vou ficar mais tempo em Volta Redonda-RJ". "Até porque sem a guarda eu não posso viajar de ônibus com o Richard mesmo sendo ele meu sobrinho". "Você viu que ele se apresentou como Cândido que é meu sobrenome também". "Mas ter o sobrenome Cândido não basta, por isso eu só viajo com o Richard de carro quando eu quero viajar com ele para Volta Redonda-RJ". "Mas isso é falta de eu me organizar para eu ter esse documento de "guarda" para que a qualquer lugar eu vá eu possa comprovar que sou tia e que tenho a guarda legal dele e quebro "esse constrangimento", entendeu"?

E Relma retoma a fala com relação ao filho: "mas assim, ele tem muita dificuldade na escola". "O Richard está na 4ª série na escola e eu brigava muito com ele por conta das atividades da escola". "Mas como é que eu posso brigar com ele por uma coisa da qual ele não sabe"? "Então eu deixo". "O que ele sabe fazer e mesmo o que eu consigo ajudar a gente faz". "O que não fazer fica sem".

Nesse ponto da conversa Érica interveio mais uma vez trazendo orientações pedagógicas: "Relma, quando você puder leia livros com ele e quando você estiver lendo as palavras ponha o dedo embaixo delas". E acrescentou: o setor de educação da região está pensando em algumas atividades de formação e daqui a pouco "eu vou encaminhar o Richard e mais alguns que precisarem. É um plano a médio e a longo

prazos, mas a curto prazo é urgente encontrar uma solução para essa questão do Richard.

E Relma acrescentou “resolver essa questão com o Richard é a minha prioridade”. E então Érica Mota sugeriu a ela: quando você for à Volta Redonda-RJ realizar as entregas das cestas de alimentos, já que você faz isso todos os sábados no SEPE, deixa o Richard comigo na sua ida e você o pega no seu retorno. Ficaremos juntos por, pelo menos, 2 (duas) horas no sábado. Mas se você quiser pernoitar comigo na Fazenda, será melhor ainda porque enquanto a gente estuda você pode preparar os seus quitutes para as nossas refeições e também me ensinar na “produção de mudas” uma vez que eu também estou me tornando produtora rural.

E retornando a fala sobre o processo de alfabetização Érica nos confidenciou: eu já fiz esse exercício antes e as crianças em 3(três) meses já começam a reagir, a demonstrar avanços na aquisição do letramento, alfabetização e leitura”. Ao que Relma reagiu: “ele vai se sentir realizado e claro, eu mais ainda como mãe”. “Mais essa vitória na minha vida, eu creio, exclamou”!

### 3.1.3 Escrevivências Gastronômicas

**Da rotina da faina diária no Sítio Bela Vista**

Bom dia Relma, tudo bem querida? Estamos de volta numa segunda visita ao seu Sítio e obrigada por nos receber a Érica e a mim para essa 2ª rodada de conversas. Hoje a temperatura está muito baixa, talvez estejamos sob uma temperatura de 15ºC, um frio danado, uma sensação térmica de clima de Europa aqui na sua localidade. E, por falar em localidade, qual é o nome do seu Sítio? “O nome do meu Sítio é Bela Vista”. “Eu dei esse nome ao Sítio em razão da vista bela que os nossos olhos alcançam ao derredor”. E eu prossigo, por falar em frio Relma, você me disse que tinha que começar os trabalhos muito cedo. Então, Relma, você pode me falar sobre a sua rotina de trabalho aqui no seu Sítio Bela Vista. ““Sim”, eu me levanto às 05:30h porque o Richard tem que pegar o ônibus da Escola entre as 06:15h e 06:20h aqui na porteira”. “A gente se levanta e enquanto eu preparo o café da manhã ele vai se arrumando”. “Eu trago ele aqui no portão e espero ele embarcar no transporte municipal da Escola”. “Depois eu volto aqui para casa, arrumo as nossas camas para não ficar bagunçado né”. “Depois vou para fora para começar a lida, às vezes eu fico na “estufa”, às vezes mexo na horta e fico por aqui capinando até umas 10:30h mais ou menos”. “Depois eu entro e começo

a mexer com almoço". "Tenho que preparar o almoço para o Richard porque ele logo chegará da escola; por volta de 11:15h já tá chegando". "Eu tenho que esperar ele no portão, se eu não estiver na porteira a "tia" não deixa ele desembarcar do ônibus Escolar". "Ele chega e a gente entra e se ele ainda não almoçou a gente almoça juntos, se já tiver almoçado, eu almoço sozinha". "Depois do almoço tiro um sono de mais ou menos meia hora". "Passado esse tempo, me levanto e venho para fora de novo para fazer outras coisas, isto quando eu não tenho reunião do Coletivo". "A gente tem reunião do Coletivo, quase sempre na parte da tarde porque tem outras mães no Coletivo e, assim a gente se organiza". "Geralmente as nossas reuniões são *online* e/ou presenciais, começam às 13:30h e terminam às 17h". "Quando não tem reunião marcada, mais para a parte da tarde eu começo a preparar o "nhoque", mas começo os preparativos dele 2(dois) dias antes da entrega e, assim, eu vou organizando o meu tempo durante a semana". "Mas é sempre esse o meu ritmo de trabalho".

E Relma prossegue: "eu prefiro a parte da manhã para preparar o "nhoque", sobretudo se o clima tiver muito frio". "Eu coloco o Richard para a Escola e na volta acendo o fogo do fogão à lenha e já deixo a panela com água no fogo, em seguida subo o morro e vou lá na "grota" arrancar o "aipim"". "Desço com as raízes para a cozinha aqui de fora, lavo para tirar a terra, descasco e as coloco para cozinhar". "Quando o aipim tá cozido eu amasso ele ainda quente, ele precisa estar bem quente mesmo para eu conseguir preparar uma boa massa". "Tem dias em que eu não estou muito "agarrada" eu preparo o "nhoque" na parte da tarde e assim eu vou me organizando durante a semana".

E aqui eu faço uma intervenção e exclamo: muito interessante! Até aqui eu imaginava que você Relma tirava a sua renda só da produção/cultivo dos legumes e das hortaliças. Mas não, você tem a horta na qual cultiva as folhagens, os legumes, o aipim etc". E Relma explica: "às vezes tem legumes como abobrinha, cenoura e outras, né". E reafirma, "mas eu tenho também os "beneficiados" e não só a horta".

Os produtos beneficiados da agricultura familiar são aqueles ofertados para consumo com algum nível de "manipulação" no pós-coleta, isto é, passam por pré-cozimento como os de base de aipim como o "nhoque", o "escondidinho vegetariano/vegano", o "escondidinho de queijo", o "escondidinho de frango", a "geléia de goiaba".

"Beneficiados da Relma"/"Nhoque da Terra"



Figura 12 – Nhoque de Aipim Caseiro
Fonte: Relma Aparecida



Figura 13 – Nhoque de Aipim Caseiro
Fonte: Relma Aparecida

“Relma explica que na “época da goiaba” ela prepara a geléia e vai armazenando porque a “geléia” tem uma durabilidade muito boa”. “E quanto ao “escondidinho” eu

congelo". "Então, eu tiro a minha renda dos "beneficiados" também e não apenas dos alimentos em natura produzidos aqui no Sítio". Que interessante Relma! Relma, eu gostaria de fazer o registro da sua receita de "nhoque". A receita de "nhoque" de sua criação! Não que eu, necessariamente, vá prepará-la para o meu consumo; mas, sobretudo, para eu fazer o registro dela nesta pesquisa, pode ser? "Sim, claro, me sinaliza a Relma".

**As inventividades culinárias do "nhoque" por Relma**

O "nhoque", "essa receita de "nhoque" que eu preparo surgiu a partir do "Terra Crioula"[35]. "O MST tem alguns espaços de comercialização dos produtos da Reforma Agrária na cidade do Rio de Janeiro e dentre estes o "Armazém do Campo" e o "Terra Crioula" – os quais funcionam também com um sistema de pedidos de cestas da Reforma Agrária". "E então, o "Terra Crioula" se propôs a levar a "Culinária da Terra" para o seu espaço". "E eu fui uma das pessoas indicadas pela "Coordenação Regional do MST" para fazer parte do "Culinária da Terra" e participar desta "formação"". "Era uma "formação" do MST e a formação era composta pelo professor e os alunos dele". "Eu fui mais como observadora do encontro e, sim, se solicitada eu contribuiria com as coisas da roça que eu sabia, né"! "Dos ingredientes que eles utilizaram para o preparo da receita constavam "ovos", "manteiga", "farinha de trigo", né ". "E para o modo

[35] "[...] O Coletivo "Terra Crioula" nasceu no ano 2010 durante a construção do espaço de comercialização de produtos da Reforma Agrária na Feira Estadual Cicero Guedes do Movimento dos Trabalhadores rurais Sem Terra (Patrimônio imaterial da cidade do Rio de Janeiro, Lei 5.999-2016), no centro de Rio de Janeiro. Assim com o tempo enxergamos a necessidade da construção do Espaço de comercialização "Terra Crioula". O espaço Terra Crioula consiste em uma série de eventos quinzenais de interesse sociocultural, onde convergem as ideias de reunir nossa produção dos assentamentos rurais e acampamentos da Reforma Agrária, a comercialização de produtos e entrega de Cestas da Reforma Agrária, a venda de alimentos da Culinária da Terra com uma proposta de produção gastronômica de alimentação saudável em defesa dos produtos da Reforma Agrária, Terapias Holísticas medicinas alternativas e fitoterapêuticas com uma extensa programação de eventos culturais, apresentações musicais fortalecendo nossa variada rede de parceiros artísticos culturais do Rio de Janeiro. O projeto Terra Crioula se estabelece como um método de fortalecer a relação entre campo e cidade, de forma participativa, didática, formativa, comunicativa, experimental, gerando uma rede de comercialização e atrações culturais. Por este motivo é sumamente importante a divulgação e registro, avançar na construção da documentação dos eventos e divulgação do espaço com nossa rede de comunicadores populares. Trata-se de um coletivo amplo com diversas frentes de trabalho e uma delas, a de comunicação que se articula através do coletivo de comunicação do MST-RJ e uma rede de comunicadores populares compreende a tarefa de produção de conteúdo, registrar, divulgar, e armazenar a memória coletiva do material produzido[...]".Fonte: https://www.facebook.com/TerraCrioulaMST/about. Acessada em julho de 2022.

[35] rio.armazemdocampo.com.br. https://www.facebook.com/TerraCrioulaMST/. Acessada em julho de 2022.

apresentação eles fizeram o “nhoque” no formato de “bolinhas””. No preparo desta receita, como na sua composição tem farinha de trigo, as bolinhas precisam ser mergulhadas em água fervente para o cozimento e quando elas “sobem” à superfície já estão cozidas e já podem ser retiradas e reservadas”. “Depois, é só o preparo do molho de preferência e pronto”! “E sim, eu fiquei só observando e atentando”.

**Receita do “Nhoque do Culinária da Terra”**

“No retorno da cidade do Rio e já em casa, lá um belo dia eu tentei preparar uma recita de “nhoque”, mas sem manteiga, sem ovos, sem farinha de trigo e deu super certo”. “Daí então, eu comecei colocar esse “meu beneficiado” na minha lista (no nosso site) para encaminhar à comercialização no Rio de Janeiro e graças a Deus foi muito bem aceito”. “Mas tinha aí uma questão, eu coloquei o meu “nhoque” na lista, mas na hora da entrega das cestas eu quis estar presente para explicar às pessoas como preparar o “nhoque da terra” porque geralmente o modo de preparo do “nhoque” é o modo “tradicional”.

“No modo “tradicional”, a gente descongela o “nhoque” e depois o alimento passa por cozimento em água fervente por conta da farinha de trigo, mas esse não é o caso de preparo do “nhoque da terra” no qual não há necessidade de cozimento em água fervente”. “No preparo do “nhoque da terra” é suficiente esperar descongelar, porque ele vai congelado e preparar o molho de preferência ou legumes ou de queijo ou de frango e 2 (dois) minutinhos no forno tá pronto”.

“O “nhoque da terra” já é, previamente, cozido porque é feito de massa de mandioca cozida e como não leva nem ovo, nem manteiga, nem farinha não há necessidade de se levá-lo ao fogo previamente, só ao forno”. “Dá um pouquinho de trabalho porque eu trabalho manualmente com a massa quente”. “Então eu preciso investir numa máquina elétrica para a moagem da massa para que eu não precise mais usar nem muito tempo nem muito esforço físico como eu faço hoje”.” No médio prazo eu vou comprar uma máquina e essa máquina já está disponível no mercado”.

Eu lhe pergunto Relma: e qual é o valor da máquina? “Há um ano o valor era de, aproximadamente, RS1450 (hum mil quatrocentos e cinquenta Reais)”. “Essa é uma máquina é elétrica, do tipo dessas que você usa para moer carne”. “E assim, uma vez que a aipim está amassada eu prossigo com o meu processo, qual seja, o de sovar a massa e colocar os temperos de que eu gosto de usar: o “manjericão”, a cebolinha, o “cheiro verde” e salsa”.

E você cultiva esses temperos? “Sim eu os colho da produção da minha horta para não ter que comprar”. “O aipim como lhe falei eu também planto para usar porque no ano passado eu comprei dos companheiros daqui, mas havia muita perda, muito desperdício, as raízes não ficavam frescas; então hoje eu tenho meu próprio cultivo só para os meus “beneficiados” e não precisar comprar”. “Isso, porque, para nós do Coletivo é muito importante plantar no modo da Agroecologia, sem agredir a natureza, sem usar agrotóxico; isto é, não basta saber o que plantar mas também como plantar para colher alimento de verdade”. “E, para o preparo dos nossos “beneficiados” é muito importante a gente utilizar os alimentos frescos”. “E vamo que vamo” exclamou Relma!

Que maravilha Relma, você criou, inovou. Numa palavra reciclou a receita de “nhoque” tradicional. E tem nome a sua receita? “Tem, é **“nhoque de aipim caseiro”.**

**Processos de ensino-aprendizagem no Coletivo- “Formação”**

**(Produção de Receitas/Embalagens/Rotulagem / Precificação e Marketing)**

Seria muito interessante você pensar em colocar “rótulos” nas embalagens das suas produções? Você já se atentou para isso Relma? “Sim”! “Pelo Coletivo a gente tem um grupo de **“Rotulagem”** (reuniões *online* e/ou presenciais)”. “Nesse grupo a gente pensa tanto os rótulos quanto as receitas conjuntas, bem como as embalagens”. “Nesse sentido, a gente tem uma equipe e a gente já começou a fazer algumas experiências, as quais estão dando certo”. “A gente testou as embalagens para os doces, as de “nhoque”, as “do escondidinho”, as redinhas das laranjas que até então estavam todas juntas e misturadas, as pessoas não conseguiam distinguiam os tipos de laranja e chegamos a esse processo”!.

Eu pergunto, bem como funciona a composição das cestas? “A gente viu a necessidade de montar esse processo”. Nesse ponto faço uma intervenção para conferir o meu entendimento: então, na verdade vocês mantem uma identidade. Cada produtor/a sabe qual é a sua produção, embora a cesta seja composta com contribuição da produção do Coletivo. É isso? “E Relma explica: sim, é isso”. “Porque no nosso Coletivo Alaíde Reis a gente tem várias companheiras que trabalham os produtos “beneficiados”, que são geléias de vários tipos, os doces, pães, bolos entre outros”.

Beneficiados do Coletivo Alaíde Reis




Figuras 14 e 15 — Geleia de jabuticaba e bolo de aipim

Fonte: Relma Aparecida



Figura 16 – Bolo de Banana Vegano

Fonte: Relma Aparecida



Figura 17 – Banana

Fonte: Relma Aparecida

"Mas o **rótulo será "único",** será o rótulo é o do nosso Coletivo". Vocês conjugam com o rótulo do Alaíde Reis com o rótulo individual? "Não, a gente vai trabalhar somente com o **Rótulo do Alaíde Reis,** não existe o trabalhar com o rótulo individual"**.**

Novamente intervenho, então como é que eu sei que uma produção é da Relma, por exemplo? "Nesse caso essa informação é repassada oralmente". "Eu lhe diria: eu trabalho com beneficiamento de "nhoque", "bolo de aipim", "banana palha", "bolo de banana" e "escondidinho". "Se a pessoa quiser saber quem produz determinado processado/beneficiado a gente informa". E novamente pergunto: e se alguém, além de você quiser trabalhar na produção de "nhoque"? E Relma explica: "Bem, se surgir mais alguém não haverá problema algum porque o trabalho será coletivo". "E nesse caso vamos promover oficinas de formação de "beneficiamento de nhoque" entre outros alimentos". "A receita é única, mas a renda da venda será partilhada por entre 2 (duas), 3 (três), 4 (quatro), ou seja, entre aquelas que participarem do beneficiamento daquele item".

Resgatando aqui em relação às embalagens dos "beneficiados", as embalagens são confeccionadas com quais materiais? Ao que Relma explicou," elas são de papel e a gente as compra". "Para a gente fazer o teste, a gente comprou 100 (cem) unidades

de embalagens de doces e 100 (cem) unidades de embalagens de “nhoque” e de escondidinho”, as quais foram distribuídas entre nós”. “A gente mandou para as “frentes de venda” e deu certo”. “Tivermos elogios como retorno”! “No dia 13 de julho agora, a equipe de “Rotulagem” vai levar esse resultado para a Coordenação Estadual para a análise e aprovação”.

“Isto porque tem o processo de precificação dos alimentos/embalados.” “Veja você, cada uma das caixinhas (embalagem) de doces custa RS 0, 59, (cinquenta e nove centavos) e cada caixinha (embalagem) de “nhoque” custa RS 1,59 (hum Real e cinquenta e nove)”. “No caso do “nhoque” o preço de “custo” é de RS12, (doze), mas o preço final de venda vai ficar em RS13,50 (treze e cinquenta), entendeu”. “E prosseguiu, isso porque a gente precisa fazer investimentos para ampliar os nossos “retornos” e assim vai”. “Em relação às oficinas teremos uma série delas nos Assentamentos para a gente entender os processos de precificação dos nossos produtos, porque eu mesma não sei como que eu “tiro o gasto”, “o valor de um dia inteiro do nosso trabalho”, quanto “custa o meu dia de trabalho”?

E nesse ponto eu reajo, sim é muito interessante todo esse processo de aprendizagem e se você me permitir eu gostaria de resgatar aqui a importância da aplicação das Cadernetas Agroecológicas (uma iniciativa do Movimento de ferramenta política-pedagógica)[36] como suporte para o processo de precificação dos alimentos. Até porque eu penso como você, embora seja trabalhoso o processo de quantificação dos tempos gastos em cada uma das atividades, a exemplo da quantificação da produção, do autoconsumo, de vendas, das doações, as Cadernetas podem em muito contribuir também nesse processo de precificação. Em outras palavras seria quantificar o tempo de trabalho investido/gasto numa determinada atividade: custo do tempo/trabalho. Na verdade penso que as Cadernetas são para além do processo de precificação, porque se articuladas ao processo de “Escrevivência” trará o “seu deslocamento de vida” para a centralidade da luta, que é constituinte da luta coletiva do MST.

Nessa direção, queria resgatar com você a reflexão sobre a questão que você levantou quanto à importância do investimento na máquina de moer o “aipim” para processar a massa dos beneficiados: isto significa refletir sobre o tempo de trabalho gasto nesta atividade. Com a máquina (tecnologia) a tendência do tempo de trabalho gasto nesta atividade é a de diminuir. Da mesma forma como você mesma me disse lá

[36] As Cadernetas Agroecológicas são uma ferramenta importante da Articulação Nacional de Agroecologia - ANA e foram criadas como instrumento político-pedagógico para fortalecer a autonomia das mulheres agricultoras, para que nela pudessem registrar, visualizar e precificar todo o trabalho que realizam diariamente.

atrás ao se referir aos seus irmãos: “eles pensam que eu sou rica porque eu tenho um sítio, porque eu planto etc – e você acrescentou: é o trabalho que produz “riqueza”.” E sim, eu se tenho dinheiro é porque eu trabalho”. “E é na luta coletiva que somos capazes de nos transformarmos a nós mesmas/os e a nossa realidade onde estamos inseridos (grifos meus)”.

Nesse ponto Relma retoma as suas narrativas no sentido de reafirmar a “importância da quantificação dos tempos de trabalho e coloca que, praticamente, ela gasta um dia inteiro só no preparo do “nhoque” e dos “escondidinhos”. E prossegue: “é por isso que quando eu trabalho no preparo do “nhoque” eu pego um dia inteiro para me dedicar somente a isto”. E eu pergunto à Relma: “e de quanto em quanto tempo você se dedica ao beneficiamento do produto a ser vendido ao que ela responde: “um dia por semana”. “Os meus beneficiados compõem a minha lista de mercadorias para as cestas e as entregas”. “Temos um *site* específico onde eu coloco as quantidades de ofertas por mercadoria”. “Por exemplo, eu coloco 10 unidades de cada mercadoria para venda”. “Mas contando que os pedidos podem exceder esta quantidade de 10(dez) unidades, a pessoa que acompanha os pedidos de cestas no *site* me pergunta se é possível acrescentar algo na minha lista”. “Se eu já os tiver preparado em casa eu digo que sim”. “Se não, somente na próxima cesta será possível atender a estes pedidos”. “O procedimento segue a mesma condução para os demais beneficiados que eu coloco na minha lista de oferta”. “Às vezes ocorre de eu disponibilizar 10(dez) unidades e só vender 5 (cinco)”.

E eu pergunto à Relma: e vocês buscam saber o retorno sobre a satisfação de quem consome, ou seja, dos consumidores dos seus produtos quanto ao sabor, se está salgado ou se está sem sal, em relação à consistência, em relação à apresentação? “Sim, por exemplo, no domingo mesmo eu estava respondendo, pelo *whatsapp* no privado, a um rapaz de Volta Redonda-RJ sobre o modo de preparo do “nhoque”. “Mas, eu também sou muito presente nas entregas das cestas nos regionais (nos espaços dos SEPE’s) e quando eu vejo que a pessoa “pegou” um “nhoque” eu pergunto: é a primeira vez que você está comprando”? “Se a pessoa me responde que não, então *“tranquilo*” porque a pessoa soube preparar direitinho; mas quando ela me responde que é a primeira vez, então eu explico como se dá o preparo do “nhoque””.

Da mesma forma foi no nosso “espaço na cidade do Rio de Janeiro” também. Como foi essa experiência? “A primeira vez que eu coloquei na lista o “nhoque de aipim caseiro” foram vendidas 30(trinta) unidades de 500g”. “Eu disse Opa”! “Mas, a segunda

vez" já teve uma queda, uma quebra na demanda, e eu pensei assim: isto pode significar que então as pessoas não estão sabendo preparar o 'nhoque'".

"Isto porque se a gente preparar o **"nhoque de aipim caseiro"** da mesma forma de preparo do "nhoque" tradicional, ao colocar ele na água fervente ele vai se tornar uma "sopa"". "Sob essa perspectiva eu fui para o "espaço" e fiquei lá e toda vez que as pessoas buscavam as suas cestas, eu as abordava para conversar e explicar o modo de preparo do "nhoque"". "A partir disso as vendas voltaram a aumentar". Novamente aqui eu não me contenho e exclamo: que perspicácia, que percepção maravilhosa a sua Relma.

Relma, me fale, hoje você está na Coordenação da Comercialização da Regional" da produção do Coletivo Alaíde Reis, juntamente com outras/os companheiros/as, onde se inclui o preparo dos "beneficiados", não é? Nesse sentido Relma, eu preciso lhe dizer o quanto estou maravilhada com a forma como você vem encaminhando as questões do Coletivo, eu estou maravilhada com as suas iniciativas de resolução de problemas! E preciso refirmar que tudo isto que você vem fazendo no Coletivo e com o Coletivo é muito interessante, é muito rico, é muito agregador! Ao que Relma me acena positivamente com um sorriso e com um "...hum...hum..." como quem me diz: "eu tenho ciência disso companheira"!

E Relma retoma: "tenho registro de uma outra experiência bem legal que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro numa entrega de cestas". "Para esta entrega de cestas eu tive a idéia de apresentar uma "mesa de degustação" dos "beneficiados do Coletivo Alaíde Reis"". "Conversei com as companheiras daqui e selecionei alguns dos nossos produtos e os expus numa mesa de degustação ao tempo em que sondei sobre a satisfação das pessoas em relação à apresentação, cheiro, sabor etc". "E assim foi feito"! Como resultado final algumas pessoas apontaram que "tem muito açúcar", "tem pouco açúcar", tá "meio pro salgado", "precisa um pouco mais de sal" e "assim e assim". "E isso nos ajudou muito, contribuiu muito para a gente ajustar e equilibrar a composição dos nossos "beneficiados" tanto para mim como para as outras companheiras". "Ainda tem muitas companheiras que me consultam no privado quanto ao modo de preparo de algumas receitas dos nossos beneficiados, mas daqui a pouco isso será passado porque estamos trabalhando na construção da "Rotulagem" dos produtos do Alaíde Reis como uma saída para a resolução de dúvidas quanto aos ingredientes (composição) e do modo de preparo tanto interna, quanto externamente.

# Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo realizar o registro das Escrevivências articulada à produção Agroecológica nas experiências de Relma Aparecida como processo de existência, (re)existência e transformação da realidade de si mesma e de outras pessoas, sobretudo nas suas vivências no Coletivo Alaíde Reis do MST-Sul Fluminense.

E todo esse processo de elaboração me trouxe à lembrança a pessoa, a figura icônica de Carolina Maria de Jesus (1914-1977) em seu "Quarto de Despejo- Diário de uma favelada, 1960" e Casa de Alvenaria"[37]/[38] . Não que Relma Aparecida tenha tido, ao pé da letra, a experiência do "quarto de despejo", muito pelo contrário! As inferências de fundo tomadas aqui e de novo são as referênciadas em Conceição Evaristo[39] em relação à Carolina de Jesus (1914-1977), a de "mulher negra, paupérrima, com baixa escolaridade, mãe de família, que morou na favela do Canindé, em São Paulo, trabalhou como catadora de papel e ganhou projeção nacional quando seu diário foi descoberto e publicado, em 1960, com o título "Quarto de despejo".

E, parafraseando Conceição Evaristo, para mim as referências de Relma Aparecida são as de a mulher preta, com baixa escolaridade, que sempre morou em casas de alvenaria "mantidas" pelo trabalho das suas mãos e pelo trabalho do seu corpo de mulher preta.

Relma Aparecida, uma mulher preta, mulher trabalhadora, trabalhou desde a infância na "catação de recicláveis" para apoiar a mãe no sustento da família e quando jovem trabalhou para o seu auto-sustento. Primeiro como doméstica e depois na "colheita de café" nas Gerais e hoje continua mulher preta, mas que também é mãe de família dedicada e que vem ganhando projeção local/regional e nacional a partir do seu trabalho, na luta coletiva como produtora rural familiar.

E tem sido na luta coletiva que Relma Aparecida vem tecendo a construção de um caminho (re)existência para a autonomia política e financeira, em autoamor, em

[37] Edição comemorativa (1960-2020) Ed. Ática (2020). Traduzido para mais de 13 idiomas.
[38] Casa de Alvenaria (2021). Prefácio de Conceição Evaristo e Vera Eunice de Jesus, filha de Carolina de Jesus.
[39] https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/10/25/interna_cultura,1316643/conceicao-evaristo-aborda-obra-de-carolina-maria-de-jesus-no-letra-em-cena.shtml

crescente autoestima/autoconfiança e bem-querer para “bem viver” no Coletivo Alaíde Reis do MST/ Sul Fluminense-RJ.

Um dos desafios desta pesquisa foi o de articular o diálogo entre o método materialista histórico dialético, Marx (2013); Netto (2011), Marx e Engels (2010; 2007) e o conceito de escrevivência. O conceito de Escrevivência permeia toda a obra literária de Evaristo, mas nesta pesquisa tomamos como referenciais os seus escritos em Ponciá Vicêncio (2003), Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2016) e no Seminário “Escrevivência: a escrita de nós/Itaú Social (2020).

Nesse processo, enquanto desenvolvia esta pesquisa fui percebendo que o diálogo entre o método materialista histórico dialético - ferramenta de análise da realidade social opera sob a perspectiva dos indivíduos reais, de suas condições materiais de vida, tanto aquelas por eles já encontradas como as produzidas por suas próprias ações.

Por sua vez, o conceito de escrevivência é também, em si, uma ferramenta epistemo-metodológica que se propõe à análise dos acontecimentos na vida de mulheres pretas reais e nesta pesquisa, uma trabalhadora rural familiar. Em comum, na realidade de existência e de (re)existência de mulheres pretas, nossas experiências de vida se vinculam e remontam às de mulheres e homens forjados e derivados de sociedade escravagista cuja ideologia racista ainda hoje se mantém fortemente institucionalizada, à moda brasileira, no modo de produção capitalista.

De forma que, uma possibilidade de saída de vida coletiva para a classe dos trabalhadores(as) na conjuntura histórica da quadra atual é, sobretudo para a mulher preta, a do exercício individual de articular a proposição política contida na ferramenta epistemo-metodológica do conceito de escrevivência à perspectiva de análise do método do materialismo histórico dialético.

Cabe destacar, entretanto, que nas nossas escrevivências pretas, ainda que as nossas vozes sejam singulares elas revelam e reverberam sentimentos de cumplicidades e pluralidades pretas de muitas de nós. E penso que é, exatamente aí, na percepção e consciência individuais que habita o nosso poder coletivo ao enfrentamento e superação das condições históricas dadas pela realidade social.

Como pesquisadora eu me permito a afirmar que tomar escrevivências como um exercício de vida é, também, um exercício de poder. O poder de identificar e de trazer à consciência as suas atuais condições de vida em seu estado de acontecimentos e de

mapear as redes de relações entre àquelas e estas para as tomadas de decisão quanto a que caminhos construir enquanto os percorremos.

E foi, a partir dessa longa caminhada que Relma Aparecida se desafiou a desatrelar-se do jugo de relações desiguais e promotoras de adoecimentos psíquicos e violências físicas como também o fêz minha mãe. Quanto a mim ainda estou no processo de descobrir como o meu poder de escolha me guiará dentre as opções de saídas de vida que estou a construir. Agora eu já tenho as ferramentas de análise e posso tecer outros caminhos de jornada!

Relma Aparecida nos demonstrou que temos em nós o poder de mudar nossos destinos e o mais importante dentre tudo é a autoconfiança, independentemente do quer que façamos e de onde estejamos.

Os limites desta pesquisa foram os de não termos conseguido incluir as perspectivas de um maior número de mulheres pretas e assim ampliar a nossa compreensão do significado da percepção de outros corpos pretas do Movimento dos Trabalhadores/as Sem Terra, o qual atua em todo o território e na América Latina.

Contudo, as escrevivências de Relma Aparecida articuladas à agroecologia nos permitiram entrever que este é um dos caminhos para a autonomia financeira e política da mulher, da mulher preta, a partir da produção de alimentos saudáveis, da recuperação e manutenção de ambientes sustentáveis e possibilidades de contribuir na redução dos efeitos das mudanças climáticas para a manutenção da vida.

Nessa direção penso que incrementar o nosso apoio ao MST e aos movimentos sociais populares é também uma forma de fortalecer a luta coletiva, sobretudo, porque mais uma vez a resistência política do MST demonstrou o porquê da sua existência. Existência esta que, mesmo sob o desmonte das políticas públicas sociais positivadas em relação à Reforma Agrária no Brasil, cumpriu o papel de alimentar os corpos de milhares de famílias brasileiras abandonados à própria sorte pelo estado nacional, sobretudo em tempos de COVID-19, diante das crises econômica, sanitária e ambiental promovidas pelo modo de produção capitalista e exacerbadas no governo Bolsonaro (1919-1922).

Outro contributo chave dessa pesquisa se refere à descolonização da academia, a partir das escrevivências de Relma Aparecida tomadas aqui não como estratégia subversiva da escrita corrente, mas a partir da sua própria perspectiva de mundo e muito do seu modo de se expressar.

As escrevivências de Relma Aparecida, “um corpo de mulher preta e não outro”, tiveram como fontes de inspiração Fátima Lima, minha “ORI” a me iluminar e a me alimentar na sustentação da minha autoconfiança na construção desta dissertação, Carolina Maria de Jesus (Figura 19 “in memorian”) e Conceição Evaristo (Figura 20) como as nossas mais velhas.

E, por fim, a proposta de devolutiva desta pesquisa passa pela produção e edição de vídeos de curta duração para comunicar/divulgar os resultados desta pesquisa como forma de alcançar o coletivo Alaíde Reis /MST-RJ e para além dele.

**Um salve a estas pretas – minha inspiração ao longo dessa jornada no PPRER/CEFET/RJ**



Figura 18 – Fátima Lima/UFRJ/PPRER/CEFET-RJ

Fonte: imagens Google

**Um salve às nossas mais velhas**



Figura 19 – Carolina Maria de Jesus.

Fonte: https://elle.com.br/cultura/carolina-de-jesushttps://elle.com.br/st/Newsletter



Figura 20. Conceição Evaristo. (Foto: Aline Macedo)

Fonte: https://www.geledes.org.br/catedra-da-usp-recebe-as-escrevivencias-de-conceicao-evaristo/

# Referências


Agência Brasil. **Primeiro caso de Covid-19 no Brasil completa um ano**. 26 fev. 2021. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano. Acessada em 14 jul. 2022.

ALMEIDA, S. L de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. PORTARIA GM/MS. Nº 913, DE 22 DE ABRIL DE 2022. DOU: 22/04/2022 | Edição: 75-E | Seção: 1 - Extra E. Declara o encerramento da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (2019-nCoV) e(2019-nCoV) e revoga a Portaria GM/MS nº188, de 3 de fevereiro de 2020. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-913-de-22-de-abril-de-2022-39454549. Acessada em 10 jun. 2022.

BRASIL. **DECRETO Nº 7.794, DE 20 DE AGOSTO DE 2012**. Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica. Disponível em: . https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DEC&numero=7794&ano=2012&ato=b87QTUq10MVpWT931. Acessada em 10 jun. 2022.

BRASIL. **Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional – LOSAN , nº 11.346, de 15 de setembro de 2006**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11346.htm. Acessada em 10 jun. 2022.

CAMPELLO, T.; BORDOTELLO, A. P. (Orgs.). **Da fome à fome:** diálogos com Josué de Castro. São Paulo: Elefante, 2022.

CAMPELLO, Tereza. **A reversível tragédia alimentar no Brasil**. Entrevista a João Peres, Marcos Pomar e Tatiana Merlino, em *O Joio e o Trigo.* Disponível em https://outraspalavras.net/outrasmidias/a-reversivel-tragedia-alimentar-no-brasil/. Acessada 10 jun. 2022.

CARDOSO, Elisabeth *et al.* **Guia Metodológico para a Sistematização das Cadernetas Agroecológicas.** Disponível em http://portalsemear.org.br/wp-content/uploads/2019/06/Guia-de-uso.pdf Recife: FIDA, 2019. Acessado em 10 jun. 2022.

CARNEIRO, S.; SCHUCMAN L. V. *In:* REGINA, T. 'Raça não é mãe do racismo, ela é a filha dele', explica Lia Vainer Shucman. **Ecoa UOL:** por um mundo melhor, 28 out. 2020. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/10/28/raca-nao-e-mae-do-racismo-ela-e-filha-dele-explica-lia-vainer-schucman.htm. Acessada 10 jun. 2022.

CAPISTRANO FILHO *et al.* **Ambiente de Trabalho:** A luta dos Trabalhadores pela Saúde. São Paulo: Hucitec, 1986.

CARTA POLÍTICA DO II ENCONTRO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2019/09/carta-politica-iiena-pdf.pdf. Acessada em 15 jan. 2021.

.

CAVALCANTI, M. *et al.* Alimentação Saudável: somos o que comemos! *In:* MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Feminismo Camponês Popular:** Reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

COSTA, L. F. *et al.* **Sistemas agroalimentares sustentáveis e sua importância para a saúde coletiva.** II Encontro On-Line do Técnico em Nutrição e Dietética, 05 ago. 2021. Disponível em . https://agronfoodacademy.com/sistemas-agroalimentares-sustentaveis-e-sua-importancia-para-a-saude-coletiva/. Acessada 14 ago. 2022.

CIRNE, M. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social**. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

COATES, Ta-Nehisi. **Entre o mundo e eu.** [recurso eletrônico]. 1a. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

DIAS, Alexandre Pessoa Dias *et al.* (orgs.) **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1a. ed. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Nacional Joaquim Venâncio, 2021.

DUARTE, Dom S. L.; FERREIRA, Dom V. **Ecologia integral:** um caminho de cura para o doente, 2020. Disponível em . https://www.ihu.unisinos.br/ categorias/ 5991052020. Acessada 14 ago. 2022.

EL PAIS, 2017. https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acessada em agosto de 2022.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e hitórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Rocco,1994

EVARISTO, Conceição**.** A Escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (Orgs). **Escrevivência**: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1a. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf. Acessada 14 ago. 2022.

EVARISTO, Conceição**. Insubmissas Lágrimas de Mulheres**. 2.a. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição**. Literatura negra:** uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1996. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/267423926_Literatura_negra_uma_poetica_de_nossa_afro-brasilidade. Acessada em 10 jun. 2022.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade
**SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009. Disponível em http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510. Acessada 14 jul. 2022.

EVARISTO, Conceição. *In*: ZIMBWE, T. 'Quando mulheres negras se levantam, o mundo se ergue conosco'. **Observatório da Sociedade Civil**. 31 out. 2019. Disponível

em: https://observatoriosc.org.br/quando-mulheres-negras-se-levantam-o-mundo-se-ergue-conosco/. Acessada 10 jun. 2022.

FERNANDES, B. M. Acampamento. *In:* CALDART, R. S. *et al.* **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

FILHO, A. R. A crítica ao idealismo: política e ideologia. *In:* NETTO, José Paulo. **Curso livre Marx-Engels:** a criação destruidora. São Paulo: Boitempo. 2015.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1997.
GASPARIN, G. *et al*. **Acampamentos e Assentamentos**. **Dicionário de Agroecologia e Educação**. São Paulo: Expressão Popular. 2021.
GLIESMANN, S. *In:* **IHU On-Line**. Edição 485, 16 mai. 2016. Disponível em: https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/485 Acessada 14 jul. 2022.

GONZALEZ, L.; RIOS, F; LIMA, M. (orgs.). **Por um feminismo afro-latino-americano.** Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GRANEMANN, S. Crise econômica e a Covid-19: rebatimentos na vida (e morte) da classe trabalhadora brasileira. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tes/a/VqhBxrX6GWp7LhbNLPWWxYH/. Acessado 10 jun 2022.

GUARESCHI, P. **Sociologia Crítica:** Alternativas de mudança. Porto Alegre: Mundo Jovem, 2008.

hooks, bell. **Teoria Feminista:** da margem ao Centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.
IANNI, Otávio. Dialética das relações raciais. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, jan.-abr. 2004.

IBGE. **IBGE Educa.** Disponível em https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html. Acessada em 10 jun. de 2022.

IBGE. PCERP. **Pesquisa das Características Étnico-Raciais da População/2008.** Disponível em https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9372-caracteristicas-etnico-raciais-da-populacao.html?=&t=resultados. Acessada em 14 jul. 2022.

KILOMBA, Grada. *In:* A desmantelar o poder: artista multidisciplinar Grada Kilomba fala sobre caminhos para subverter uma história colonial de 600 anos. LIMA, Juliana Domingos de. **ECOA Uol**, 14 mar. 2021. Disponível em: https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/grada-kilomba-todas-as-crises-que-temos-sao-baseadas-em-600-anos-de-historia-colonial/. Acessada 10 jun. 2022.

LEACOCK. E. B. **Mitos da dominação masculina:** uma coletânea de artigos sobre as mulheres numa perspectiva transcultural. São Paulo: Instituto Lukács, 2019.

LORENZONI, C.; SEIBERT, I. G.; COLLET, Z.: Veredas de muitas histórias. *In:* MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Feminismo Camponês Popular:** Reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

MARX, K. O **capital:** crítica da economia política: o processo global da produção do Capital. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MELITO, L. Arquitetura da destruição das políticas de combate à fome no Brasil. *In:* **o joio e o trigo.** 03 fev. 2020. Disponível em: https://ojoioeotrigo.com.br/2020/02/arquitetura- da-destruicao-das-politicas-de-combate-a-fome-no-brasil/. Acessada em 10 jun. de 2022.

MEZADRI, A. M. *et al (org.).* **Feminismo camponês popular:** reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas. São Paulo: Outras Expressões, 2020.

MST. 6° Congresso Nacional, em Brasília. **Lutar, Construir Reforma Agrária Popular!** Brasília, 2014. Disponível em https://mst.org.br/nossa-historia/05-14/. Acessada em 10 jul. 2022.

MST**.** 5° Congresso Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Reforma Agrária: por justiça social e soberania popular.** Brasília, de 11-15 jun. 2007. Disponível em https://mst.org.br/download/5o-congresso-nacional-do-mst-2007/. Acessada em julho de 2022.

MST**.** 4° Congresso Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Por um Brasil sem Latifúndio.** Brasília, 7-11 ago. 2000. Disponível em: https://mst.org.br/nossa-historia/00-04. Acessada em 10 jul. 2022.

NEJAR, Carlos. **A vida secreta dos Gabirus**. 1a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

NETO, J. de F. **Racismo genderizado e processos de subjetivação:** traumas coloniais e reexistências no fórum estadual de mulheres negras do rio de janeiro. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico- Raciais) – Programa de Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2021.

NETTO, J. P. **Pequena história da ditadura militar brasileira (*1964-1985).*** São Paulo: Cortez, 2014.

NETTO, J. P. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ODDONE, I. *et al*. **Ambiente Di Lavoro:** La fabbrica nel territorio. Reprodução da edição italiana de 1977. Ediesse.

PENSAAN. II VIGISAN. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil** [livro eletrônico]. II VIGISAN : relatório final. Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar. PENSSAN. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2022. Acessada 10 jul. 2022.

PETERSEN, P. *In:* FACHIN, Patricia. **Redes de agroecologia como uma alternativa à agricultura industrial**. Entrevista especial com Paulo Petersen à IHU, 30 mai. 2018. Disponível em https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/579458-redes-de-agroecologia-como-uma-alternativa-a-agricultura-industrial-entrevista-especial-com-paulo-petersen. Acessada 10 jul. 2022.

SILIPRANDI, E. Rompendo a inércia institucional: as mulheres rurais e a política nacional de agroecologia e produção orgânica. *In:* SAMBUICHI, R. H. R. *et al.* (Orgs.). *In:* **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil:** uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável. Brasília: Ipea, 2017. Disponível em https://repositorio.ipea.gov.br/ handle/11058/8038. Acessada 12 jul. 2022.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e Agroecologia:** a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Acessada 10 jul. 2022.

SILO - Arte e Latitude Rural**. CURSO LIVRE Caipiratech Lab.** 2020. Disponível em https://silo.org.br/caipiratechlab2020/, Acessada 10 jun. 2022.

SOUZA. Cristhiane Silva de Albuquerque Souza. (Cristhiane Malungo de Albuquerque Souza). **Entre o atlântico e a atlântica:** (re)existências em movimento**.** Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021. Acessada 10 jul. 2022.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno Falar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TAYLOR, Charles. *In:* MAUROT, Élodie **"Devemos-explorar-a-existencia- em-vez-de-tentar-controla-la".** Disponível em: https://www.ihu.unisinos.br/620815-entrevista-com-charles-taylor. Acessada em 10 de agosto de 2022.

VIA CAMPESINA. **Declaração Final do II Encontro Continental de Formadores Agroecológicos**. Guatemala, 03 ago. 2011. Disponível em https://nicaraguaymasespanol.blogspot.com/2011/08/declaracion-final-de-ii-encuentro.html. Acessada 10 jun. 2021.

VIA CAMPESINA. Relatório do Encontro. *In:* **Encuentro Continental de Formadores Y Formadoras em Agroecologia.** 1. **Anais**. Barinas, Venezuela: Instituto Agroecológico Latinoamericano Paulo Freire (IALA), agosto de 2009. Acessado em julho de 2022.

ROSSET, P. M.; MARTÍNEZ-TORRES, M. H. **La via campesina y agroecologia.** Instituto Agroecológico Latinoamericano Paulo Freire (IALA), agosto de 2009. Disponível em https://www.viacampesina.org/es/wp-content/uploads/sites /3/2013/05 /ES-09.pdf. Acessada 10 jul. 2022.

VIA CAMPESINA: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. **Biodiversidade, Organização Popular, Agroecologia**. *In*: Jornada de Agroecologia, 5. **Anais**. Cascavel: Jornada de Agroecologia, 2006. Acessada 10 jul. 2022.

ZIMBWE, Thais. ‘Quando mulheres negras se levantam, mundo se ergue conosco.’ **Observatório da Sociedade Civil.** 31 de outubro de 2019. Disponível em: https://observatoriosc.org.br/quando-mulheres-negras-se-levantam-o-mundo-se-ergue-conosco/. Acessada em jul. de 2022.

# ANEXOS

## Anexo A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -TCLE
## (Elaborado de acordo com a Resolução 510/2016- CNS/CONEP)

Convido V.Sa. a participar da pesquisa intitulada “ESCREVIVÊNCIAS E AGROECOLOGIA: (re)existência e transformação de vida de uma mulher preta no Coletivo Alaíde Reis do MST/ Sul Fluminense-RJ ” sob a responsabilidade da pesquisadora Maria Aparecida Vieira Albano Ferreira, bióloga, mestranda do Programa de Pós-graduação “*Stricto Sensu”* em Relações Étnicorraciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca/CEFET -RJ, sob a orientação do Professor Dr. Mário Luíz de Souza.

A dissertação traz como objetivo geral expor as narrativas da trajetória de vida de uma mulher e apreender, a partir da lógica dialética, como uma mulher preta, de instrução educacional básica incompleta articulou o conceito de escrevivência à produção agroecológica e teceu a (re)existência como fio condutor de processos coletivos de transformação de vida no Assentamento Terra da Paz/ Coletivo Alaíde Reis/ MST-RJ. Para a realização deste trabalho de caráter qualitativo e interpretativo utilizou-se de uma metodologia de pesquisa que convocou a teoria e as experiências de vida para a construção de saberes emancipatórios, assim como técnicas de pesquisa de Roda de Conversas presenciais com a participação de 3(três) pessoas, as quais realizadas em 3(três) rodadas, a saber a pesquisadora Maria Aparecida Vieira Albano Ferreira, Relma Aparecida Cândido Damasceno, sujeita da pesquisa e respondente da pesquisa; e, Erica Pereira Mota, parceira do MST e professora infantil licenciada. Vale esclarecer que Relma Aparecida Cândido Damasceno abriu o anonimato das suas narrativas autorizando, por meio deste TCLE, a publicização do seu relato a quem interessar possa.

Quanto aos riscos da pesquisa, são os de que os sentimentos de desconforto e o sofrimento que as lembranças das vivências e experiências de vida possam suscitar a interrupção momentânea das narrativas da sujeita/respondente ou mesmo resultar em suspensão a suspensão de sua participação nesta pesquisa se a respondente assim o desejar. Isto pode ocorrer haja vista a perspectiva subjetiva-política de sua vivência racial, violência de gênero entre outras. Cabe ressaltar junto à respondente que acaso não se sinta à vontade com as perguntas, com o tipo de abordagem/ tema, ou ainda se

sentir discriminada/desrespeitada é suficiente sinalizar para que as conversas e as gravações sejam suspensas. Cabe ainda reforçar que as participações nesta pesquisa são voluntárias e, portanto, você não haverá pagamento sob quaisquer formas e hipóteses; podendo as participantes e, sobremaneira, Relma Aparecida Damasceno Cândido podendo desistir de sua contribuição a esta pesquisa a qualquer tempo antes da Defesa da Dissertação, haja vista que as narrativas de suas escrevivências integram o desenvolvimento da totalidade desse estudo/pesqusa.

Os benefícios diretos ou indiretos advindos para a sujeita/respondente resultantes desta pesquisa podem se constituírem como contribuição social e econômica no fortalecimento do caminho de auto-análises que envolvem a realidade das mulheres pretas, sobretudo as mulheres pretas produtoras rurais familiares no MST, militantes de movimentos sociais como forma de construir tecidos sociais de suporte as (re)existências tão necessárias à saúde integral da mulher preta, à qualidade de vida, ao fortalecimento do Coletivo Alaíde Reis-MST no Sul Fluminense-RJ.

No campo de pesquisas não há dúvidas de que a participação da sujeita/respondente desta pesquisa em muito contribuirá para a descolonização da academia, ao tempo em que também significará uma imensa contribuição do MST ao Programa de Pesquisa em Relações Étnicorraciais à construção da transformação desta sociedade.

A sujeita/respondente desta pesquisa terá como direitos a garantia de esclarecimentos e respostas à quaisquer perguntas; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si; a garantia de que acaso haja algum dano a sua pessoa, a pesquisadora solidariamente à sujeita /respondente dessa pesquisa assume a responsabilidade pelo conteúdo aqui registrado.

A guarda gravações dos áudios das 3(três) rodadas de conversas serão de responsabilidade exclusiva da pesquisadora e o conteúdo das narrativas serão utilizadas para construção das análises e discussões dessa pesquisa e para a produção de artigos de cunho científico.

No caso de dúvidas e esclarecimentos gentileza acionar a pesquisadora Maria Aparecida Vieira Albano Ferreira (e-mail: cidalbano2004@yahoo.com.br) telefone (24) 99843-4714. O endereço de referência da instituição de ensino acaso necessário contato presencial - CEFET/RJ - Rua General Canabarro, 485 - Maracanã, Rio de Janeiro - RJ, 20271-204.

Anexo B – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, **RELMA APARECIDA CÂNDIDO DAMASCENO**, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, inclusive os dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, e duas testemunhas, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder da pesquisadora.

Volta Redonda-RJ, 14 de agosto de 2022.

_____

Assinatura da sujeita/respondente da pesquisa

_____

Assinatura da pesquisadora

_____ _____

Testemunha Testemunha